



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 452 . ANO 52 . JUL/AGO 2007

Ovinos: cuidado com
as verminoses

Confinamento: alto
concentrado compensa

História: era uma vez
a "cara inchada"

ESPECIAL MT, RO & AC

MUITO ESPAÇO PARA ³ CRESCER

EDITORIAL

Parabéns para todos nós

O principal mérito de uma empresa é fazer por merecer a confiança dos seus parceiros, sejam clientes, fornecedores ou quaisquer outros com relações comerciais. A Tortuga orgulha-se de, em mais de 53 anos de história, ter construído relacionamentos duradouros e extremamente positivos com produtores, técnicos, revendedores, órgãos públicos e privados...

Está aí algo que faz parte da nossa história. Vez por outra somos lembrados de conquistas, iniciativas e inovações feitas pela nossa empresa. E as festejamos com ênfase.

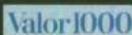
Neste momento, cumpre a nós saldar, cumprimentar e agradecer a confiança de todos no trabalho da Tortuga. Estão no mercado duas publicações econômicas de altíssima qualidade e, acima de tudo, competência e respeito. São "Melhores & Maiores", da revista Exame, e "Valor 1000", do jornal Valor Econômico.

A Tortuga aparece com destaque em ambas. Nossa empresa está listada como a 548ª maior do Brasil na Valor 1000 e como a 619ª maior na Exame. Nunca é demais ressaltar que é a confiança depositada por vocês, nossos amigos e parceiros, que a coloca nesse pedestal.

Isso não é tudo, felizmente. Está saindo o Anuário do Agronegócio 2007, da revista Globo Rural. E a Tortuga figura com a melhor empresa no segmento Produtos Veterinários. Isso sem dizer do destaque no Anuário de Agronegócio da revista Exame, em maio. E também do ranking das 100 Melhores Empresas para Trabalhar, da revista Época, cuja cobertura está à página 5, além do prêmio A Granja do Ano 2007/2008, com a vitória da nossa empresa na categoria Nutrição Animal.

A Tortuga e os seus mais de 700 colaboradores agradecem.

MAX FABIANI
Presidente da Tortuga



CARTAS & E-MAILS

Laurindo Hackenhaar

Como colega de turma de engenheiros agrônomos do Laurindo, aliás, agora estamos comemorando 40 anos de nossa formatura, fiquei emocionado e gostaria de divulgar o artigo "Tortuga de Corpo e Alma", da edição 451, para meus colegas e também para a família dele. ARTIDOR A. BRATZ, Carazinho (RS)

Parabéns pela matéria "Tortuga de Corpo e Alma", que fala especialmente do dr. Laurindo. Realmente, tudo o que vocês escreveram sobre ele é a pura verdade. Até foram econômicos nos seus predicados. Ele era uma pessoa extremamente bondosa, generosa, honesta, sincera e um amigo como poucos. Homem de fala mansa, mas muito convincente. Um amante da suinocultura e dos suinocultores de todo o Brasil. Eu o conheci no início dos anos 80 e até hoje sou um grande admirador do seu caráter. E o seu filho Leandro é uma cópia do pai. É muito importante e louvável que uma empresa desse porte tenha a sensibilidade de referenciar as pessoas que realmente fizeram do seu trabalho pela organização um objetivo de vida.

VALMIR COSTA DA ROSA Superintendente do Serviço de Registro Genealógico da ABCS

Cumprimentos

Agradeço a atenção que vocês têm tido comigo e aproveito para elogiar o belo trabalho profissional, que é o Noticiário Tortuga.

SÉRGIO LUIZ TAVARES RÉGIO

Poucas palavras sobre o Noticiário Tortuga: assim se faz imprensa séria e competente. Parabéns. ROMÃO MIRANDA VIDAL, médico veterinário

Gostaria de parabenizar a empresa pelo novo modelo do Noticiário Tortuga, o novo design e o conteúdo técnico. Ao passo que também parabenizo pelo programa gratuito de formulação de ração, que se encontra no site para download. Parabéns.

BRÁULIO CRUZ, zootecnista

Gostaria de parabenizá-los pela excelente divulgação da Tortuga. Sempre que tenho oportunidade, abro sua página na internet. É um site onde encontramos toda a informação necessária para comunicação direta com vocês. E isso não encontramos em qualquer empresa. Realmente, vocês estão de parabéns.

IRIS RIBEIRO, Matias Cardoso (MG)

Foco no produtor

Felicitó a Tortuga e demais colaboradores pelo Noticiário Tortuga, em especial a edição 451. Confesso que muito me agrada, na condição de pesquisadora, ter acesso a um material técnico que objetiva o produtor rural. Observo que, na maioria das vezes, nossos trabalhos e publicações não vislumbram o campo como elo final da cadeia, o que gera total assimetria de informação e, por consequência, baixos índices pecuários. Creio que a revista tem preenchido de forma clara e objetiva esta lacuna, proporcionando aos verdadeiros "homens do campo" acesso à literatura técnica. Compartilho desses mesmos objetivos. Para tanto, a cada dia, tento adaptar a pesquisa à realidade de propriedades e, principalmente, de proprietários rurais.

SORAYA TANURE, médica veterinária (RS)

MERCADO

	Agosto 2006	Agosto 2007
Boi Gordo (@)	R\$ 55,66	R\$ 64,74
Suíno (@)	R\$ 39,00	R\$ 44,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,20	R\$ 1,85
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 24,70	R\$ 44,70
Leite B (litro)	R\$ 0,56	R\$ 0,74
Leite C (litro)	R\$ 0,48	R\$ 00,67
Milho (saca)	R\$ 13,90	R\$ 19,54
Soja (saca)	R\$ 23,70	R\$ 32,00

fonte: Canal Tortuga

Preços ao produtor Base São Paulo

1US\$ = R\$ 2,01

EDIÇÃO 452
JUL/AGO 2007

Boi Gordo (dólores por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	27,49
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	27,48
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	29,23
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	30,07
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	32,11
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	30,11
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	

NESTA EDIÇÃO

- 04 CERTIFICAÇÃO INÉDITA
- 05 MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR
- 06 ENTREVISTAS COM IVO CASSOL (RO) E HOMERO PEREIRA (MT)
- 15 GRANJA SANTA MARIA VALORIZA FUNCIONÁRIOS
- 18 O FIM DO GARGALO NA PECUÁRIA
- 22 DIETAS EM CONFINAMENTOS
- 30 PNEUMONIA EM BEZERROS
- 50 HISTÓRIA

A "Cara Inchada" e o Fósforo é o tema do artigo do médico veterinário João Osmar de Oliveira, da Tortuga, publicado em março de 1972, reproduzido nesta edição do Noticiário Tortuga.

- 02 Editorial, Cartas & E-mails
- 03 Mercado
- 10 Foco
- 12 Qualidade
- 16 Inovação
- 17 Tecnologia
- 32 Panorama
- 33 Especial



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

www.noticiariotortuga.com.br

NOTICIÁRIO TORTUGA

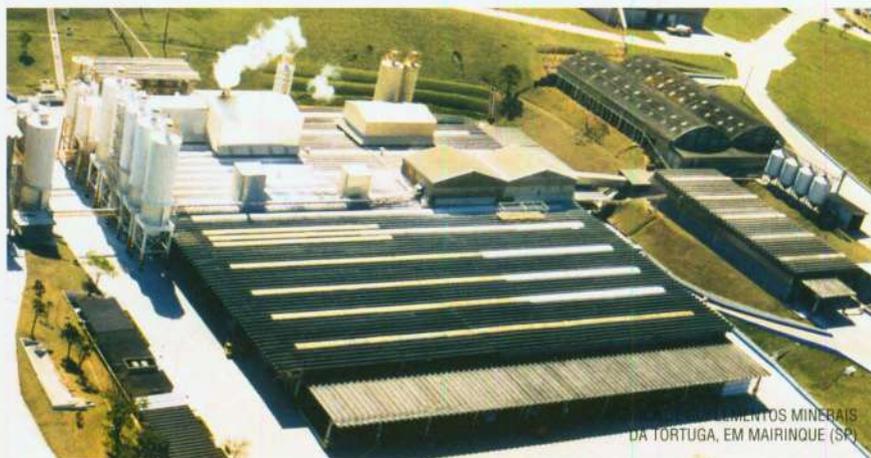
Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Paulo Cezar de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)
PRODUÇÃO EDITORIAL
Texto Assessoria de Comunicações
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Altair Albuquerque (MTb 17.291)
EDITOR
Marcio Mingardo
REDAÇÃO
Julio Ibelli e Daniel Medeiros
FOTOS
Texto Assessoria de Comunicações,
Arquivo Tortuga
PROJETO GRÁFICO
IDE2 identidade . design . estratégia
TIRAGEM: 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:
E-MAIL: IMPRENSA@TEXTOASSESSORIA.COM.BR
TELEFONE: (11) 2198-1888

Tortuga Cia. Zootécnica Agrária
Av. Brig. Faria Lima, 2.066 - 13º andar | São Paulo - SP
CEP 01452-905 | Tel.: (11) 2117-7700 | Fax: (11) 3816-6122
E-mail: noticiario@TORTUGA.com.br | SAC 0800 011 6262

Certificação EurepGap Nível 3



A Tortuga é a primeira empresa do País a conquistar o Nível 3 de certificação no Programa Feed & Food Safety (gestão do alimento seguro) para o segmento de suplementação mineral, na unidade industrial de Mairinque (SP).

Com essa certificação, a Tortuga passa a atender a uma série de requisitos de qualidade e segurança, como Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC – Nível 2), Boas Práticas de Fabricação (BPF – Nível 1), Sistema de Gestão da Qualidade (baseada na norma ISO 9000), além de exigências específicas EurepGap (Euro-Retailer Produce Working Group) para atender à legislação européia.

“Os produtores rurais, clientes da Tortuga, passam a contar com mais um reforço para garantir a qualidade e a segurança alimentar das proteínas animais para o exigente, e por isso mesmo competitivo, mercado europeu”, afirma a gerente de garantia de qualidade da empresa, Michelle Scalabrin. “Essa certificação certamente possibilita aos nossos clientes ganhos com o aumento da procura por proteínas animais em todo o mundo”, completa.

A certificação Feed & Food Safety, Nível 3, foi dada pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini, do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica (PRO/POLI), vinculada à Universidade de São Paulo (USP). A entidade é um dos cinco Organismos de Avaliação de Conformidade aprovados pelo Sindicato

Fundação Carlos Alberto Vanzolini dá certificação inédita de segurança alimentar para a Tortuga.

Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), que estabeleceu o Feed & Food Safety no Brasil, seguindo os preceitos da certificação EurepGap.

EurepGap foi criado em 1997 por varejistas europeus para padronização de alimentos e atestar a qualidade em todas as etapas da cadeia produtiva. Empresas com certificação EurepGap valorizam e aumentam o acesso de seus produtos agropecuários e processados à União Européia, um dos principais e mais exigentes mercados importadores de proteínas animais. NT

MICHELLE ACOMPANHOU O PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO NÍVEL 3, DA TORTUGA



Uma das melhores empresas para trabalhar



Consultoria Great Place to Work e revista Época premiam Tortuga pelo seu ambiente de trabalho. O melhor é que o resultado expressa a opinião dos próprios funcionários.

A Tortuga é uma das “100 Melhores Empresas para Trabalhar” no Brasil, premiação concedida pela consultoria internacional Great Place to Work e revista Época, da Editora Globo.

A pesquisa “100 Melhores Empresas para Trabalhar” entrevistou mais de 253 mil profissionais de empresas que atuam no Brasil em diversos segmentos, dentre os quais colaboradores da Tortuga.

Participaram do prêmio empresas do Sudeste [São Paulo (45%), Rio de Janeiro (10%), Minas Gerais (8%) e Espírito Santo (1%)], Sul [Rio Grande do Sul (7%), Paraná (5%) e Santa Catarina (3%)], e Nordeste [Bahia (3%), Pernambuco (2%), Ceará (1%), Maranhão (1%), Paraíba (1%), Rio Grande do Norte (1%) e Sergipe (4%)].

A pesquisa é realizada com metodologia da consultoria Great Place to Work, baseada na avaliação da satisfação dos funcionários, em cinco aspectos: credibi-

lidade, respeito, imparcialidade, orgulho e camaradagem e nas práticas de gestão de pessoas das empresas, em nove áreas: contratar e receber; inspirar; falar; ouvir; agradecer; desenvolver (pessoal e profissional); cuidar; celebrar e compartilhar.

“É uma grande satisfação para a Tortuga ser ranqueada entre as 100 Melhores Empresas para Trabalhar, especialmente porque essa é uma premiação na qual a opinião

dos colaboradores é fundamental. Em outras palavras, fazer parte desse ranking significa que estamos construindo uma empresa que respeita, envolve e tem a participação dos seus funcionários”, assinala Max Fabiani, presidente da Tortuga. **NT**

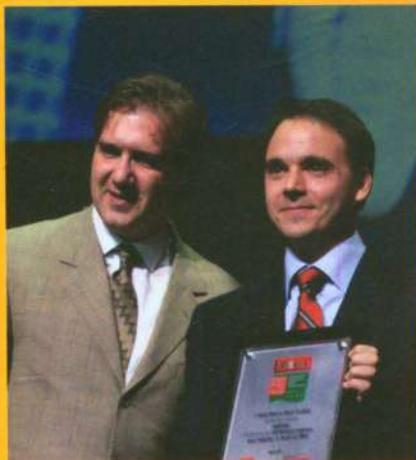


FOTO: DIVULGAÇÃO

MAX FABIANI, PRESIDENTE DA TORTUGA, COM A PLACA EFETIVA PARTICIPAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA EMPRESA



ENTREVISTA

O MELHOR AINDA ESTÁ POR VIR EM RONDÔNIA

A chegada de novas plantas frigoríficas está transformando a pecuária local. Os criadores fazem a sua parte e já somam 12 milhões de cabeças. O governo do Estado, comandado por Ivo Cassol, investe em infra-estrutura e cria programas de incentivo aos produtores. Este é Rondônia, um Estado que não pára de crescer.

A seguir, trechos da entrevista exclusiva que o governador Cassol concedeu ao Noticiário Tortuga.

CASSOL: "NOSSAS POTENCIALIDADES SÃO IMENSAS E PRATICAMENTE INEXPLORADAS"

Noticiário Tortuga – Em entrevista recente, o senhor disse que o agronegócio é hoje um dos maiores responsáveis pelo crescimento do Estado de Rondônia. Que tipo de incentivos o governo tem criado para estimular o crescimento do setor produtivo, objetivando atrair novos investimentos?

Ivo Cassol – Agimos com muita responsabilidade em relação ao agronegócio em nosso Estado. Especificamente na cadeia da carne bovina, Rondônia tem hoje 17 unidades frigoríficas em funcionamento e mais 4 em construção. O setor rural representa 43% do nosso PIB, tendo na agropecuária seu maior expoente, com 37% de participação. No esforço para atrair investidores, algumas ações merecem destaque. Investimentos têm sido feitos na infra-estrutura de estradas, com abertura, manutenção e pavimentação asfáltica, em longos trechos das rodovias que cortam o Estado.

De outro lado, alguns programas têm auxiliado diretamente o produtor rural. É o caso do Promec (Programa de Mecanização Agrícola), que beneficia com cinco horas de máquinas as pequenas propriedades rurais (até 100 ha) que precisam fazer represas de água para o gado, terreiros e tantas outras necessidades. O Projeto Inseminar

distribui às associações e cooperativas sêmen de qualidade para inseminação artificial. Com ações como essas, esperamos dobrar a produção de leite em curto intervalo de tempo, sem precisar aumentar o rebanho. Em relação aos incentivos para o setor empresarial, o governo estadual tem adotado política de diminuição na alíquota de alguns

impostos, beneficiando tanto frigoríficos como empresas de outras áreas.

Noticiário Tortuga – A pecuária de corte é a segunda atividade em geração de divisas para a economia rondoniense. De que forma o governo tem trabalhado para fortalecer as bases da cadeia de produção da carne no Estado?

Ivo Cassol – O crescimento da pecuária de corte em Rondônia realmente chama a atenção pela pujança dos números, que mostram rebanho de quase 12 milhões de cabeças, abates na casa dos 2 milhões de cabeças/ano e 37% de participação no PIB do agronegócio estadual. Só que isso já é o resultado de trabalho iniciado há mais de 15 anos e que envolveu a participação conjunta de todos os elos da cadeia de produção da carne em Rondônia. De lá para cá, temos trabalhado em conjunto com representações de diferentes segmentos para firmar diretrizes sólidas, sobretudo em retorno financeiro ao pecuarista. Com a entrada de grandes frigoríficos na região, deve haver valorização sobre a carne e isso certamente trará mais investimentos em produção.

Noticiário Tortuga – Em relação à defesa sanitária animal, Rondônia mantém condição privilegiada no controle das principais doenças que causam prejuízos econômicos à pecuária. O que está sendo feito para manter essa condição de sanidade do rebanho?

Ivo Cassol – Para continuarmos crescendo, precisamos cuidar da sanidade do nosso rebanho. Para isso, é fundamental que todos os pecuaristas continuem vacinando seu rebanho. Disso não abrimos mão. Táí os exemplos de Mato Grosso do Sul, de Paraná e de São Paulo e os prejuízos que tiveram e ainda têm com a febre aftosa. Por outro lado, o alto índice de vacinação (99,99%) obtido na campanha de vacinação contra a aftosa nos habilita a vender para os mais exigentes consumidores do mundo, caso do mercado europeu, bem como para comercialização com os demais Estados brasileiros. Nós fizemos um belo trabalho e agora estamos colhendo os frutos.

Noticiário Tortuga – As exportações de proteínas animais de Rondônia bateram US\$ 124 milhões em 2006, o dobro do Mato Grosso do Sul, considerado o maior produtor de carne bovina de qualidade do País. O que isso significa?

Ivo Cassol – Para nós, isso é motivo de grande satisfação. Infelizmente, os produtos exportados não deixam praticamente nenhuma divisa para o caixa do Estado, que não arrecada ICMS. Nós queremos agregar valor e, para isso, precisamos continuar o nosso trabalho nesse mercado tão competitivo. Rondônia possui as melhores condições do País para a pecuária. Aqui, nós temos terra de qualidade, produtiva, e o que nós queremos, sim, é ter pecuária intensiva para aumentar o volume de abates e, com isso, melhorar ainda mais nossa participação nas exportações de carne bovina do País.

O que o Estado de Rondônia precisa é aumentar a concorrência. Concorrência essa que trará melhor preço ao setor produtivo, hoje o mais penalizado. O preço da arroba do boi gordo ainda é menor do que em outros Estados. Porém, com a chegada de novas unidades frigoríficas, a relação oferta/demanda deve pender favoravelmente ao pecuarista.

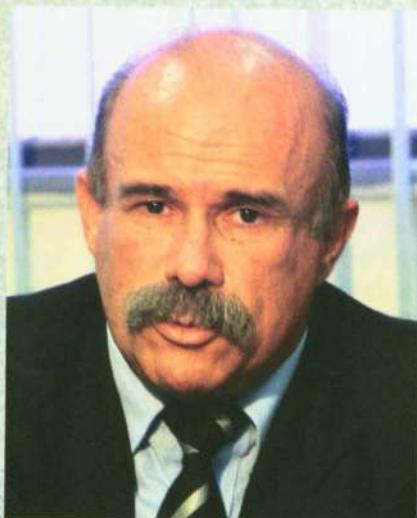
Noticiário Tortuga – Quanto ao futuro da pecuária em Rondônia, o que o produtor pode esperar em termos de ações de governo para que a atividade mantenha seu atual ritmo de crescimento?

Ivo Cassol – Convido a todos os empresários que queiram investir em nosso Estado, que venham ver de perto nosso tremendo potencial. Além dessa nova fronteira de desenvolvimento que teremos, com a instalação das novas usinas hidrelétricas, vejam o potencial que temos na agricultura e na pecuária. São todos nossos convidados. Inclusive para aproveitar o potencial turístico do Estado, como o Vale do Guaporé, as margens do rio Mequéns, do Corumbiara e tantos outros rios extraordinários para a pesca esportiva. Nós temos, aqui, a região que mais dá peixe no Brasil. NT

ENTREVISTA

CRESCIMENTO COM *responsabilidade*

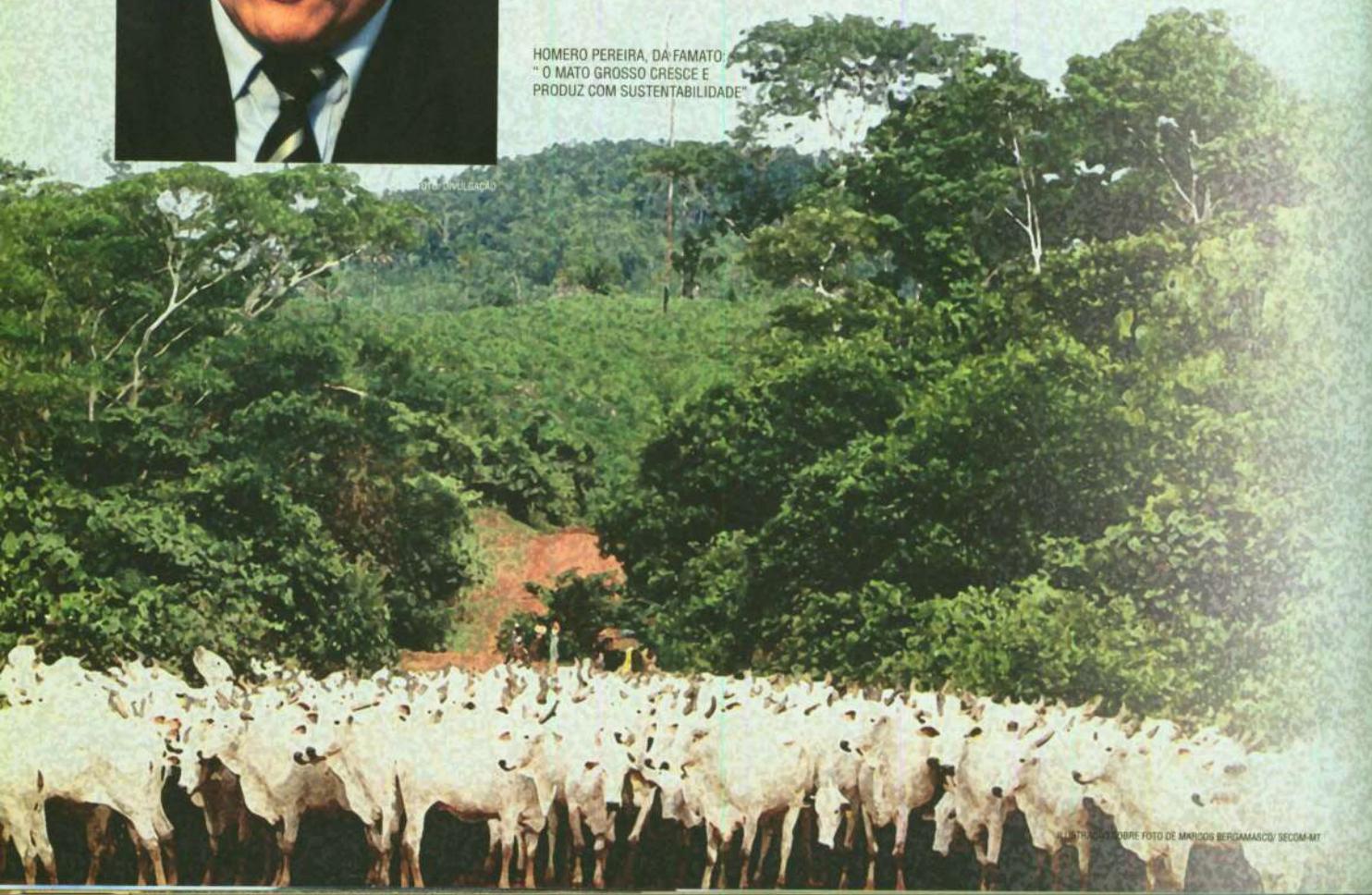
Pecuária avança no Mato Grosso, mas a preocupação é com o meio ambiente e o aspecto social. A Famato defende essas bandeiras.



O Mato Grosso tem o maior rebanho bovino do País. Além disso, recebe mais plantas frigoríficas e investe em genética. A sanidade e a nutrição de qualidade acompanham esse processo. “Os desafios estão aí para ser vencidos”, assinala Homero Pereira, presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Mato Grosso (Famato). Nesta entrevista exclusiva ao Noticiário Tortuga, Pereira dá mais exemplos do que está sendo feito no Estado, sempre tendo em vista a sustentabilidade da cadeia produtiva.

HOMERO PEREIRA, DA FAMATO:
“O MATO GROSSO CRESCE E
PRODUZ COM SUSTENTABILIDADE”

FOTO: DIVULGAÇÃO



Noticiário Tortuga – A grande extensão territorial que elevou o Mato Grosso à condição de maior produtor de grãos do País, deixa o Estado também em posição favorável para se posicionar entre os principais produtores de proteína animal. Que análise o senhor faz dessa realidade positiva para o MT?

Homero Pereira – Realmente, hoje, no Estado do Mato Grosso temos um cenário extremamente favorável para a produção de proteína animal: alimentação farta, tecnologia e produtores rurais jovens e empreendedores. Por outro lado, temos o setor frigorífico forte e implantando novas plantas industriais. Dessa forma, há tudo para acreditar que não é em vão termos o maior rebanho de gado bovino do Brasil, com boa sanidade e de extraordinária qualidade genética. Mais recentemente, estamos testemunhando o consórcio lavoura-pecuária, especialmente no médio-Norte mato-grossense, onde, a partir do uso de resíduos da agricultura, produzimos proteína animal com menores custos. Assim, temos também todos os motivos para acreditar que aumentaremos ainda mais nosso rebanho bovino, sem que, no entanto, tenhamos de desmatar novas áreas. Haveremos de conseguir isso. Nossos produtores estão bastante conscientes de que os mercados exigem sustentabilidade ambiental e social na produção agropecuária.

Noticiário Tortuga – Como a cadeia de produção da carne bovina no Estado está buscando manter essa posição conquistada, porém, em um modelo sustentável de produção?

Homero Pereira – Estamos alcançando a sustentabilidade ambiental e social dada a consciência de nossos produtores. Por outro lado, é necessário que as obras previstas no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) sejam implantadas para que tenhamos a sustentabilidade econômica de nossa atividade. Isso é imperioso, porque no ano passado já registramos redução de 700 mil cabeças em nosso rebanho. Porém, quando a logística corresponder à nossa capacidade de produção, aumentaremos as exportações e remuneraremos melhor os fatores de produção, tão necessários para que continuemos na atividade.

Noticiário Tortuga – Em termos de infra-estrutura para escoamento da produção agrícola, o produtor mato-grossense ainda é obrigado a conviver com o antigo problema da má conservação das estradas. Como o sr. avalia essa situação? É possível mudar isso no curto prazo?

Homero Pereira – Acredito, seguramente, que esta triste situação será mudada. Porém, no curto prazo, em se tratando de infra-estrutura econômica, é claro que não. O governo federal deve realizar as obras previstas no PAC. Dessa forma, não tenho dúvidas que o Mato Grosso poderá ser referência nacional e mundial em termos não só de pecuária, mas de todas as cadeias do agronegócio. Vamos perseguir esta meta! Estamos em um esforço conjunto com o governo do Estado fazendo parcerias, consórcios, pavimentando estradas. Enfim, tentando minimizar o nosso crônico problema de logística.

Noticiário Tortuga – Outra questão preocupante diz respeito ao controle sanitário dos rebanhos? Qual a estratégia do governo de Mato Grosso para cuidar da sanidade do seu rebanho?

Homero Pereira – Continuar aperfeiçoando a estratégia que praticamos desde 1994, que considero vencedora. Mato Grosso deu um grande exemplo quando criamos o Fundo Emergencial de Combate à Febre Aftosa (Fefa). De lá para cá, não tivemos mais problemas com essa doença em nosso Estado. Por outro lado, é necessário que o governo federal cumpra com o orçamento quanto à sanidade animal. Afinal, a pecuária contribui fortemente para as exportações, além de atender plenamente a demanda interna. Porém, precisamos avançar, quem sabe para uma política de defesa sanitária de continente, pois não basta um Estado fazer sua parte, já que se pode sofrer conseqüências da ineficiência política de outro Estado e até de outro país.

Noticiário Tortuga – Por muito tempo os olhos da pecuária brasileira se voltaram muito mais para a parte técnica e o aumento da produção nas fazendas, em detrimento da parte comercial.

Que análise o senhor faz dessa questão segundo a realidade do MT?

Homero Pereira – De fato, este é ainda um antigo problema que temos de resolver. O pessoal do algodão foi pioneiro nesta iniciativa, o da soja está também em busca de soluções mercadológicas. Agora, no governo Blairo Maggi, foi criado o Fundo de Apoio à Pecuária de Corte (FABOV). O primeiro projeto foi a contratação, pela Famat, das Universidades Federal de Viçosa (UFV) e Federal de Mato Grosso (UFMT) para que, juntamente com alguns consultores, elaborassem um diagnóstico da pecuária de corte no Mato Grosso. A partir dessa análise, vamos, passo a passo, desatando os nós dessa importante atividade e, em relação a novos mercados, precisamos evoluir na comercialização.

“O MT SERÁ REFERÊNCIA NÃO SÓ EM PECUÁRIA, MAS EM TODAS AS CADEIAS DO AGRONEGÓCIO”

Noticiário Tortuga – Olhando para o futuro da atividade de criação no Estado, que conselhos o senhor daria ao pecuarista mato-grossense?

Homero Pereira – Cautela na expansão da atividade é o primeiro conselho que qualquer pessoa bem intencionada com a classe daria. Outra questão importante é não abandonar o uso de tecnologias, rastreabilidade e certificação. Temos de fazer com que o nosso rebanho seja reconhecido pela qualidade. Outra questão que jamais poderá ser esquecida é a de que não podemos abandonar os cuidados com a sanidade. E divulgar isso. Não basta sermos bons nessa área; precisamos demonstrar. Além de promover mais harmonia, principalmente, na cadeia da pecuária de corte. NT

FOCO

Este caso foi contado pelo dr. Rodrigo Costa, coordenador de Gado de Leite, da Tortuga, de boa origem, ali em Poço Fundo, no Sul mineiro. Não ficou claro se ele vivenciou o fato ou se ouviu dizer. Jura que aconteceu e não há razão para duvidar, posto se tratar de homem de respeito, palavra e crédito.

Passou-se lá pela década de 1960, numa cidade pequena daquela região de café e leite, que ele omite o nome por precaução e princípio, já que não quer despertar desavenças entre a gente pacata e séria daquelas bandas.

Lugar de fervor e fé inabaláveis. A religiosidade era, certamente, a maior característica daquele povo ordeiro e trabalhador, cuja diversão era falar da vida alheia, discutir futebol, molhar a prosa com a mais pura aguardente da região, a famosa cachaça Inhame, além do cinema, é claro. Aliás, o cinema era indubitavelmente o foco das atenções da cidade. Os filmes eram classificados em: de pirata, de guerra, de amor e histórico. Às quartas, filme de ação, precedido por um seriado que sempre deixava para a semana seguinte um ar de suspense e emoção. Aos sábados e domingos, duas sessões. A matinê e a sessão da noite. Quando o filme era impróprio para menores de dezoito anos, só havia a sessão noturna.

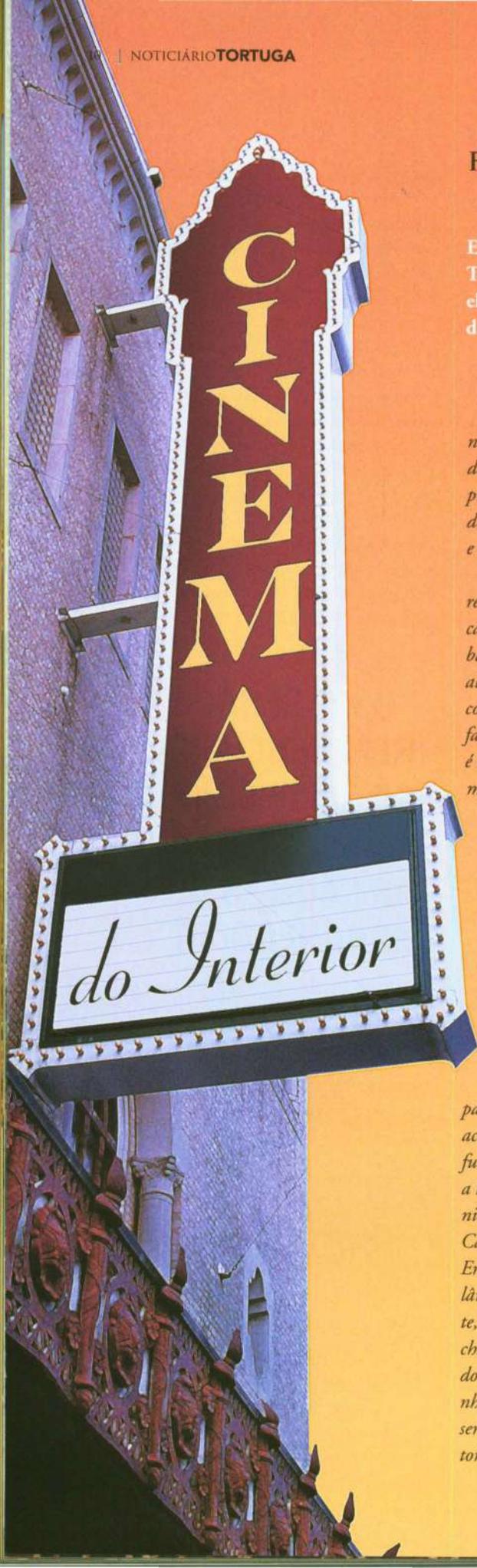
Seu Candinho (o nome é fictício, para não deixar ninguém embaraçado) acumulava, com pompa e galhardia, as funções de bilheteiro e projetor. Esgotada a lotação ou vendo que não havia mais ninguém para adquirir as entradas, seu Candinho tomava o seu posto de projetor. Eram duas máquinas, já de certo uso. A lâmpada dos projetores, muito potente, provocava um aquecimento numa chapa de metal, situada bem na saída do foco de luz. Era ali que o seu Candinho esquentava umas lingüiças que lhe serviam de tira-gosto para as cachaças que tomava durante a sessão. A platéia já se

acostumara ao cheiro forte da iguaria que se espalhava pelo ar.

Era Semana Santa, o cinema passava o filme "A Paixão de Cristo". Não havia mais lugares vagos. A lotação rapidamente se esgotara. Seu Candinho, aproveitando o tempo disponível, começou a separar os rolos de filme e a provar da cachaça Inhame um pouco mais cedo e, a bem da verdade, exagerou um pouco. Por respeito, não fritou a lingüiça naquela noite. Vinte horas em ponto. Apagam-se as luzes e começa a projeção. Filme grande, de quatro rolos. O rolo número um rodava enquanto a outra máquina já estava com o rolo número dois, pronta para projetar, enquanto Seu Candinho continuava tomando a Inhame e sentindo falta do tira-gosto. Já esgotara uma garrafa e abria outra. Quando o terceiro rolo estava terminando, Seu Candinho já achava graça do filme. A última cena do terceiro rolo mostrava um bando de soldados romanos batendo em Jesus, sem dó nem piedade. As senhoras choravam emocionadas e revoltadas com aquela crueldade. O clima era de consternação. Seu Candinho, completamente embriagado, prepara o último rolo, com o conhecido final. O derradeiro rolo começa a girar e ouvem-se gritos, palmas e assobios. A sala de projeção é uma festa só. Valentes camisas azuis da cavalaria americana invadem a tela. Todos deliram. As mulheres dão graças.

Seu Candinho, bêbado, colocara por engano um rolo do filme "O Forte Apache". A cavalaria chegara para salvar Jesus daquela humilhação. Até hoje, comenta-se o episódio naquela pequena cidade.

PAULO MACEDO



Parabéns, veterinário!

A Tortuga te saúda

9 de Setembro, dia do médico veterinário, coincide com a data em que Getúlio Vargas publicou o decreto regularizando a profissão no Brasil. Mas sua história começou bem antes.

Deus criou, Noé protegeu e o Médico Veterinário multiplicou. Este é o mote da campanha que o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) criou para comemorar o dia 9 de setembro, especialmente dedicado a este profissional. Se o lema deste ano tem inspiração religiosa, a instituição da data passa necessariamente pelo reconhecimento político.

Foi em 1933, quando o então Presidente da República, Getúlio Vargas – notório defensor das causas trabalhistas (como carteira de trabalho e férias), assinou o Decreto-lei 23.133, que regulamentava a atuação do médico veterinário em território brasileiro. Isso, em um dia 9 de setembro, que acabou servindo como marco da profissão no País.

A primeira tentativa de instituir o ensino de veterinária no Brasil, ainda que sem sucesso, aconteceu no Brasil Colônia, com Dom Pedro II, que ficou admirado com as discussões em torno da prática que presenciara na França.

A partir de 1910, com iniciativas militares (no Rio de Janeiro) e católicas (em Olinda/PE), entraram em funcionamento as escolas percussoras, que formariam os primeiros médicos veterinários em terras tupiniquins alguns anos à frente, em 1917. A partir de 1940, o diploma foi oficialmente instituído e passou a ser obrigatório para exercício legal da profissão.

Representatividade – Um passo além na consolidação da medicina veterinária brasileira foi dado no conturbado ano de 1968, em pleno regime militar, quando, em maio, jovens franceses deflagraram revolta contra a burguesia na capital, Paris.

Por aqui, um movimento liderado por representantes da classe acabou culminando na criação do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV).

No ano seguinte, 13 estados da Nação estabeleceram Conselhos Regionais de Medicina Veterinária (CRMV): RS, SC, MG, PR, RJ, MT, CE, GO, PA/AP, SP, BA, PE e PB. A criação de novos conselhos seguiu até 1989 e culminou, em 2003, com a unidade do Distrito Federal.

Origem – Há registro da prática veterinária em civilizações milenares, como egípcia, mesopotâmia e grega (inclusive quando esta última foi conquistada pelos romanos). No entanto, o primeiro compêndio, verdadeira “bíblia” veterinária, foi escrita na era cristã. A França foi o primeiro país do mundo a contar com uma escola de medicina para o trato de animais. A seguir, começando pelas nações vizinhas, quase todos os países europeus ofereciam o curso.

Parabéns, o mundo animal agradece!

A Tortuga entende o papel e a responsabilidade dos médicos veterinários com a produção animal porque tem a mesma relação de cumplicidade que eles. Além disso, emprega dezenas desses profissionais, que se dedicam diariamente ao controle sanitário e nutricional dos plantéis de bovinos (corte e leite), suínos, eqüinos, ovinos, aves, pequenos animais... A todos vocês, os nossos cumprimentos pelo Dia 9 de Setembro, pela excelência do trabalho e pela honra de trabalhar em parceria. NT



Paixão UNIVITELINA

No dia 26 de julho de 1985, nasciam em Formiga (MG), os gêmeos Leonardo e Ricardo Belo Teixeira, meninos fortes e iguazinhos: gêmeos univitelinos.

Porém, com o passar dos anos a semelhança entre eles deixou de ser apenas física. O amor pelos cavalos e pela vida com o gado foi a marca deixada nas várias fazendas em que viveram.

Formados como técnicos agrícolas, Leonardo partiu para experiência em fazendas leiteiras nos Estados Unidos e Ricardo permaneceu no Brasil. Retornando Leonardo, Ricardo partiu para a Europa, onde vive hoje, ainda trabalhando com cavalos, na Espanha.

Incentivados pelo pai Valdir Gonçalves Teixeira e protegidos pelas constantes orações da mãe, dona Auta, os gêmeos se destacavam desde muito cedo nas cavalgadas que cortavam as montanhas Sul-mineiras e nas festividades de abertura de exposições, quando demonstravam total domínio sobre os animais que montavam.

Daquelas peripécias equestres, os gêmeos passaram a freqüentar torneios hípicas rurais, ganhando a maioria deles. A disputa era sempre entre os próprios irmãos.

O sucesso nas pistas de terra foi o alicerce para um passo mais ousado: o hipismo clássico, em que também fazem história, conquistando vários prêmios em competições pelo interior de Minas Gerais e de São Paulo, com destaque ao campeonato do Festival de Inverno de Campos do Jordão, em que Leonardo sagrou-se campeão,



FOTO: CRÉDITO

em 2005. Agora, em 2007, já coleciona entre os prêmios uma motocicleta, que recebeu ao se sagrar campeão das provas hípicas de Atibaia (SP).

Outra façanha, realizada na pista montada na Fazenda Santa Rita, onde vivem, em São Gonçalo do Sapucaí (MG), foi o salto em muros, que também se tornou exibição requisitada em certames por toda a região. Um burro que salta 1,10 metro! Inacreditável, mas provado pelas fotografias e pelos muitos expectadores que já testemunharam o fato.

Humildade e dedicação são os pilares da carreira destes dois irmãos de carne e de paixão que, sob os olhares atentos dos pais, vão galgando espaço e conquistando seu merecido lugar no concorrido cenário da equitação, sonho que podia parecer inatingível, mas que se torna a cada dia mais real.

EDUARDO VALIAS VARGAS
Supervisor técnico-comercial,
São Gonçalo do Sapucaí (MG)

IRMÃOS SÃO UNIDOS PELO ESPORTE
E PELO JEITO DE SER

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

QUALIDADE

História recente, mas de grandes resultados

Há pouco mais de três anos na pecuária de elite, a RS Agropecuária (MT) já desponta nas pistas com genética de alta qualidade.

A RS Agropecuária, de Tangará da Serra (MT), sempre teve como atividade principal a produção de gado de corte. 2004 foi marcado pelo início da produção de gado de elite e, desde então, a RS vem



ACIMA, BILL, GERENTE DA RS AGROPECUÁRIA, SEDINEI (SEDINEI DA LUZ E CIA. LTDA) E JULIO CAPILÉ GUEDES, SUPERVISOR TÉCNICO DA TORTUGA. ABAIXO, O TOURO BRASIL DA RS

despontando no cenário das pistas do Mato Grosso com ótimos resultados.

A fazenda está em seu quarto ano de seleção e já se posicionou em 7º no ranking do Estado, apresentando animais como Brasil da RS (Big Ben em vaca Nur Majal). O animal participou de seis exposições, recebendo oito prêmios, inclusive Reservado Campeão na Expoagro de Cuiabá e Grande Campeão do Nelomat, em 2006.

A seleção para as pistas começou com 5 doadoras e 200 receptoras. Em 2007, já está com 5 doadoras crioulas e 400 animais puros. A RS utiliza como suplementação mineral os produtos Tortuga, o que permite que os animais tenham total condição de desenvolver seu potencial genético. No fechamento da transferência de embriões, a média ficou em seis prenhez em cada 12 embriões transferidos. Os bezerros recebem Fosbovinho, acelerando seu desenvolvimento e fazendo com que comecem a pastar mais cedo.

A fazenda, assim como as outras propriedades do grupo, é gerenciada pelo Bill, que faz do gado PO a vitrine do trabalho na RS. Além da busca pelo que há de melhor nos campos da genética e da nutrição animal, a propriedade recebe o acompanhamento de profissionais especializados em cada área. A Tortuga auxilia no desenvolvimento da fazenda, buscando o melhor desempenho dos animais, refletido pela eficiência genética.

JULIO CAPILÉ GUEDES
Supervisor Técnico de Vendas, Cuiabá (MT)

Parceria boa É A QUE DÁ LUCRO

O pecuarista Rodolfo Ferro é cliente da Tortuga há 15 anos, sempre com resultados produtivos acima da média.

Juara, no Norte do Mato Grosso, é conhecida por possuir expressivo rebanho bovino, avaliado em 900.000 cabeças. É nesse município que Rodolfo Ferro vem obtendo excelentes resultados nas Fazendas Santa Mônica, Quatro Marcos, São José e Água Boa, nas quais se dedica à pecuária de corte de cria, recria e engorda, em que utiliza o cruzamento Nelore com Charolês.

As quatro propriedades, gerenciadas por Ayrton Ferro, filho de Rodolfo, comportam rebanho de aproximadamente 11.000 cabeças, que têm à sua disposição pastagens de capins mombaça e braquiarião, em divisões muito bem manejadas e com água farta e de boa qualidade.

Nesse sistema, que é todo em regime de pasto, os animais recebem suplementação conforme a idade e a época do ano. Durante o período da seca, são utilizados na formulação de proteinados o Núcleo Crescimento Tortuga para os animais de recria e o Núcleo Engorda para os animais em terminação, sendo que parte da desmama é suplementada com Fosbovi Protéico 45. Todo esse manejo, aliado ao bom gerenciamento, é refletido nos resultados produtivos do rebanho das propriedades.

Segundo Rodolfo, no passado ele chegou a utilizar outros produtos, mas há 15 anos só usa os suplementos da Tortuga, numa parceria que deu certo.

MAURÍCIO GUARNIERI
Supervisor técnico Tortuga

BEZERROS CRUZADOS NELORE/CHAROLÊS:
JOVENS E PESADOS

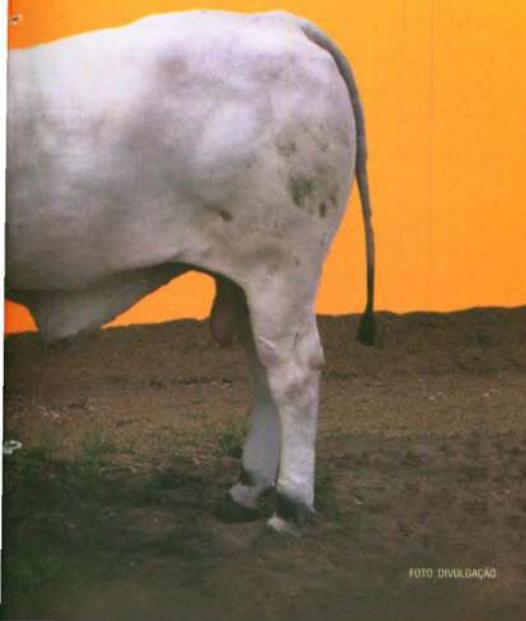


FOTO DIVULGAÇÃO



FOTO CREDITO

ESTÂNCIA VENDRAMIN sabe aonde quer chegar

Cabanha de Ponta Grossa (PR) estrutura-se para crescer e tornar-se referência na criação de cavalos crioulos.

Tudo começou quando o pai de Claudine, o empresário Aldo Vendramin, decidiu comprar alguns cavalos para facilitar os trabalhos de campo em uma pequena propriedade em Rio Branco (PR). Isso lá pelos idos de 1983, quando Aldo, que sempre atuou na área de engenharia, iniciou-se na agricultura e na pecuária. No começo, os cavalos eram apenas para trabalho. “Cavalo era para lida com gado. Não tínhamos visão de negócio na época, mas era uma grande fonte de lazer”, relembra Claudine, hoje com 22 anos.

A paixão pela criação, no entanto, contagiou a filha do empresário. Ainda criança, Claudine aprendeu a cavalgar e, de repente, a adolescente criada na urbana Curitiba passava mais tempo na fazenda que na casa dos pais. “Descobri que queria isso para minha vida. Fui fazer medicina veterinária e decidi que viveria no campo”, conta.

E foi mesmo! Em 2006, Claudine casou-se com o médico veterinário Carlos Alberto de Camargo e, juntos, passaram a coordenar a parte equina da Estância

Vendramin, propriedade da família, em Ponta Grossa (PR). Com a supervisão do pai Aldo Vendramin, iniciaram projeto de pecuária extensiva e a criação de cavalos crioulos, que culminou em um dos melhores plantéis do Paraná, já reconhecido em importantes pistas do País.

É desta jovem cabanha o título do melhor exemplar da raça, conquistado na Expointer 2006, com o garanhão Pandemônio. De excelente padrão racial, o animal sobressaiu-se entre outros 150 garanhões e é uma das apostas da Estância Vendramin para intensificar o melhoramento da raça crioula. Isso não é tudo: em 2007, Pandemônio foi bi-Grande Campeão e Oraca do Itapororó, Grande Campeã e melhor exemplar da raça.

Planos de crescimento – No entanto, o jovem casal não está satisfeito com esta conquista e tem planos para ir além. O próximo grande objetivo é conquistar o cobiçado Freio de Ouro, título máximo da raça Crioula, que reúne avaliações morfológicas (padrão racial) e funcionais (nas quais o cavalo é avaliado na arena),

na Expointer. A família Vendramin quer transformar a estância em referência na criação da raça, produtora de genética de ponta, com a realização de um leilão anual, em, no máximo, cinco anos.

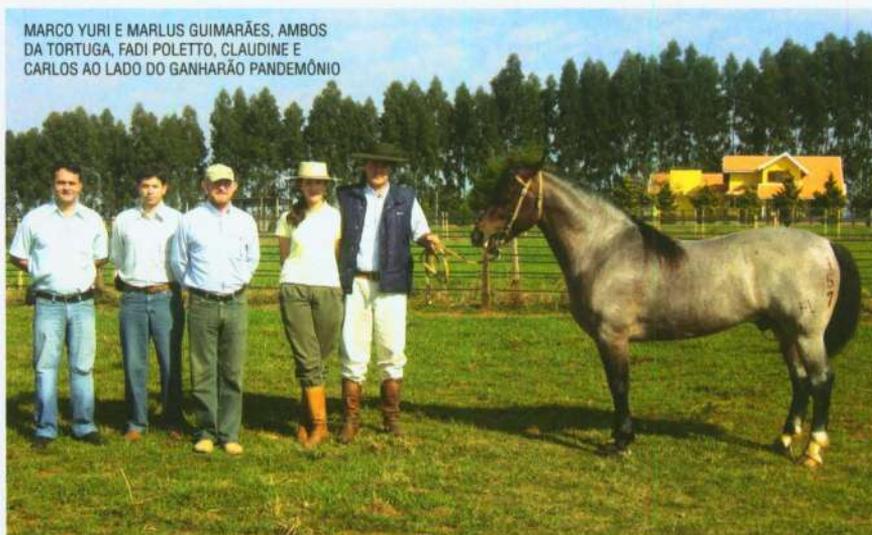
Para isso, a Estância Vendramin possui um planejamento muito bem definido e organizado. Enquanto treina os primeiros potros para competir, incorpora grandes aquisições, como um novo garanhão para conferir ao plantel mais funcionalidade. O reforço é Macanudo do Itapororó, de linhagem chilena.

Desde outubro do ano passado, todos os animais do projeto estão submetidos a um rigoroso programa nutricional, elaborado pela Tortuga, baseado na suplementação com o suplemento mineral Kromium. O objetivo é prepará-los para as exigentes provas funcionais, oferecendo minerais em moléculas orgânicas essenciais ao metabolismo muscular, à constituição da estrutura óssea e à prevenção de lesões, além de, também, favorecer a reprodução das éguas, o coração de um projeto em expansão.

“Até agora os resultados foram excelentes. Os animais aceitaram muito bem a dieta, por causa da alta palatabilidade do suplemento. A fertilidade das éguas melhorou, até mesmo entre as mais velhas, que têm maior carência de cálcio. E também praticamente eliminamos os problemas com miosite (câimbra) entre todos os animais”, diz Claudine, ressaltando os benefícios da nova dieta aos potros em treinamento para as provas.

“A Estância Vendramin destaca-se por ser um projeto bem focado, que sabe aonde quer chegar”, destaca o supervisor regional de vendas da Tortuga, Marco Yuri Lima, hoje atuando pela empresa na Argentina.

Com os investimentos em genética já realizados, e nutrição e sanidade equacionados, a prioridade é o aumento do plantel de éguas. A estância tem por objetivo oferecer 45 animais em seu remate e, para isso, precisa de, pelo menos, 120 fêmeas de cria. E têm de ser as melhores. Na manada atual da estância existem várias éguas com registro de mérito junto à ABCCC. Essas fêmeas podem, então, ter dois filhos por ano, um por transferência de embrião e outro por gestação normal. **NT**



MARCO YURI E MARLUS GUIMARÃES, AMBOS DA TORTUGA, FADI POLETTO, CLAUDINE E CARLOS AO LADO DO GANHARÃO PANDEMÔNIO

Capacitação para valorizar os profissionais



FOTO: TEXTO

O exemplo de sucesso das Granjas Santa Maria, do Espírito Santo, mostra que integrar os funcionários gera resultados muito positivos.

O Espírito Santo destaca-se no mercado nacional de produção de ovos. O Estado figura entre os maiores produtores nacionais do alimento e a cidade de Santa Maria de Jetibá é o segundo município no ranking nacional.

O sucesso alcançado pelos produtores do Espírito Santo, sobretudo na última década, deve-se, em grande parte, ao profissionalismo e ao espírito empreendedor. Referência para produtores de todo o Brasil e até do exterior, os empresários de Santa Maria de Jetibá deixam claro que o crescimento e o reconhecimento da atividade não são obras do acaso, nem tampouco da “insistência e do heroísmo” de granjeiros que resistem aos altos e baixos do mercado.

“A procura da produtividade em todos os pontos da cadeia do ovo é essencial para crescer. Otimizar é a palavra de ordem, pois não há espaço para desperdícios, seja de matérias-primas, de capacidade instalada ou de recursos humanos”, comenta Florêncio Berger, engenheiro agrônomo e sócio das Granjas Santa Maria, empresa avícola iniciada pela família Berger há mais de 40 anos.

Com plantel de 800.000 aves em produção e cerca de 90 funcionários diretos, a empresa está entre as mais eficientes do setor avícola, com índices de produtividade e de tecnificação muito acima das médias nacionais. A alta tecnologia é a base de todos os elos da cadeia, desde genética das aves, nutrição, vacinas e estrutura de produção de rações até equipamentos de produção e classificação de ovos, como também de tratamento de dejetos.

Toda essa tecnologia não teria seu espaço e muito menos resultados se o investimento na capacitação e no treinamento constante da equipe de funcionários da empresa não fosse uma preocupação também. “Temos de manter o pessoal capacitado e motivado para que a estrutura funcione”, diz Berger. Ele continua: “Implantação e certificação com o selo BPF (Boas Práticas de Fabricação) vão coroar esse esforço e destacar ainda mais a empresa no setor produtivo”.

A Tortuga, parceira das Granjas Santa Maria há 6 anos, como responsável pela nutrição das aves, vem auxiliando o processo de treinamento e capacitação dos colaboradores dos diferentes setores. Há três anos a empresa promove, juntamente com a diretoria das Granjas Santa Maria, palestras e visitas de campo com o intuito de orientar e criar junto ao corpo de funcionários a consciência do processo produtivo como um todo e, ao mesmo tempo, dar a todos a noção exata da importância de cada um no processo.

Iniciado em 2004, o Programa de Capacitação de Pessoal teve como palestra inaugural uma apresentação da Santa Maria aos próprios funcionários com o objetivo de estabelecer ligação direta entre a qualidade da produção e o sucesso na atividade. O programa tem como diretriz básica criar o comprometimento com a otimização: “O que posso fazer para melhorar?”, “Qual a importância do ‘como fazer?’” e “A responsabilidade sobre a qualidade dos alimentos”: estes são os tópicos básicos implícitos ou explícitos em todos os módulos do programa.

Com quatro treinamentos anuais, todos os setores da empresa receberam orientações específicas da suas áreas de atuação, com treinamentos audiovisuais e palestras motivacionais. Fábrica de ração, cria e recria, produção de ovos, classificação de ovos, motoristas e vendedores, todos participaram do processo e continuarão participando, pois o programa deve seguir a toda potência para acompanhar as novas investidas das Granjas Santa Maria.

O programa desenvolvido pelo Departamento de Avicultura da Tortuga contempla os clientes exclusivos da empresa e promove a capacitação em nível de “chão de fábrica”, esclarecendo com ilustrações e exemplos do dia-a-dia dos funcionários os motivos e objetivos das mudanças e melhorias que ocorrem a sua volta. “Durante o dia, visitamos o setor, conversamos com os funcionários, observamos a rotina, fotografamos e registramos fatos tanto ligados à função quanto ao comportamento e convívio social. E, ao final do dia, apresentamos em forma de palestra os resultados deste giro”, comenta Rodrigo Silva Miguel, coordenador de Avicultura da Tortuga. Miguel acrescenta que “é um bate-papo organizado, em que o pessoal entende a necessidade e a importância do que está acontecendo sem se sentir pressionado ou forçado a adotar procedimentos”.

O sentimento de participar de um processo evolutivo, de aproveitar a oportunidade de crescer profissional e pessoalmente deve prevalecer no programa e, ocorrendo isso, a facilidade de implantação de mudanças é maior.

Organização, profissionalismo, seriedade e preocupação com a produtividade são características indispensáveis a todas as empresas do setor avícola. Da mesma forma, a preocupação com o ambiente, com o bem produzir e com todos os envolvidos na atividade da empresa apenas as empresas com visão de futuro tem. E o futuro é delas!

Parabéns às Granjas Santa Maria pela iniciativa e, sobretudo, pelo terceiro ano de manutenção do Programa de Capacitação de Pessoal em parceria com a Tortuga.

RODRIGO SILVA MIGUEL
Médico veterinário – CRMV SP 10.552
Coordenador Nacional de Avicultura

As recordistas da Recanto

A seleção genética dos irmãos Barros Correia, em Alagoas, é reconhecida pela valorização dos seus animais Nelore.

De tradicional família de criadores no interior de Alagoas, os Irmãos Barros Correia (Celso, Aluísio e Ricardo) são hoje expoentes e exemplos de pecuária tecnicizada no Estado.

Tudo começou com o seu tataravô, que abriu os primeiros cercados para a exploração pecuária no município de Viçosa e, assim, passando por várias gerações, chegando até eles, que nasceram na Fazenda Recanto, em Chã Preta (AL).

Da união destes três irmãos nasceu a rigorosa seleção Nelore IBC, que durante mais de 30 anos de seleção genética primou pela excelência zootécnica, tendo produzido em seu criatório animais premiadíssimos em todo o Brasil, que sempre alcançaram as mais altas cifras nos leilões de elite, como Sombra Barros Correia (pertencente ao condomínio Bené Mutran e Mata Velha), que possui hoje prenhez muito valorizadas, tendo também uma de suas filhas, Típica Barros Correia (vaca vendida por duas vezes,

por mais de R\$ 1 milhão), Primavera Barros Correia (bateu recorde de preço no Leilão Noite dos Campeões, na Expozebu) e, agora, a fêmea Vala Barros Correia, considerada a melhor vaca do Brasil, na Expozebu 2007.

Os irmãos Barros Correia, além da seleção genética, exploram a produção de cana-de-açúcar e a pecuária de corte comercial, com rebanho atual de 5.000 cabeças. Nesse contexto, recentemente fizeram a opção pelo Programa Boi Verde, da Tortuga, e os resultados surpreenderam David Soutinho, médico veterinário do grupo, logo no primeiro diagnóstico de gestação. “Com o uso de Fosbovi Reprodução houve expressiva diminuição dos cistos ovarianos, melhoria na qualidade do cio e, conseqüentemente, incremento na taxa de prenhez da fazenda”, comenta David, sendo complementado por Celso de Barros Correia: “Para se obter sucesso na pecuária deve-se usar na fazenda a tecnologia que traga resultados. A escolha pelos suplementos minerais da Tortuga é a certeza de obter melhores resultados”.

CARLOS PORTELA
Supervisor técnico-comercial

ADALBERTO SANTIAGO
Promotor técnico-comercial



CELSO, ALUÍSIO E RICARDO BARROS CORREIA,
O VETERINÁRIO DAVID SOUTINHO E
ADALBERTO SANTIAGO (TORTUGA)

INOVAÇÃO

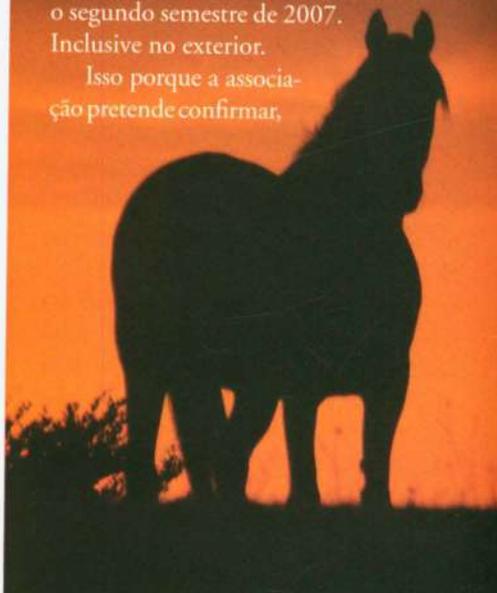
Parceria Tortuga e Abraveq

Empresa e entidade que reúne técnicos em equideocultura trabalham juntas em prol do fortalecimento da atividade.

A Tortuga e a Associação Brasileira dos Médicos Veterinários de Equídeos (Abraveq) firmaram uma importante parceria, que beneficia os criadores de todo o País. Os cerca de 700 técnicos associados da entidade podem contar com o *know-how* que fez da Tortuga a empresa líder no segmento de suplementação animal. Em troca, a Abraveq se compromete a levar essa nova parceria aos diversos eventos programados para o segundo semestre de 2007.

Inclusive no exterior.

Isso porque a associação pretende confirmar,



TECNOLOGIA

Previna-se contra as VERMINOSES EM OVINOS

Nutrição de qualidade é fundamental para dar aos animais a melhor proteção contra os vermes. O problema é latente e deve merecer atenção do produtor.

em breve, viagem a Moscou, capital da Rússia, onde irá pleitear a realização no Brasil do próximo Congresso Internacional de Equídeos, entre 2009 e 2010. Outros países, como Grécia e Índia, também querem o evento, mas o presidente da Abreveq, Thiago Luiz de Salles de Gomes, está confiante.

“Fomos ao Marrocos (no Norte da África) na última edição do Congresso Mundial para acertar a inclusão da Abreveq e saímos de lá confiantes sobre a vinda deste importante congresso técnico ao Brasil”, informa Salles, que ocupa o cargo há pouco mais de um ano e acumula a experiência de médico veterinário formado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP), com mestrado em cirurgia na mesma instituição, doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e ainda pós-doutorado pela USP.

No entanto, bem antes de alçar vôos internacionais, Abreveq, Tortuga e todos os envolvidos com a equídeocultura brasileira e demais interessados marcaram presença no maior evento técnico da atividade no País, a 8ª Conferência Anual da Abreveq, realizada em agosto juntamente com o III Congresso Internacional de Medicina Veterinária da Federação Equestre Internationale e Confederação Brasileira de Hipismo (FEI/CBH). NT

A verminose é um dos principais problemas sanitários da ovinocultura nacional. Dentre os vários parasitas do trato gastrointestinal, o que causa maiores prejuízos aos ovinos é o *Haemonchus contortus*. Esse parasita localiza-se no abomaso (estômago químico do ruminante) e se alimenta de sangue, de modo que pode causar, em animais sensíveis, anemia fatal.

O ciclo biológico da maioria dos vermes, inclusive o *Haemonchus*, inclui uma fase de vida livre: fêmeas dos helmintos se acasalam e põem ovos que sairão nas

fezes; os ovos eclodem e as larvas passam por duas mudas até a chamada L3 (larva de terceiro estágio, que está pronta para infectar o animal), em torno de sete dias.

Essa larva é, então, ingerida com a pastagem ou alimentos contaminados com fezes. Nessa fase, a larva precisa se defender de inimigos naturais (ex: fungos nematófagos, que se alimentam das larvas de nematóides) e da dessecação provocada por raios solares e vento. Por isso, o manejo rotacionado da pastagem, com rebaixamento acentuado da forrageira, colabora no controle da verminose. Uma vez dentro do animal (fase parasitária), a larva procura o seu local preferido e tenta se fixar na mucosa.

Os ovinos podem ser resistentes, resilientes ou suscetíveis à verminose. Os resistentes são aqueles cujo sistema imunológico não permite que as larvas se fixem na mucosa, interrompendo o ciclo parasitário. Os resilientes são os que permitem que alguns vermes se fixem e se reproduzam, mas sem que isso prejudique a saúde e o desempenho. Os suscetíveis são aqueles que permitem que grande número de parasitos se fixe, causando sintomas típicos da doença: anemia e o conseqüente edema de barbela,

VERMINOSES DEBILITAM OVINOS
E CAUSAM PREJUÍZOS AOS PRODUTORES



vulgarmente conhecido como “papeira” (sintoma típico de hemoncose), diarreia, emagrecimento, pêlos arrepiados e sem brilho (no caso dos deslanados) e lã solta (no caso dos lanados).

O diagnóstico das verminoses é feito por meio de exame de fezes (contagem de ovos por grama de fezes: OPG). O principal problema no controle da verminose é a resistência que muitos vermes, principalmente *Haemonchus*, adquiriram aos produtos químicos disponíveis no mercado. Para saber se determinado vermífugo é eficiente, deve-se fazer o teste de redução do OPG: coleta-se fezes de 10 animais no dia da vermifugação e, 7 a 10 dias depois, se repete o exame. A fórmula para calcular a eficácia está a seguir. Se a eficácia for inferior a 90%, pode estar havendo resistência ao vermífugo.

Ef. = (média OPG antes – média OPG depois) x 100 / média OPG antes

Atualmente, devido à ineficácia de muitos vermífugos, produtores já utilizam o controle seletivo, cujo objetivo é tratar somente os animais anêmicos ou pré-anêmicos, avaliados por meio da coloração da mucosa ocular, segundo um cartão de cores chamado Famacha. Para não haver falhas, é preciso avaliar todo o rebanho a cada 15 dias, ou até semanalmente, conforme a época do ano (por exemplo, no verão: época favorável ao *Haemonchus*).

Esse procedimento tem a desvantagem de só diagnosticar animais infectados pelo *Haemonchus*, mas, por outro lado, traz muitas vantagens ao ovinocultor, pois o rebanho fica sob controle, uma vez que durante as avaliações outras doenças infecciosas (ex: conjuntivite, *foot rot*, linfadenite, ectima etc) ou parasitárias (ex: bicheira, verminose por outros vermes, tais como *Trichostrongylus* ou *Oesophagostomum* que causam diarreia etc) podem ser diagnosticadas no início, o que evita o alastramento da doença e mortalidade. Outra grande vantagem do método Famacha é a manutenção da eficácia de determinado vermífugo no rebanho, pois apenas alguns animais são vermifugados, permitindo que vermes sensíveis ao medicamento permaneçam na população.

Por causa da resistência, a atenção tem-se voltado à nutrição adequada a cada categoria animal, principalmente quanto ao teor de proteína da dieta. Ovelhas no terço final da gestação e durante a lactação e cordeiros e borregos até 8 meses de idade são categorias que exigem dieta adequada, pois são mais suscetíveis à verminose.

Para fazer o exame de fezes, o material deve ser coletado em sacos plásticos finos (vestir o saco como luva e introduzir o dedo diretamente no ânus do animal, retirando-se entre quatro e seis “bolinhas”), identificado com o número do animal, categoria ou lote, e enviado refrigerado ao laboratório veterinário, em isopor com gelo, de preferência, reciclável. O ideal é coletar as amostras de animais de todas as categorias, de preferência, os mais magros e feios.

Em uma pequena criação (menos de 20 animais), coleta-se pelo menos 30% do plantel; em rebanhos de tamanho médio (21 a 200 ovinos), entre 8% a 10%; e, em rebanhos grandes, entre 3% e 5% dos animais. Antes de ser encaminhadas ao laboratório, as amostras podem ficar na geladeira (nunca no freezer) por até três dias. O exame de fezes, barato e de fácil execução, além de fornecer a eficácia do vermífugo permite saber que categorias do rebanho estão mais contaminadas e conhecer os animais resistentes (aqueles que têm OPG baixo, próximo ou igual a zero).

Tanto a resistência quanto a suscetibilidade à verminose são características herdáveis e, portanto, transmitidas para as gerações. Além disso, animais suscetíveis à verminose são menos produtivos. Todas as raças possuem indivíduos resistentes, resilientes e suscetíveis, o que varia é a porcentagem de cada um na população. Os indivíduos suscetíveis geralmente são minoria, e são eles que mantêm alta a infecção das pastagens, prejudicando todo o rebanho. Portanto, é vantajoso para o ovinocultor selecionar reprodutores resistentes e eliminar os indivíduos suscetíveis da população.

CECÍLIA JOSÉ VERÍSSIMO
Pesquisadora Científica do Instituto de Zootecnia Nova Odessa (SP)

O GRANDE GARGALO da Pecuária

O Brasil tem o maior rebanho comercial bovino do mundo, mas não é o maior produtor de carne. O motivo é a baixa produtividade da pecuária de corte que tem um grande gargalo, a época seca do ano. Época esta caracterizada pela falta de chuva, luminosidade e temperatura; três requisitos fundamentais para o desenvolvimento das plantas que, por consequência, geram escassez de alimento em quantidade e em qualidade.

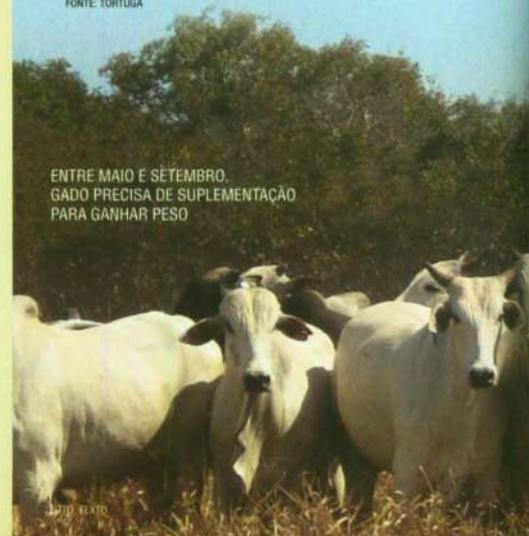
Ter reserva de forragem para a seca é determinante para o sucesso da atividade pecuária, e uma das estratégias mais utilizadas é o diferimento ou veda de pastagens. Essa prática preserva a quantidade, mas não a qualidade do capim. Como demonstra esta compilação dos resultados de mais de 200 análises de pastagens de Braquiária.

CONDIÇÕES DAS PASTAGENS DE BRAQUIÁRIA AO LONGO DO ANO

NUTRIENTES (% NA MS)	BOA (PERÍODO DAS ÁGUAS)
FÓSFORO	> 0,15
PROTEÍNA	> 6,0
NDT	> 50
FDN	< 70

FONTE: TORTUGA

ENTRE MAIO E SETEMBRO, GADO PRECISA DE SUPLEMENTAÇÃO PARA GANHAR PESO



Os resultados mostram aumento na quantidade de fibra (FDN) e diminuição de fósforo, energia (NDT) e principalmente proteína, essencial para garantir a eficiência digestiva. A digestão nos ruminantes é feita pela flora microbiana do rúmen, que precisa de no mínimo 6% de proteína para funcionar satisfatoriamente e como as pastagens de abril a setembro não têm essa quantidade mínima de proteína, o ganho de peso cai muito nessa época. Não raro, os animais até perdem peso.

O gráfico abaixo mostra o ganho de peso de um animal em regime de pasto ao longo do ano. Nota-se claramente que a curva de ganho de peso começa a diminuir acentuadamente a partir do início da época de seca. É para suprir a deficiência nesse período que surgiu a suplementação mineral protéica.

O fornecimento de suplementos minerais protéicos, com alta tecnologia e matérias-primas de qualidade, durante a seca, desde que haja uma quantidade satisfatória de capim,

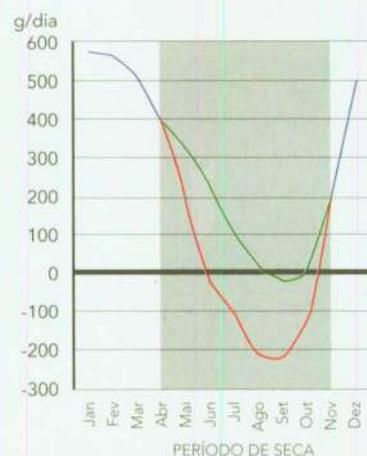
mesmo que seco, garante uma correta suplementação diária de minerais e proteínas ao rebanho, melhorando consideravelmente a produção de bovinos criados em regime de pasto, com ganho de peso satisfatório. O que reflete diretamente na diminuição da idade à cobertura e ao abate e possibilita uma maior produtividade do rebanho.

O gargalo é grande, mas existe solução acessível com alta tecnologia e relação custo benefício positiva. A Tortuga tem uma linha de produtos para atender as mais diversas situações na época seca, com minerais em moléculas orgânicas de alta biodisponibilidade, matérias-primas nobres e rigoroso controle de qualidade. Está nas mãos do produtor mudar essa realidade e aumentar a produtividade e a lucratividade da sua atividade e assim melhorar os índices zootécnicos do Brasil.

JULIANO SABELLA,
Zootecnista (CRMV-SP 01862/Z)
Coordenador de mercado de Gado de Corte

CURVA DE CRESCIMENTO DE BOVINOS EM PASTEJO COM E SEM SUPLEMENTAÇÃO MINERAL-PROTEICA NO PERÍODO CRÍTICO DO ANO.

- Sem suplemento mineral-proteico (perda de peso acentuada)
- Com suplementação mineral-proteico (início em abril/maio)



SILAGEM DE MILHO: quanto melhor, mais barata

A Fazenda Santa Maria, de Pouso Alegre (MG), produz 50 toneladas de silagem de milho por hectare ao custo médio de R\$ 34,50 t/ha.

A silagem de milho é produzida na maioria das propriedades leiteiras devido às características adequadas à fermentação, que propiciam relativa facilidade na elaboração desse alimento conservado. É a principal escolha para ensilagem devido à combinação entre produção de matéria seca e qualidade nutricional.

Algumas avaliações sugerem que a silagem de milho é um alimento de alto custo, que pode ser substituído por opções mais baratas, como a silagem de capim ou a silagem de cana. Alguns autores colocam o custo da silagem de milho variando entre R\$ 72,00 e 96,00 a tonelada.

No entanto, alguns fatores devem ser considerados nesse sentido. A produção por hectare e a conseqüente produção de leite por vaca, originando a produção por hectare, podem trazer uma nova consideração nesse assunto.

Características da planta – No Brasil, a literatura científica tem evidenciado a baixa degradabilidade do amido nos grãos dos híbridos destinados à produção de silagem. Além disso, houve, no final dos anos 90, oferta no mercado de híbridos com potencial forrageiro, permitindo alta produção de matéria verde por hectare. Nesses casos, a maior pro-

MÉDIA (ABR/MAI)	RUIM (JUN/JUL)	PÉSSIMA (AGO/SET)
0,10 - 0,15	0,05 - 0,10	< 0,05
5,0	4,0	< 3,0
45	40	< 35
70 - 75	75 - 80	> 80



dução de matéria verde por hectare ou o alto teor de grãos nem sempre resultaram em aumento da produção de leite por hectare.

Além disso, erros de manejo na implantação da lavoura, restrição na aplicação de fertilizantes ou defensivos e condições ambientais determinam baixa produção de matéria seca por hectare, comprometendo a eficiência econômica na produção desse alimento.

Normalmente, a colheita da silagem ocorre quando o material apresenta matéria seca variando entre 28% e 33%. Alguns consultores recomendam a colheita com teor de matéria seca mais alta, com a finalidade de promover maior ingestão de alimento. No entanto, essa prática pode levar ao menor aproveitamento do amido e à dificuldade na compactação da massa, levando a um processo fermentativo inadequado, com alta produção de ácidos butírico e acético, que por sua vez diminuem a ingestão de alimento.

Características da fermentação – O processo de fermentação da silagem é caracterizado pela produção de ácido láctico por bactérias em condição de anaerobiose a partir dos carboidratos so-

lúveis presentes na planta. A produção de ácido diminui o pH da massa ensilada, conservando o material compactado em condições de anaerobiose. Em condições com restrição de carboidratos solúveis, excesso de umidade e compactação mal feita, ocorrerá fermentação indesejada, levando ao atraso na redução do pH, diminuição do teor de proteína da massa ensilada e diminuição do valor nutritivo da massa ensilada. Além disso, a produção de ácido butírico reduz a ingestão de matéria seca pelo animal, por diminuir a palatabilidade da massa ensilada.

A fermentação acética é outra fermentação indesejável, que ocorre em silagens com baixo teor de matéria seca. Nesse caso, a silagem apresenta odor semelhante a vinagre, diminuindo da mesma forma a ingestão de matéria seca pelo animal.

Características físicas da silagem – Antes de enviar a silagem para análise bromatológica, que determinará com precisão os nutrientes disponíveis, alguns aspectos do material ensilado podem ser avaliados:

Coloração: silagem com coloração escura indica ocorrência de fermen-

tação butírica, mostrando ainda que a massa foi ensilada com baixo teor de matéria seca. Nutricionalmente, ocorreu perda de proteína nesse alimento. A coloração levemente amarelada é o primeiro indicativo (mas não o único) de um processo fermentativo adequado;

Odor: silagem boa não tem cheiro. Em silagens com coloração adequada o cheiro de vinagre muito forte é indicativo de fermentação acética. Nesse caso, houve maior demora na estabilização da massa ensilada, com conseqüente maior perda de nutrientes. Silagens em que houve fermentação butírica apresentam odor fétido;

Granulometria: O excesso de umidade na massa ensilada não deve ser perceptível. Silagens com baixos teores de matéria seca apresentam escorrimento de água ao manuseio, sendo esse um indicativo claro de fermentação indesejável.

Em levantamento bibliográfico realizado pela professora Ana Luiza Borges, foram definidos alguns parâmetros de qualidade da silagem, descritos na tabela a seguir:

Custos de Produção – A silagem de milho é considerada alimento de alto cus-

PEDRO MOREIRA, MÉDICO VETERINÁRIO DA FAZENDA SANTA MARIA, E O SILO DA PROPRIEDADE



CLASSIFICAÇÃO	PH	ÁCIDO BUTÍRICO (% MS)	N-AMONIACAL (% MS)	FONTE
MUITO BOA		< 0,1	1,0 A 12,5	TOTH, 1956
BOA		0,11 A 0,20	12,6 A 15	
MÉDIA		0,21 A 0,30	15,1 A 17,5	
RUIM		0,31 A 0,40	17,6 A 20	
PÉSSIMA		> 0,41	> 20,1	
MUITO BOA	< 3,8	< 0,1		PAIVA, 1976
BOA	3,8 – 4,2	0,1 A 0,2		
MÉDIA	4,2 A 4,6	0,2 A 0,4		
RUIM	> 4,6	> 0,4		
MUITO BOA			< 10	HENDERSON, 1993
BOA			10,1 A 15	
ACEITÁVEL			15,1 A 20	
RUIM			> 20	

to por tonelada produzida. No entanto, muitas avaliações com esse alimento conservado são feitas considerando baixa produtividade por hectare e somente o custo da tonelada e não o efeito desse alimento na produção de leite por hectare/ano.

Desse modo, quanto mais eficiente for a produção do volumoso, com alta produção de matéria seca de qualidade por hectare, menor será o custo de produção. É o caso em que o alimento bom é mais barato que o alimento de baixa qualidade.

Nesse sentido, a Fazenda Santa Maria (Pouso Alegre, MG) conseguiu produzir silagem de milho com preço médio de R\$ 34,50 a tonelada, sendo que o custo variou de R\$ 29,88 a R\$ 39,50, considerando diferentes glebas. A produção média foi de 50 toneladas por hectare, variando de 42,29 t a 61,4 toneladas/ha nas glebas.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DA SILAGEM DE MILHO

GLEBA	1	2	3	4	5	6	7	8
PRODUÇÃO (T)	201	522,2	887,6	680	621,2	469,4	230,1	398,00
ÁREA (HA)	4,5	10	14,8	15,3	12,8	11,1	4	7,70
PRODUTIVIDADE (T/HA)	44,68	52,22	59,97	44,44	48,53	42,29	61,46	51,68
CUSTO (R\$/T)	39,50	35,37	29,88	36,55	34,44	34,34	31,31	37,34

Nesse caso, o custo variou conforme a gleba, indicando melhor retorno econômico em situações de maior produtividade. A divisão dos custos da ensilagem foi a seguinte:

PARTICIPAÇÃO DE INSUMOS E PRÁTICAS NO CUSTO DE ENSILAGEM

ITEM	% DE PARTICIPAÇÃO
ADUBO	35,00
SEMENTE	10,00
OUTROS INSUMOS	9,00
CUSTO TOTAL DE PLANTIO	10,00
CUSTO ENSILAGEM E LONA	36,00

VALORES BROMATOLÓGICOS DA SILAGEM DE MILHO

PARÂMETRO	NÍVEL (% MATÉRIA NATURAL)	NÍVEL (% MATÉRIA SECA)
MATÉRIA SECA	26,8	100
PROTEÍNA BRUTA	2,3	8,6
FIBRA DETERGENTE ÁCIDO	8,1	30,8
FIBRA DETERGENTE NEÚTRO	13,2	49,5
NDT (ESTIMADO)	18,2	68,1

QUANTO MAIS EFICIENTE A PRODUÇÃO DE VOLUMOSO, MENOR É O CUSTO DA SILAGEM

O custo médio por hectare na implantação da lavoura está em torno de R\$ 1.700,00. Esses custos determinam a eficiência na produção que leva ao baixo custo por tonelada de silagem, tornando esse alimento competitivo para alimentação de vacas de alta produção.

Os altos preços estimados por tonelada de silagem de milho têm origem na menor produção por hectare. Nesse caso, apesar de os tratos culturais pesarem menos por hectare, a produção é menor, encarecendo a ensilagem.

Características nutricionais da silagem – As avaliações bromatológicas da silagem de milho apresentaram as seguintes características:

As características nutricionais têm relação com a estrutura da planta. Silagens com bom padrão de fermentação e baixo teor de proteína e alto teor de FDA são resultantes de baixa relação folha-haste. Teores baixos de matéria seca estão relacionados com alta concentração de nitrogênio amoniacal e alta concentração de ácido butírico, que são indicadores de baixa qualidade. Da mesma forma, teores altos de FDN estão relacionados com plantas de porte alto e baixa relação folha-haste.

Todos os critérios relacionados à produção e à qualidade da forrageira determinarão a viabilidade da silagem de milho para produção animal. Toda silagem boa é barata ao passo que a silagem ruim, normalmente, é cara. **NT**

BALANCEAMENTO DE DIETAS EM *confinamentos*

Na composição de alto concentrado e baixo volumoso, bovinos consomem entre 13 e 14 kg por cabeça, cerca de 50% menos que nas dietas de alto volumoso.

A engorda de bovinos de corte em sistema confinado vem crescendo de forma expressiva em todo o Brasil, em especial em Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Os bois confinados já ultrapassam a marca de 2,5 milhões por ano, segundo Fabio Dias, diretor executivo da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon).

A necessidade de carne vermelha de qualidade e em escala para atender o mercado interno e externo, este em franco crescimento, vem impulsionando de forma significativa o sistema de engorda de bovinos confinados, uma vez que essa técnica tem como particularidade a capacidade de produzir carne em escala e com

melhor acabamento de gordura, além de reduzir a idade de abate dos animais, devido aos elevados ganhos de peso que os animais expressam quando confinados.

O resultado é a produção de carne vermelha com maior aceitação no mercado, sendo ainda proveniente de animais rastreados, prática tida como senso comum entre os confinadores, segundo dados da pesquisa top Beef Point de confinamentos 2006/07.

Produzir animais de ciclo curto e com bom acabamento de gordura nem sempre é possível na engorda feita exclusivamente em regime de pasto. O maior problema do boi de pasto é a seca, tida como o gargalo da pecuária de corte. O efeito da estação seca é que o boi ganha menos peso, podendo, em alguns casos, até mesmo perder peso, retardando a idade de abate, diminuindo o acabamento de gordura e a produtividade de arrobas por área.

Outro fator que tem prejudicado a engorda a pasto refere-se ao avançado processo de degradação das pastagens.

Dados da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram), apresentados no seminário da ABMR&A 2007, realizado em junho na Feicorte, em São Paulo, mostram que somente 3% do adubo utilizado no Brasil vão para os pastos e que mais de 90% dos pastos não recebem nenhum tipo de adubo.

Nesse cenário, o confinamento vem sendo cada vez mais adotado como sistema de engorda de bovinos de corte não somente por produzir carne de boa qualidade e em quantidade mas também por gerar lucros aos produtores.

Em se tratando dos custos de produção do boi confinado, a alimentação destaca-se como um dos itens mais importantes, conforme mostra a figura 1.

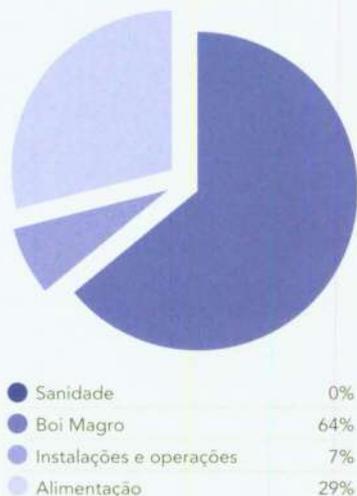
Os custos com alimentação de um boi confinado giram em torno de um terço do custo total, razão pela qual deve ser dada devida atenção ao balanceamento da ração.

Aliás, o balanceamento da ração dos bois confinados vem passando por uma série de modificações estruturais. Novos

SUPLEMENTAÇÃO ACELERA
GANHO DE PESO NO CONFINAMENTO



CONFINAMENTO - 46



conceitos nutricionais estão sendo introduzidos e as respostas zootécnicas também estão sendo modificadas, quando se observam atualmente maiores ganhos de peso.

Os novos conceitos sobre balanceamento de dietas de confinamento de bovinos, tais como dietas com altos teores de alimentos concentrados (milho e soja, por exemplo), além da utilização de subprodutos da agroindústria, como polpa cítrica e caroço de algodão, estão permitindo a obtenção de maiores ganhos de peso, com conseqüente redução do custo da arroba produzida.

Nesse novo cenário, o nutricionista tem papel muito importante no momento de formular as dietas, ao identificar ingredientes regionais que permitem obter rações de custo mínimo e lucro máximo.

Em artigo publicado na revista DBO Rural, edição junho de 2007, Alberto Pessina afirma que "quanto mais regionalizada a dieta e menor a participação do frete em sua composição de custo, mais barata ela fica e mais atraentes se tornam certos subprodutos".

Alguns exemplos regionais de subprodutos da agroindústria passíveis de utilização na dieta de bovinos confinados são resíduos de frutas, coco, cacau e mandioca, disponíveis no Nordeste; no Sul, subprodutos do trigo, arroz, canola; no Centro-Oeste, resíduos de tomate, amendoim, girassol, milho e soja; e no Sudeste, resíduos de café, cana, laranja e cervejaria.

Do ponto de vista dos grandes projetos de confinamento, os novos conceitos sobre o balanceamento de dietas são importantes para viabilizar sua logística e operacionalidade, uma vez que alimentar diariamente 5, 10 ou 20 mil bois, ou até mesmo 50 mil bois, é uma tarefa que envolve muita logística na hora da compra, transporte, armazenamento e distribuição dos alimentos.

Dessa forma, a relação entre os alimentos volumosos e os concentrados, atualmente modificada em favor dos concentrados, tem viabilizado os grandes projetos de confinamento no Brasil.

Os confinamentos pequenos também não ficam de fora, uma vez que a utilização das dietas com altos teores de concentrado permite produzir dietas capazes de proporcionar maiores respostas zootécnicas.

Vale lembrar que dietas com maiores teores de concentrado possuem maiores teores de proteína e energia, expressa na forma de NDT, o que permite a obtenção de maiores ganhos de peso, reduzindo o tempo de permanência do boi no confinamento.

Outra vantagem da dieta de alto concentrado e baixo volumoso refere-se ao fa-

to de que menor volume de alimento será consumido por boi, diariamente. Enquanto nas dietas com alto volumoso, um boi chega a consumir 28 kg de alimentos por dia, nas dietas de alto concentrado o consumo gira em torno de 13 a 14 kg por boi, facilitando a operacionalidade do sistema.

Nessas dietas, são adicionados núcleos de minerais com aditivos, entre eles minerais orgânicos, ionóforo, uréia, levedura, sal branco e fosfato bicálcico, que permitem ao boi confinado expressar maior ganho de peso e melhor conversão alimentar, com reflexos positivos no custo da arroba produzida em confinamento.

A Tortuga conta com uma linha de produtos para confinamento que inclui Fosbovi Confinamento Plus, Fosbovi Confinamento 10 e Fosbovi Confinamento com Leveduras. O pecuarista que deseja confinar pode entrar em contato com a equipe técnica local da Tortuga, que está devidamente treinada e capacitada para atender as necessidades dos confinadores nas diferentes regiões do Brasil.

MARCOS SAMPAIO BARUSELLI
CRMV - 897/Z

Coordenador de Confinamento da Tortuga



PGP MOSTRA O CAMINHO DA PRODUTIVIDADE, *na Bahia*

Antonio Balbino, da Fazenda São Francisco (Barreiras), promoveu com êxito sua segunda Prova de Ganho de Peso.



PALESTRAS LEVAM NOVOS CONHECIMENTOS AOS PECUARISTAS

FOTO: TORTUGA

Avaliar o animal que consegue expressar suas características produtivas de forma mais acentuada, em um regime exclusivamente a pasto, sob as características edafoclimáticas do cerrado brasileiro. Este foi, mais uma vez, o objetivo da 2ª Edição da Prova de Ganho em Peso (PGP), realizada na Fazenda São Francisco, de Antônio Balbino de Carvalho Neto, localizada em Barreiras (BA).

A PGP contou com a participação de diversos criadores, envolvendo quatro estados da federação: Bahia, Distrito Federal, Goiás e Tocantins. No total, 14 propriedades participaram dessa edição, mensurando dados produtivos e avaliando o desempenho de seus animais, comparando-os entre si e com os bovinos de

outros criatórios. Esses resultados podem direcionar futuros acasalamentos e novas linhas de produção de carne em regime de pasto.

A Tortuga, mais uma vez, apoiou a iniciativa de Antônio Balbino que, juntamente com a Profissional Consultoria, elaborou todo o processo que antecede a PGP, envolvendo diferimento da área, adubações, dias de campo e leilões.

No dia 20 de abril, foi realizado um dia de campo na Fazenda São Francisco, visando mostrar os dados preliminares da 2ª edição do prova. O evento contou com a presença de mais de 120 participantes. Dentre eles, criadores da região, técnicos e estudantes ligados ao setor pecuário.

Dada à importância do projeto, a Tortuga disponibilizou a tecnologia mais avançada em suplementos minerais existente para a categoria de recria: Foscromo Seca (agosto a outubro) e Foscromo (outubro a maio). O consumo dos suplementos foi aferido durante todo o período da PGP, cruzando as informações obtidas com as análises bromatológicas mensais das pastagens, também realizadas nos laboratórios da Tortuga.

Os animais apresentaram curva de ganho de peso semelhante à obtida na primeira edição da PGP, sendo que o regime de chuvas na região foi mais irregular este ano.

A PGP foi encerrada no dia 23 de maio, sendo que a média de ganho de peso diário (GMD) ficou em 694 g; o animal vencedor, Nacional da CSI, apresentou GMD de 844 g/dia. Destaque para

CONSUMO DE SUPLEMENTO NOS PERÍODOS DE SECA E ÁGUAS*

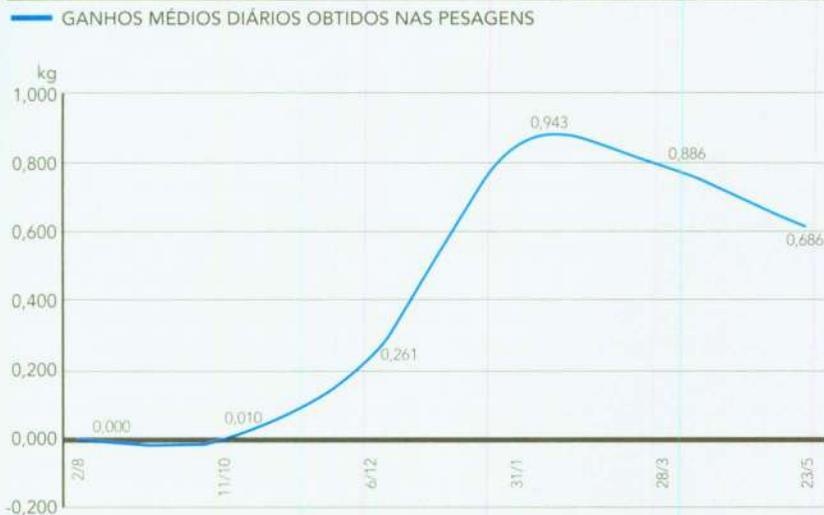
PERÍODO	PRODUTO	CONSUMO	INVESTIMENTO
ÉPOCA	DIAS	g/CAB/DIA	R\$/CAB/DIA R\$/CAB/PERÍODO
SECA	79	FOSCROMO SECA	121 R\$ 0,15 R\$ 12,04
ÁGUAS	215	FOSCROMO	119 R\$ 0,13 R\$ 27,95
TOTAL	294		R\$ 39,99

*DADOS ATÉ DIA 23 DE MAIO DE 2007, DATA DE ENCERRAMENTO DA PGP.

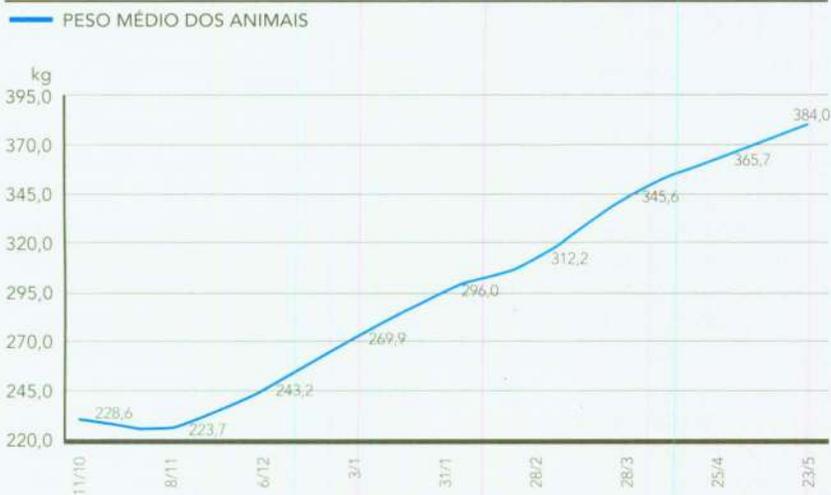
AVALIAÇÃO BRUTA DE RETORNO DA SUPLEMENTAÇÃO

AVALIAÇÃO	UNIDADE	VALOR
GANHO PESO TOTAL	kg	155,4
GANHO PESO TOTAL	@	5,18
PREÇO/@ - MERCADO LOCAL	R\$	R\$ 50,00
GANHO X R\$/@	R\$	R\$ 259,00
INVEST. SUPLEMENTAÇÃO	R\$	R\$ 39,99
R\$ INVEST. : R\$ PRODUZIDO	:	1 : 6,47

GMD PESAGENS OFICIAIS



PESO MÉDIO LOTE



os criatórios Fazenda Agronol, Fazenda Manga, Fazenda São Francisco, Fazenda Nova Bahia, Fazenda Jacaré Grande, Fazenda Gado Bravo e Fazenda Confidência, que incluíram seus animais entre os dez primeiros colocados nas duas categorias: PO e LA. Nesta última, o melhor desempenho foi de SVLA 972 G Bravo, com ganho médio diário de 853 g/dia.

A idéia da seleção, via PGP, já faz parte dos projetos dos criadores. Tanto para os produtores de genética, que a vêem como importante ferramenta na seleção

de seus produtos, quanto para os compradores, que passam a valorizar ainda mais os animais voltados para produção a pasto. Prova disso foi a excelente média de R\$ 3.700,00 obtida no 1º Leilão da Prova de Ganho em Peso do Oeste da Bahia, realizado em Barreiras (BA), em dezembro de 2006.

A Tortuga também acredita nessa idéia.

ANDRÉ LUIZ DAL MASO
Médico veterinário CRMV-BA 2325
Supervisor de Vendas Bahia

Qualidade dos ingredientes da ração dos suínos

Cuidado: a escolha de insumos, especialmente milho e farelo de soja, de baixa qualidade pode acarretar pesados prejuízos à criação.

A suinocultura moderna objetiva a produção de produtos cárneos que atendam à demanda dos consumidores por qualidade e segurança alimentar, otimizando a quantidade de carne produzida por matriz e com o menor custo possível, a fim de maximizar a lucratividade.

Embora diversos sejam os fatores que influenciam o resultado financeiro, a nutrição é o de maior importância no custo de produção do animal, já que o gasto com alimentação representa de 60% a 70% do custo total. Dessa forma, variações no desempenho dos animais decorrentes da utilização de ingredientes de má qualidade podem acarretar prejuízos ao criador, sendo importante, portanto, a adoção de um sistema de controle de qualidade de ingredientes, que além de permitir a seleção dos fornecedores proporcionará maior segurança e lucratividade ao produtor.

Dentre os ingredientes utilizados nas rações para suínos, os de maior impacto econômico por quantidade são o milho e a soja e seus subprodutos, especialmente o farelo. O milho, principal fonte energética,



representa de 65% a 80% das formulações, equivalendo a 40% do custo de produção desses animais. Já o farelo de soja é excelente fonte protéica e de aminoácidos essenciais (lisina, treonina e triptofano), indispensáveis ao bom desempenho dos suínos, sendo um ótimo complemento ao milho quando combinados na formulação.

Dessa forma, a qualidade das rações e os resultados econômico-produtivos estão diretamente relacionados à qualidade do milho e do farelo de soja utilizados.

O controle da qualidade do milho e do farelo de soja deve começar já no seu recebimento, antes da descarga, quando deve ser feita amostragem representativa do lote para a realização de análise física macroscópica (cor, odor, textura, presença de impurezas e insetos etc) e de umidade, se possível.

No caso do milho, a análise macroscópica inclui também sua classificação, que consiste na separação dos grãos ardidos, brotados, avariados (chochos, quebrados e carunchados) e das impurezas, fragmentos e matérias estranhas (Tabela 1).

Análises importantes para o farelo de soja, além da umidade, são a atividade ureática e a solubilidade protéica, que indicam se o processamento da soja foi adequado ou não. A urease é uma enzima presente no grão de soja que, sob tratamento térmico, perde sua atividade a uma taxa semelhante à destruição dos fatores antinutricionais. A atividade ureática é uma análise quantitativa, mostrando o quão ativa está a enzima após a tostagem da soja. Valores de urease próximos a zero podem refletir boas condições de processamento. Entretanto, permitem também indicar excesso de calor e possível destruição de parte da proteína do farelo, tornando-a menos solúvel. Já valores altos de atividade ureática indicam que pode ter ocorrido subaquecimento, estando os fatores antinutricionais ainda ativos. Valores adequados de atividade ureática para recebimento e utilização do farelo de soja estão entre 0,05 e 0,3 de Δ pH.

A solubilidade protéica determina a porção ou teor de proteína do farelo de soja que é solúvel, ou seja, passível de absorção e aproveitamento pelo animal. Assim, essa análise é complementar à de atividade ureática, de modo que a solubilidade protéica deve ser de, no mínimo, 80%.

Para o farelo de soja, caso o produtor

VALORES PERCENTUAIS DE TOLERÂNCIA PRECONIZADOS PARA CLASSIFICAÇÃO DOS GRÃOS DE MILHO

VALORES PERCENTUAIS DE TOLERÂNCIA PRECONIZADOS

UMIDADE	MATÉRIAS ESTRANHAS, IMPUREZAS E FRAGMENTOS	AVARIADOS	
		TOTAL	MÁXIMO DE ARDIDOS E BROTADOS
13,5	2,0	18,0	6,0

não tenha condições de realizar essas análises, deve solicitar ao fornecedor laudos que comprovem que o ingrediente está dentro das especificações desejadas.

Estando os itens analisados segundo os padrões especificados, só assim as matérias-primas devem ser recebidas e então encaminhadas às análises bromatológicas para determinação dos valores nutricionais, que devem estar em conformidade com as garantias solicitadas e com os teores utilizados na formulação. Caso contrário, devem ser devolvidas, alertando os fornecedores sobre o atendimento dos padrões de qualidade. Deve haver sempre parceria entre os produtores e os fornecedores de matérias-primas, de modo a manter relação de comprometimento com a qualidade.

Já na fábrica de rações, dois pontos críticos para a manutenção e a garantia da qualidade do milho e do farelo de soja que serão usados nas formulações são o armazenamento e o processamento desses ingredientes.

Fatores, como umidade, grão trincados e/ou quebrados, grãos contaminados por fungos, presença de impurezas, material estranho e micotoxinas, podem prejudicar a qualidade do produto armazenado. Assim, os cuidados a ser tomados nessa fase estão diretamente relacionados ao tipo de grão e ao tipo e equipamentos de armazenagem. No caso do milho, deve ser estocado com umidade adequada, de 13% a 13,5%, passando por secagem, se necessário, uma vez que a alta umidade acarreta aumento na taxa respiratória dos grãos e favorece o desenvolvimento de fungos, ocasionando perda de valor nutricional e degradação da matéria-prima. Além disso, os silos devem ser equipados com sistema de aeração que garanta condições adequadas para controle de temperatura e migração de umidade, devendo haver também monitoramento freqüente das condições de limpeza, encrostamento, condensação de umidade, elevação da temperatura e ocorrência de insetos, fungos e roedores.

Quando o armazenamento das matérias-primas for em sacarias, estas devem ficar em local arejado e sobre *pallets*, nunca em contato direto com o solo, e afastadas das paredes da instalação, evitando-se contato com umidade.

O processamento do milho e do farelo de soja para a produção de rações consiste, basicamente, na moagem. Muita atenção deve ser dispensada a esse procedimento, pois o produto resultante deve apresentar granulometria uniforme para ser bem aceito e aproveitado pelo animal e não permitir segregação na mistura com os outros ingredientes. Para tanto, os moedores e peneiras devem estar em constante monitoramento e manutenção para que a moagem seja adequada e o potencial aproveitado ao máximo, sem gasto adicional de energia.

Para leitões em creche e em crescimento e terminação, recomenda-se, respectivamente, o uso de milho com diâmetro geométrico médio (DGM) das partículas de 500 micrômetros e entre 500 e 650 micrômetros, o que proporciona economia mínima de 20 kg de ração por suíno terminado sem afetar o ganho de peso. O uso de milho com granulometria inferior a 500 micrômetros deve ser evitado, pois na presença de fatores pré-ulcerativos pode potencializar essa lesão. Já para porcas, a granulometria recomendada é de 400 a 600 micrômetros. Quanto ao farelo de soja, a granulometria recomendada é de 600 a 700 micrômetros para leitões na fase de creche.

Por fim, vale ressaltar que a obtenção de matérias-primas de qualidade e a manutenção dessa qualidade até o fornecimento ao animal proporcionam a utilização de menor volume de alimento para obtenção da necessidade nutricional desejada e, conseqüentemente, para obtenção do desempenho zootécnico esperado.

BOI VERDE

boi de capim, boi natural

O objetivo final é a produção de carne bovina de qualidade, que atenda às exigências dos consumidores e, também, da indústria frigorífica.

Nos dias de hoje, em que a evolução tecnológica é muito grande e rápida, são freqüentes as perguntas dos pecuaristas aos técnicos que atuam no campo e que, via de regra, têm por objetivo a atualização na aplicação das tecnologias visando a obtenção de maior lucratividade. Perguntas como: Qual a melhor raça? Qual o melhor capim? Como obter mais lucro? Qual o melhor investimento na fazenda? Cria, recria ou engorda? Qual o melhor segmento? Como ter índices zootécnicos melhores?

Para todas essas questões tem-se uma única resposta: O melhor a se fazer e praticar depende do objetivo da propriedade e do que o produtor deseja obter da atividade. Toda propriedade rural deve ter um objetivo muito claro e bem traçado, com orientação técnica tanto na elaboração do projeto como em sua execução.

Diante disso, temos um panorama atual diferente de uma ou duas décadas

atrás. Hoje, o consumidor de carne está mais preocupado com a segurança do alimento que ele consome. Já o produtor se preocupa com a competitividade de outros alimentos com a carne bovina, num cenário em que a rentabilidade da pecuária diminuiu, o preço das terras aumentou e o foco tecnológico mudou.

Nesse novo panorama, encaixam-se diversos sistemas de produção de carne, visando melhor qualidade do produto (ditado pelo mercado consumidor final), como, por exemplo, a carne de animais jovens confinados, com mais ou menos marmoreio, com cobertura de gordura maior ou menor, carne de animais jovens criados em regime de pasto, carne orgânica, boi verde etc.

O boi verde caracteriza-se pela produção de carne em regime de pasto, com custo de produção baixo, com a possibilidade de abate de animais jovens, utilizando-se de ferramentas de manejo que permitam o melhor desenvolvimento possível nos momentos em que os bovinos apresentem seus melhores desempenhos, conversão e custo-benefício. Sendo assim, a produção do boi verde baseia-se numa estratégia de suplementação mineral, com suplementos

específicos por categoria animal (vacas, bezerros, recria e engorda) e por época do ano (águas e seca).

Para se ter um bom sistema de produção, é necessário, além de boa genética, equipamentos e material humano para operacionalizar a produção. Assim, como em qualquer propriedade e sistema, deve-se ter preocupação com: práticas de manejo, aumento da disponibilidade de forragem, suplementação rica em fósforo e de qualidade nas águas e estratégica com proteína na seca e suplementação de bezerros em *creep-feeding*.

Práticas de manejo - Hoje, a propriedade que se dedica à pecuária de corte, assim como em todas as atividades agropecuárias, deve ter foco em seus objetivos, por exemplo: uma propriedade que se dedica à cria, à recria e à engorda deve ter um plano para mensurar e melhorar os índices reprodutivos (manejo da reprodução, estação de monta, touros e/ou inseminação artificial etc), de recria (aumentar o peso à desmama, o crescimento rápido antes da puberdade e aproveitar a melhor conversão alimentar, entre outros)

PRODUÇÃO EM
REGIME DE PASTO:
CUSTO BAIXO E ANIMAIS JOVENS
PRONTOS PARA O ABATE

e a melhor maneira de terminar o boi, com pastos e manejo bem adequados ou confinamento e semiconfinamento.

Além disso, deve ter atenção ao melhoramento genético do seu rebanho, manejo sanitário adequado (vacinações, vermifugações e controle de ectoparasitas) e, assim, obter o melhor da propriedade e dos animais.

As propriedades com alta tecnologia desfrutam de índices zootécnicos muito bons por utilizar estação de monta bem definida, touros melhoradores testados e provados, utilização de sêmen de boa genética e procedência, medicamentos e vacinas de boa qualidade e utilizados de forma estratégica, demonstrando índices de 90% de prenhez, abate entre 12 e 24 meses, peso à desmama acima de 210 kg de machos e fêmeas, boa utilização dos pastos, produção acima de 450/500 kg de carne por hectare/ano e idade à primeira cobertura de novilhas ao redor de 14 meses, entre outros indicadores. (Embrapa Gado de Corte, 2002).

Essas práticas de manejo somente podem ser alcançadas e aplicadas com o investimento em pessoal qualificado e preparado para a atividade. Desde o gerente da fazenda até o campeiro, o salgador de cocho e os peões, deve-se ter a preocupação com a boa formação profissional para que se tenha eficiência na produção.

Aumento da disponibilidade de forragem – As pastagens no Brasil foram implantadas em décadas passadas, sem grande tecnologia, pois somente de alguns anos para cá a informação ganhou maior velocidade de divulgação. Mas a exploração das propriedades, durante

anos, foi extrativista, sem muito critério, o que levou ao avanço da degradação de pastagens. O resultado é que, aproximadamente, 80% dos 45 milhões de hectares de pastagens cultivadas nos Cerrados apresentam-se em avançado processo de degradação (Embrapa, 2000).

Os resultados desse processo são: implantação das pastagens, manejo e práticas culturais inadequadas, queda da fertilidade do solo, perda do vigor e da produtividade das pastagens, exposição do solo, erosão, degradação do solo e baixa produção animal.

A produção do boi verde baseia-se, principalmente, na exploração racional dos recursos de pastagens. Sendo assim, é fundamental ter bons pastos e utilizá-los de forma correta e racional, com investimentos em adubação e tratamentos culturais que uma cultura como o pasto merece. A utilização de capins de alta produção de matéria seca e de alto valor nutritivo nas águas como os dos gêneros *Panicum* e *Pennisetum*, e a utilização de estratégias para a seca, como capineiras, feno, silagens e veda de pasto, são práticas recomendáveis. Nesse caso, deve-se dar prioridade às gramíneas do gênero *Brachiaria*, que apresentam boa produção e perdem o valor nutritivo de maneira mais lenta do que os citados acima.

Suplementação estratégica nas águas e na seca – A suplementação mineral é fundamental para se obter bons índices zootécnicos e boa produtividade animal e por área. O correto trabalho de mineralização é baseado em suplementos minerais ricos em fósforo, proveniente de fontes seguras e de ótima qualidade, como

o fosfato bicálcico, para vacas e recria nas águas, além de outros macro e microelementos, também de alta qualidade, suplementação com perfeito balanceamento de cálcio e fósforo, enxofre, micro e macroelementos para a engorda e suplementação mineral com matéria-prima de alta qualidade para bezerras no *creep-feeding*.

Sabe-se que fontes alternativas de fósforo têm, na maioria das vezes, baixa solubilidade deste importante elemento, além de apresentarem relação cálcio/fósforo inadequada, isso sem considerar a possibilidade de altos teores de metais pesados e flúor.

A importância do fósforo se dá pelo fato de que 70 a 80% dos solos tropicais têm deficiência desse elemento (Rosa, 1985), além de zinco, cobre, sódio, selênio etc. Por isso, a suplementação mineral é fundamental na exploração pecuária de sucesso.

A utilização de elementos minerais quelatados (minerais orgânicos), principalmente de microminerais, aumenta a biodisponibilidade de tais elementos e possibilita maior absorção, o que significa melhor utilização e eficiência, com diminuição da excreção dos mesmos e, por via de consequência, menor impacto ambiental e menor desperdício de dinheiro. Além disso, têm-se diminuição do estresse animal pela ação do cromo orgânico, aumento do consumo de matéria seca e maior produção de ácidos graxos voláteis com a utilização de vários elementos minerais orgânicos (Patino & Langwinski, 2002).

A correta suplementação mineral evita os clássicos problemas de doenças carenciais, como a “cara inchada” e a



“doença da vaca caída – botulismo”, que apresentam sinais característicos, bem como as carências minerais subclínicas, que não apresentam sinais clínicos, sendo de difícil diagnóstico e que trazem grandes prejuízos para o pecuarista, principalmente no que diz respeito à queda dos índices produtivos e reprodutivos.

Para o período da seca, é importante ter consciência da drástica queda dos teores de proteína e da maioria dos minerais no capim, tanto pela época do ano como pelo aumento da maturidade da gramínea. Capim velho, passado, tem baixos valores nutritivos, mas tem massa, que pode ser consumida e utilizada pelos bovinos, desde que se tenha uma suplementação que corrija suas deficiências. Com isso, um suplemento com minerais e proteína, proveniente principalmente de uréia, de proteína de origem vegetal e energia, supre a necessidade dos animais para manutenção e também para pequenos ganhos. Isso evita o chamado “boi sanfona”, que ganha peso nas águas e perde peso na seca, causando prejuízo financeiro, aumento da idade de abate para além dos quatro anos, perda da qualidade da carne por se tratar de animais velhos e perda de eficiência reprodutiva das fêmeas.

Suplementação de bezerros em creep-feeding – A suplementação específica dos bezerros deve ser feita por meio do *creep-feeding*, ou “o cocho do bezerro”, onde se tem barreira física para a entrada das vacas e somente os bezerros têm acesso ao cocho, que deve sempre estar ao lado do cocho da vaca. No cocho do bezerro, fornece-se um suplemento mineral-protéico-energético, que tem como

finalidade suprir as deficiências do capim e do leite quanto aos minerais, energia e proteína, de acordo com o requerimento do bezerro para o máximo desenvolvimento, além de também suprir os micro-organismos do rúmen, para que este se desenvolva o mais rapidamente possível, para que o bezerro, mais precocemente, passe a se alimentar de capim, alimento mais barato que se pode oferecer ao bovino. Deve-se ter em mente que rações em *creep-feeding* devem ser fornecidas somente se o animal for para confinamento após a desmama (sistema superprecoce), pois animais que recebem ração no cocho, ao ser desmamados, estarão com a flora do rúmen adaptada a alimentos concentrados e, quando estes são retirados, e o bovino tem de se alimentar somente de capim, há perda de peso, que pode levar até seis meses para recuperar. Já, se a suplementação for de baixo consumo, visando o desenvolvimento do rúmen para que o bezerro se alimente de capim mais cedo, quando ocorrer a desmama o bezerro já estará habituado a se alimentar de capim, tornando o estresse nutricional menor nesse momento.

Esse trabalho traduz-se em menor estresse na desmama, melhor desenvolvimento do rúmen do bezerro, peso à desmama mais elevado, próximo de 50% do peso de abate do animal com apenas 7 a 8 meses de vida, e melhoria dos índices reprodutivos por exigir menos da vaca na produção de leite. Os hormônios da lactação são antagônicos aos hormônios da reprodução, favorecendo, dessa forma, os índices reprodutivos da vaca.

QUE NÃO FIQUE DÚVIDAS: NA SECA, CAEM OS TEORES DE PROTEÍNA DA MAIORIA DOS MINERAIS DO CAPIM

Considerações finais – A produção do boi verde é baseada na maximização da produção e utilização de forragem, suplementação estratégica nas águas e na seca e por categoria animal, resultando em produção eficiente por área e por animal, com custo-benefício muito vantajoso por se tratar de um sistema que utiliza os mais baratos alimentos e recursos: o capim e a conversão alimentar dos animais jovens.

O objetivo final é produzir carne de qualidade, que atenda à exigência do mercado consumidor, seja ele interno ou externo, atendendo também às exigências da indústria frigorífica e com boa margem de lucratividade para o produtor, que compete hoje com a agricultura e outras atividades agropecuárias altamente lucrativas.

LUIS FERNANDO M. TAMASSIA

Médico Veterinário
Gerente Técnico de Vendas e Coordenador
Nacional de Confinamento da Tortuga

SUPLEMENTAÇÃO MINERAL
POR IDADE POTENCIALIZA
PRODUTIVIDADE

Pneumonia em BEZERROS

Doença é causada por combinação de fatores. Assim, é preciso tomar determinados cuidados para evitar o seu aparecimento, que causa terríveis prejuízos aos bezerros.

A pneumonia é a segunda doença mais freqüente em bezerros, depois da diarreia. À medida que há tecnificação, que leva à intensificação da produção, a incidência da enfermidade tende a aumentar, já que o bezerro fica mais exposto aos fatores predisponentes.

A doença pode causar perdas econômicas expressivas que se devem à mortalidade, redução do ganho de peso, mão-de-obra para o manejo dos bezerros em tratamento e custos dos medicamentos. Esses prejuízos variam conforme a incidência e a gravidade da doença, que em muitos casos, se não tratado de maneira adequada, pode causar dano permanente ao pulmão e, com isso, comprometer a produtividade do animal.

A maioria dos problemas respiratórios ocorre entre 4 e 6 semanas de idade, já que este é justamente o período em que há maior queda de imunidade passiva (anticorpos do colostro) e o sistema imu-

ne começa a ficar mais dependente de sua própria produção. Qualquer problema que afete a produção de anticorpos do bezerro predispõe o animal à pneumonia.

A pneumonia normalmente não está relacionada a uma causa simples, mas por combinação de vários fatores de risco. O ambiente desfavorável e o manejo inadequado, somados às falhas no mecanismo de defesa do bezerro, podem possibilitar a sobrecarga de agente infeccioso no sistema respiratório, resultando em pneumonia.

Os sinais clínicos associados à pneumonia são muito variáveis e geralmente são observados combinados:

- **Secreção nasal (serosa, mucosa ou purulenta) e ocular;**
- **Falta de apetite e apatia;**
- **Tosse, que pode ser seca ou produtiva;**
- **Temperatura alta, com temperatura retal normalmente acima de 41°C (a temperatura de bezerro saudável gira em torno de 38,6°C);**
- **Sibilos e estertores que podem ser auscultados com estetoscópio;**
- **Respiração difícil e até "batedeira".**

Principais fatores de risco

Relacionados ao agente infeccioso - Vários microorganismos, como bactérias, vírus e micoplasmas, contribuem direta ou indiretamente para aparecimento, tipo e gravidade da pneumonia. Na página seguinte, alguns dos principais agentes.

A pneumonia normalmente não é uma doença primária, isto é, não aparece em animais saudáveis e pode ser conseqüência de, ou acompanhar, outras doenças. Portanto, um animal saudável, mesmo exposto aos microorganismos citados, não fica doente.

No entanto, microorganismos de diferentes espécies pioram consideravelmente o quadro de pneumonia quando estão juntos (Ex: bezerros infectados, ao mesmo tempo, com *Mycoplasma* e com *M. haemolytica*, apresentam quadro mais severo que quando infectados isoladamente). Algumas vezes, um agente serve para enfraquecer a resistência do animal e um segundo agente aproveita para invadir, infectar e piorar o quadro de pneumonia (Ex: uma invasão por agentes virais é normalmente seguida por infecção secundária bacteriana, especialmente *M. haemolytica*).



BACTÉRIA	VÍRUS	MYCOPLASMA
<i>Manheimia haemolytica</i> (<i>Pasteurella</i>)	Parainfluenza tipo 3 (PI3)	<i>Mycoplasma dispar</i>
<i>Pasteurella multocida</i>	IBR (Rinotraqueíte Infecciosa Bovina)	<i>Mycoplasma spp.</i>
<i>Haemophilus somnus</i>	Vírus Sincicial Respiratório Bovino (VSRB)	<i>Ureaplasma spp.</i>
<i>Chlamydia spp</i>	BVD (Vírus da Diarreia Viral Bovina)	<i>M. bovis</i>
<i>Neisseria spp</i>		<i>M. bovirhinis</i>

Relacionados aos animais – O pico de incidência ocorre entre 30 e 50 dias após o nascimento, justamente o período em que cai o nível de imunoglobulinas (anticorpos) que o bezerro recebeu do colostro. Vários fatores podem predispor o bezerro à doença, tais como não-consumo ou consumo inadequado do colostro (alteração na transferência de imunidade da mãe ao bezerro), verminoses, tristeza parasitária, diarreias, estresse, animais mal nutridos ou qualquer fator que afete a vitalidade do animal.

Relacionados ao ambiente – As instalações onde os bezerros são criados influenciam diretamente a incidência da doença. Instalações adequadas são fáceis de ser mantidas limpas, secas, livres de corrente de ar, confortáveis e permitem manejo adequado e eficiente dos animais. Podemos citar os principais fatores do ambiente que predispoem à doença:

Ventilação: É muito importante o ambiente onde o bezerro fica ter sistemas que permitam a constante substituição do ar (lanternins, janelas e aberturas), para que não haja acúmulo tanto dos agentes infecciosos quanto de gases liberados pelas fezes e urina dos próprios animais.

Umidade: o excesso de umidade pode promover a sobrevivência dos microorganismos, que se mantêm viáveis em gotículas de água suspensas no ar (aerossol). Além do mais, quando a pele do bezerro está úmida, prejudica o isolamento térmico natural, que pode resfriar o seu corpo até a morte.

Variações de temperatura: tanto o excesso de calor quanto ambientes muito frios são bastante prejudiciais aos animais

e os predispoem a problemas respiratórios. Portanto, deve-se evitar o estresse térmico.

Lotação de animais: também constitui importante fator de estresse, mesmo em curtos períodos. Durante os períodos de estresse, a imunidade dos bezerros está reduzida e, quando há microorganismos circulando no animal, estes aproveitam o momento de fraqueza e se multiplicam mais intensamente. Além do mais, animais aglomerados, de diferentes idades, põem em risco principalmente os animais novos, já que os mais velhos estão em diferentes graus de proteção e, mesmo sem a doença, podem estar liberando patógenos aos mais novos.

Para que haja minimização dos fatores acima, as instalações devem estar bem adaptadas, afastadas de áreas de adultos. Devem ser evitadas construções com espaços pouco ventilados, com alta umidade do ar e sem proteção do frio, sendo desejável que permitam temperaturas agradáveis e que não tenham áreas com lotação excessiva de animais, principalmente de diferentes idades.

Relacionados ao manejo - O cuidado do bezerro deve começar antes mesmo do parto. Os bezerros podem nascer subdesenvolvidos, fracos e com deficiência de vitaminas e minerais, devido às deficiências nutricionais durante a gestação, que acabam comprometendo a resistência às doenças. Com isso, a correta alimentação balanceada com adequada suplementação vitamínica e mineral materna é fundamental para se evitar problemas no bezerro.

Os problemas na hora do parto também podem trazer graves conseqüências ao bezerro. É imprescindível que haja absorção eficiente de anticorpos do co-

lostro, sem o que o animal poderá estar predisposto a problemas respiratórios logo na primeira semana de vida.

Muitas vezes, a falta mão-de-obra qualificada para o manejo do bezerro pode ser determinante na saúde do recém-nascido. É primordial, portanto, que o bezerro mame o colostro logo nas primeiras horas de vida, e também haja a cura do umbigo com tintura de iodo a 10%. Com isso, a incidência de problemas respiratórios diminui bastante. Também é necessário estar atento à sua alimentação e ao controle de outras doenças, como verminoses, diarreias e tristeza parasitária.

Prevenção

Para que haja diminuição da ocorrência de pneumonia é necessário controlar os fatores de risco, reduzindo ou eliminando os problemas do ambiente e do manejo. A ingestão de colostro nos primeiros momentos de vida é fundamental. Nunca se deve esquecer de fazer a cura do umbigo logo após o nascimento com soluções de iodo. Alojamento individual (de preferência), seco, ventilado e com bom controle de temperatura é determinante para eliminar o risco da doença. A nutrição é fator primordial, tanto da mãe quanto do lactente para evitar as doenças respiratórias. Vacinas contra vários agentes, por exemplo, BVD, IBR ou *Pasteurella*, só devem ser consideradas quando identificadas e recomendadas pelo médico veterinário.

Tratamento

Há antibióticos com amplo espectro que agem contra vários agentes. Enrofloxacina é uma das drogas mais recentes que têm ação bastante ampla e atua, inclusive, contra micoplasmas. Mesmo assim, uma vez detectado o problema com o bezerro, é necessário se fazer um perfeito diagnóstico do problema pelo médico veterinário para se fazer uma correta medicação. Muitas vezes, além do antibiótico é necessário tratamento-suporte com fluidoterapia, tônicos e fortificantes.

MARCIO UONO
Coordenador Nacional Linha Saúde da Tortuga

Dia de campo dos parceiros do **BOI VERDE**

No dia 19 de maio, foi realizado o IV Dia de Campo Parceiros do Boi Verde, na Fazenda Norte, em Campo Novo dos Parecís (MT). O evento foi prestigiado por mais de 100 de pessoas, que assistiram às palestras com alternativas para a melhoria da pecuária na região.

A Fazenda Norte é Unidade Demonstrativa do Boi Verde, da Tortuga. Como não poderia deixar de ser, a empresa levou uma mensagem sobre a vocação da região, grande produtora de grãos e situada próxima a municípios de aptidão pecuária, que possuem grande população bovina.

O assistente técnico Ruy Felipe C. Moraes, da Tortuga, falou sobre confinamento, ressaltando ser uma alternativa extremamente lucrativa devido ao custo

das matérias-primas e à grande oferta de subprodutos da lavoura, todos com possibilidade de uso na alimentação de bovinos confinados. Além disso, a fazenda apresentou seus animais, resultado de melhoramento genético do programa PAINT.

A Heringer Fertilizantes apresentou alternativas de manejo de pastagens com adubação para a melhoria da produtividade. A iniciativa de Saul Francisco, proprietário da Fazenda Norte, é justamente incentivar seus companheiros na região a investir na produção de bovinos como mais uma alternativa de ganhos e, para isso, conta com o auxílio de empresas como a Tortuga, que buscam no uso da tecnologia os atalhos para uma pecuária eficiente. NT

MAIS DE UMA CENTENA DE
PECUARISTAS NA FAZENDA NORTE

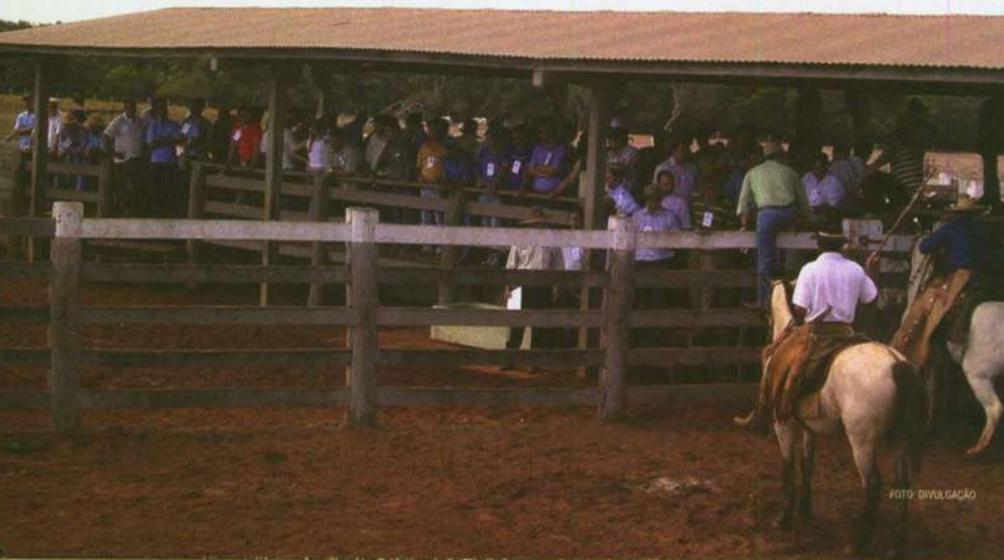


FOTO: DIVULGAÇÃO

Feicorte atrai 25 mil visitantes

Evento reuniu mais de 20 raças bovinas, ovinas e caprinas e teve programação intensa voltada ao fortalecimento da cadeia produtiva da carne bovina.

A 13ª Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne (Feicorte), maior evento *indoor* do setor na América Latina, realizado em junho, transformou São Paulo na capital da pecuária de corte, reunindo cerca de quatro mil animais, representados por mais de 20 raças zebuínas, taurinas e sintéticas, de 1 mil criadores de todo o País.

Promovida pelo Agrocentro e com a presença da Tortuga como expositora, a Feicorte reuniu todos os elos da cadeia produtiva da carne, como nutrição, sanidade, genética, equipamentos de última geração, produtos e serviços, além de oportunidades de investimentos.



FOTO: TEXTO

A valorização dos ANIMAIS LEITEIROS

Mercado em alta do leite eleva procura e preços dos animais de alta qualidade genética e produtiva. Megaleite, em Uberaba (MG), foi aquecida.

No total, foram realizados 14 leilões, com faturamento de aproximadamente R\$ 10 milhões. Ao todo, foram ofertados cerca de 700 animais, entre bovinos, caprinos e ovinos.

“A movimentação gerada pelo público (cerca de 25 mil visitantes), a qualidade do congresso, palestras, seminários e cursos, a comercialização de animais nas argolas e nos leilões, a venda de insumos, produtos, equipamentos e maquinários e os contatos gerados foram extremamente positivos e consolidam de fato a Feicorte como uma excepcional oportunidade para a realização de negócios”, assina a Décio Ribeiro dos Santos, diretor do Agrocentro.

Entre os destaques na programação, incluem-se o 1º Curso Feicorte de Julgamento das Raças Zebuínas, realizado pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) e o VII Seminário ABMR&A da Cadeia Produtiva da Carne Bovina. Outra atração foi a Cozinha Interativa, realizada em 2007 em parceria com o Frigorífico Marfrig. O espaço gastronômico gratuito, montado especialmente para divulgar a qualidade da carne bovina, reuniu grandes chefs, profissionais da área e mais de 200 participantes. **NT**

TORTUGA PRESENTE.
MAIS UMA VEZ



Com a elevação dos preços pagos ao produtor, resultado da escassez do produto no mundo e de aumento da demanda interna, entre outros motivos, o mercado de leite mostra-se extremamente aquecido e com tendência à estabilidade, o que estimula o investimento e a verticalização em busca de maior lucratividade.

Nesse contexto, os leilões de gado leiteiro voltam à tona com muita força, agora amparados pela tecnologia de transmissão ao vivo e interatividade com criadores de todo o País, que podem adquirir animais via telefone.

Em junho, durante leilão realizado no Sul de Minas Gerais, um criador de Russas (CE) adquiriu, por telefone, a vaca SSV Carmel, de Ciro Vilela de Siqueira, por R\$ 19.370,00, abrindo a porteira para os grandes negócios que ocorreram desde então e que culminaram com a venda, durante a Megaleite, em Uberaba, da vaca Patativa Markowicz, por R\$ 48.000,00.

Recordista – Patativa Markowicz deixou a Fazenda Volta Fria, em Raposo, distrito de Itaperuna (RJ), para conquistar mais

um dos muitos records que a tornam mais que um animal de produção. “Esta vaca é perfeita e eu não podia deixá-la passar”, diz Geraldo Vaz, de Amargosa (BA), após tê-la arrematado. O expositor Filipe Alves Gomes cita com orgulho alguns de seus records, conquistados em seis edições consecutivas da Megaleite:

- 2002 RESERVADA MELHOR FÊMEA JOVEM (11 MESES)
- 2003 MELHOR FÊMEA JOVEM (23 MESES)
- 2004 CAMPEÃ DA CATEGORIA 30 – 36 MESES RESERVADA MELHOR ÜBERE JOVEM
- 2005 CAMPEÃ DA CATEGORIA 42 – 48 MESES RESERVADA MELHOR ÜBERE JOVEM
- 2006 RESERVADA CAMPEÃ CATEGORIA VACA 4 ANOS
3º MELHOR ÜBERE ADULTO
CAMPEÃ PROGÊNIE DE MÃE
- 2007 CAMPEÃ CATEGORIA VACA 5 ANOS MELHOR ÜBERE ADULTO
GRANDE CAMPEÃ DA RAÇA (1/2 SANGUE)
CAMPEÃ PROGÊNIE DE MÃE
RECORDE DE PREÇO: R\$ 48.000,00

A Tortuga orgulha-se de ser parceira destes grandes nomes da pecuária de leite do Brasil.

EDUARDO VALIAS VARGAS
Supervisor técnico-comercial,
São Gonçalo do Sapucaí (MG)

VACA PATATIVA COM SÉRGIO PEIXOTO, EDUARDO VALIAS (TORTUGA), GERALDO VAZ E FILHOS E FELIPE ALVES GOMES (PROPRIETÁRIO DO ANIMAL)



CARMEL, VENDIDA POR CIRO VILELA DE SIQUEIRA



CAPTAR E TORTUGA JUNTAS, *em Guanambi (BA)*

Com o apoio de empresas parceiras, entre as quais a Tortuga, representada pelo supervisor técnico Marco Antonio Leite Lopes, a Captar (Central de Agrobusiness em Tecnologia e Produção para Áreas Rurais) participou da 21ª Exposição Agropecuária de Guanambi (BA), realizada de 30 de maio a 3 de junho.

Na ocasião, Marco Antonio ministrou palestra sobre manejo de cochos, mesmo tema apresentado há um ano em uma das células da Captar, no Vale do Iuiu (BA). Após mensurar os efeitos dos treinamentos da Tortuga, a Captar concluiu que o curso foi um dos fatores que contribuíram para o ganho de peso de 10,30 arrobas/ha/ano, razão pela qual repetiu o tema na exposição, a fim de que os parceiros pecuaristas pudessem obter resultados semelhantes.

Durante o evento, o estande serviu como espaço para encontro entre parceiros, fornecedores e pecuaristas. Os visitantes também puderam conhecer as vantagens de ser um parceiro Captar.

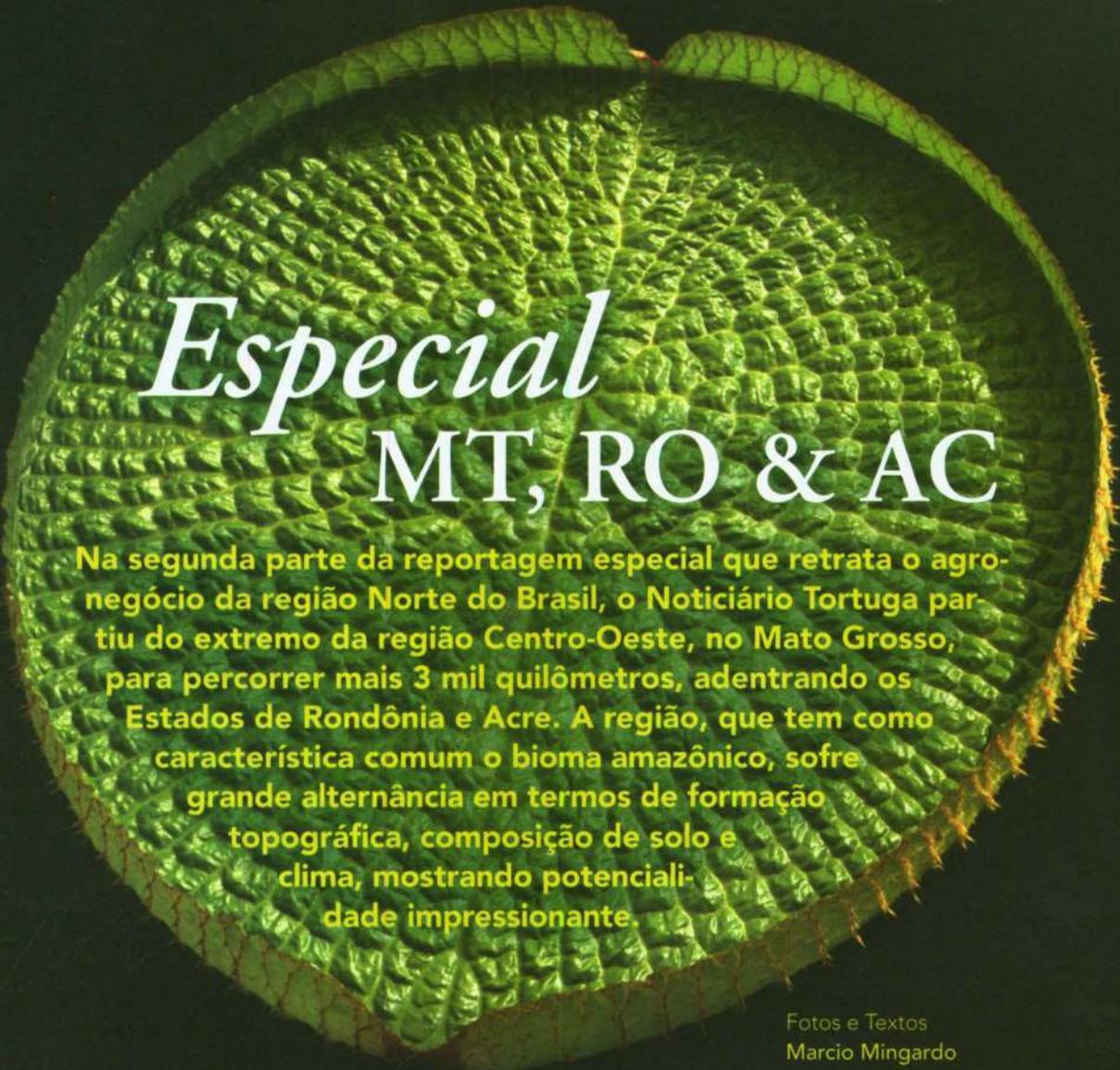
Voltada para a bovinocultura de corte em cria, recria e engorda, a Captar atua com foco na integração da cadeia produtiva da carne para atender ao mercado de exportação. Para isso, tem investido na reestruturação de suas células, com adoção de manejo racional, acompanhamento de ganho de peso, controle sanitário e suplementação mineral. Outra prioridade é a preservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida de seus colaboradores.

Na Exposição de Guanambi, a Captar também exerceu um de seus valores mais nobres: o foco em responsabilidade social. O gestor da Captar, Almir Moraes Filho, mobilizou produtores rurais para

colaborar com o importante trabalho de duas instituições da Secretaria de Assistência Social de Guanambi: o Lar dos Velhinhos e a Casa de Costura. Sensibilizados, os pecuaristas realizaram doações espontâneas em dinheiro e em animais.

Além de acompanhar as palestras e conhecer os benefícios oferecidos pelos produtos da Tortuga, os visitantes também conheceram o animal-padrão que a Captar pretende produzir. Para isso, foi reservado um lote de sintéticos e outro de meio-sangue Nelore/Aberdeen Angus. “Os resultados foram positivos. Mostramos que é possível mudar o cenário da pecuária na região do semi-árido”, destacou Almir Moraes Filho. NT





Especial MT, RO & AC

Na segunda parte da reportagem especial que retrata o agro-negócio da região Norte do Brasil, o Noticiário Tortuga par-tiu do extremo da região Centro-Oeste, no Mato Grosso, para percorrer mais 3 mil quilômetros, adentrando os Estados de Rondônia e Acre. A região, que tem como característica comum o bioma amazônico, sofre grande alternância em termos de formação topográfica, composição de solo e clima, mostrando potencialidade impressionante.

Fotos e Textos
Marcio Mingardo



Localizado a Oeste da região Centro-Oeste e com a maior parte de seu território ocupado pela Amazônia Legal, o Estado de Mato Grosso é um gigante de 906.806,9 km², que faz limites com Amazonas, Pará, Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rondônia e com a Bolívia. Com população fixa de 2,8 milhões de habitantes, segundo o último senso do IBGE, a região é considerada de baixa densidade populacional, com apenas 2,6 hab/km².

Em termos de formação étnica, o Mato Grosso sofreu ao longo das últimas décadas forte miscigenação de povos migrantes, principalmente de Estados da região Sul, com populações indígenas locais. Já em termos econômicos, o MT tem a produção pecuária, a agricultura e a mineração como seus principais expoentes. No segmento da produção animal, o Estado conquistou recentemente a liderança em rebanho de bo-

vinos do País ao atingir 25,911 milhões de cabeças, ou 12,67% do plantel nacional, de 204 milhões de cabeças.

Com área geográfica total de 237.576,167 km² e população de 1.562.417 habitantes, o Estado de Rondônia é considerado a nova grande fronteira da pecuária na região Norte. Resultado de trabalho iniciado em 1999, que envolveu toda a cadeia de produção da carne em prol de um projeto de reconstrução da atividade, a partir do melhoramento genético, ampliação do rebanho e defesa sanitária animal, Rondônia vive atualmente situação muito confortável. Com rebanho de 12 milhões de bovinos, entre corte e leite, o Estado está hoje entre as cinco regiões do País com reconhecimento internacional de zona livre da febre aftosa com vacinação.

Situação análoga vive o Estado do Acre, de área total de 152.581,4 km²,

bem no extremo Norte do País. Com mais de 80% do seu território ainda ocupado por mata nativa, o Acre, que tem população de 686.652 pessoas, reúne condições extremamente favoráveis à criação. O modelo de desenvolvimento econômico baseia-se, primordialmente, no extrativismo, com destaque para madeira, o que garante o uso economicamente sustentável da floresta. Os setores que merecem destaque são: extração da borracha, castanha, pecuária de corte e agricultura.

A pecuária de corte está em expansão no Acre, reunindo cerca de 2 milhões de cabeças, divididas em 17,5 mil propriedades rurais de pequeno e médio portes. Um dos grandes atrativos do Estado para investidores é a estrada que ligará a região Norte ao Pacífico, que abrirá um novo canal de exportação para os produtos brasileiros para os principais mercados do mundo. **NT**

Animais PO e comerciais perfeitamente integrados

No projeto de Duda Biaggi, os resultados aparecem na balança, com animais precoces e pesados, na valorização dos leilões e na premiação em exposições.

De olho na expansão da produção de cana-de-açúcar no interior do Estado de São Paulo, o empresário Eduardo Biaggi, proprietário da Carpa Agropecuária, resolveu transferir seu projeto de seleção de gado Nelore, mantido desde 1971, na região de Ribeirão Preto (SP), para a região do Vale do Araguaia, no Estado de Mato Grosso. A transferência para o complexo de 27 mil hectares de área, em Barra do Garças (MT), aconteceu na última metade da década de 1990, quando começou a ser formado o núcleo Nelore PO da Fazenda São Luiz.

A necessidade de crescimento do projeto, entretanto, levou o criador a buscar mais uma alternativa na criação e iniciar projeto paralelo, com gado comercial. Envolvido diretamente nesse trabalho, o empresário Duda Biaggi faz questão de acompanhar o processo de escolha dos acasalamentos nas vacas cara limpa e LA,



LUIZ CARLOS MIGUEZ (CASA DO CRIADOR);
MARCOS JUNQUEIRA CARDOSO (GERENTE);
GLEYSOM DUARTE NOGUEIRA (SUPERVISOR TORTUGA)

PRODUÇÃO DE VOLUMOSO É GARANTIA DE
BOI GORDO NA CARPA AGROPECUÁRIA



inseminadas com touros da linhagem Carpa Agropecuária. O direcionamento é sempre para obter matrizes de excelente habilidade materna, que possam desmamar bezeros pesados, criados em regime de pasto, explica Marco Junqueira Cardoso, administrador da Fazenda São Luiz, responsável pelo gado PO da Carpa.

“Hoje, os dois projetos trabalham integrados”, ele explica. O rebanho de fêmeas da Fazenda São Luiz, que começou a ser formado em 1996, atualmente reúne cerca de 12 mil cabeças, manejadas em regime de estação de monta de 90 dias, com índice de prenhez superior a 80%. Um manejo interessante na parte reprodutiva da São Luiz é feito com as primíparas, usadas como receptoras nas transferências de embriões. “Com isso, essas fêmeas, que normalmente causam problemas para o manejo reprodutivo das fazendas, para a Carpa se tornaram a solução”, completa Marcão.

Logo depois do parto, elas voltam a integrar o rebanho de produção da fazenda. Além disso, a propriedade também aproveita as melhores fêmeas comerciais de cada geração em habilidade materna, usadas como barrigas de aluguel. Esse trabalho, sempre sob os olhares atentos do consultor da Tortuga, João Osmar de Oliveira, rende à fazenda cerca de 600 nascimentos por ano, rebanho que somado à bezerrada de campo fecha 9 mil bezeros nascidos/ano.

Outro ponto que merece destaque no trabalho da Carpa Agropecuária está relacio-

nado ao melhoramento genético do Nelore por meio do trabalho científico. A fazenda está entre as pioneiras do programa Nelore Brasil, da Universidade de São Paulo – campus de Ribeirão Preto (SP), “ferramenta indispensável à pecuária moderna, que exige animais cada vez mais precoces e com padronização de carcaça”, observa Marcão. Por conta desse trabalho pioneiro na região Norte do País, a Fazenda São Luiz, há mais de 11 anos, abate seus animais segundo a classificação de novilho precoce, ou seja, com idade entre 24 e 30 meses.

Os resultados dos abates técnicos feitos pela propriedade mostram a boiada com excelente conformação frigorífica, fato que só confirma o direcionamento da seleção e o manejo alimentar. Não deixar falta comida para o gado, comenta o gerente, que diz ter a fórmula para produzir boi gordo no Mato Grosso: genética, pasto e Fosbovi no cocho.

O projeto pecuário da Carpa Agropecuária na região Norte compreende o ciclo completo de cria, recria e engorda de gado comercial mais o núcleo PO. A área aberta da fazenda, hoje, é de 15 mil hectares, aproximadamente, divididos em sete retiros. Destes, dois abrigam o gado PO e outro foi transformado em central de transferência de embriões. O ponto forte do projeto na parte nutricional é a área de 106 hectares plantados com capim Mombaça, irrigada durante a seca por pivô central. Esse manejo garante produção extra de volumoso de 14 mil toneladas por ano; 50% da produção são transformados em silagem de capim; o restante é oferecido *in natura*.

Com essa oferta de alimentos, a fazenda consegue manter quase duas vezes a capacidade estática do confinamento de 5 mil animais por ciclo, abatendo em torno de 9 mil cabeças/ano. Como a desmama da fazenda é intensiva e o intervalo de partos é de 14 meses, a entrada dos animais no confinamento acontece por volta dos 20 meses de idade e peso médio de 315 kg. O período de fechamento é de 90 a 100 dias, ao final do qual saem os animais já acabados pesando entre 15 e 16 arrobas e rendimento de carcaça na casa dos 56%. Isso aos 26 meses de idade.

O gerente da Carpa atribui importante parcela dos resultados à estrutura montada na Fazenda São Luiz para alimentar os animais e à suplementação mineral correta do gado, planejamento feito pelo corpo técnico da Tortuga, que trabalha com os minerais orgânicos do Programa Boi Verde na boiada do início da recria à terminação. Além disso, são oferecidos Fosbovi Reprodução para machos e fêmeas, durante o período de reprodução, e Fosbovi 20, à vontade no cocho, no restante do ano. NT

Na ponta do lápis

Jaó Agropecuária conduz projeto pecuário de olho na produção de carne bovina por hectare, com atenção especial ao desempenho dos lotes de animais.

Engenheiro civil de formação, o empresário paulista Roberto Guidoni aposta desde 1990 na pecuária de corte da região Centro-Oeste, como atividade complementar aos seus negócios. Com a compra de três propriedades rurais na região de Nova Xavantina (MT), ele formou a Robeca Participações, empresa agropecuária que nasceu para investir na recria e engorda de bovinos de corte para produção de boi gordo.

O modelo de gestão empresarial do projeto, cuja sede fica na Fazenda Jaó Agropecuária, foi desenhado como uma fábrica de produção de carne. E é com essa filosofia de não se considerar criador de boi e, sim, produtor de arrobas, que o empresário administra a boiada, se valendo de modernos conceitos de administração rural, como avaliar arrobas por hectare.

Com área total de 19,8 mil hectares, a Jaó Agropecuária tem 15,3 mil hectares ocupados com pastos, divididos em cinco retiros, subdivididos por módulos de rotacionado de 160 a 400 hectares, aproximadamente. "Todo o sistema de produção é administrado tendo como base a lotação dos pastos", ressalta Romes Faria da Costa, gerente da Jaó, que há mais de 13 anos administra a criação e não abre mão de produzir o boi verde.

A fazenda, também acompanhada pelo consultor João Osmar de Oliveira, da Tortuga, trabalha atualmente com giro anual de 26 mil animais e abates na casa das 10 mil cabeças, representando desfrute aproximado de 40%. Como o modelo de criação não mantém a cria, toda a reposição vem de fazendas de terceiros. Dessa forma, o critério na escolha dos fornecedores vai muito além da qualidade genética e do peso da desmama. O projeto da Jaó Agropecuária usa como critério de escolha desmama de 160 quilos acima e, após a compra, faz classificação interna para direcionar os animais para cada pasto.

"Essa classificação é considerada o grande pulo do gato do projeto, que consegue corrigir eventuais deficiências dos bezerreros durante a fase de recria", explica Romes, que destaca o fato de a Jaó contar com um profissional que atua exclusivamente na compra da bezerrada.

Assim que os bezerreros chegam à fazenda, o cuidado com a parte sanitária é intenso e

dura por volta de 30 dias, quando acaba a quarentena. No retorno, é feita a apartação dos animais, em lotes por peso. Os bezerreros menos pesados (160 kg a 190 kg) são chamados especiais. Esse termo não significa a condição do animal, mas, sim, o pasto no qual ele será criado. Essa classificação engloba, também, animais prioritários (190 kg a 220 kg); intermediários (220 kg a 250 kg) e inferiores (250 kg a 270 kg).

A Jaó Agropecuária trabalha sobre médias de abate por ciclo de produção. "Não adianta terminar bem a cabeceira e ter o fundo do plantel prejudicado", comenta Romes, que considera o manejo de pastagem o segundo pilar do projeto. Por isso, o trabalho de conservação e reforma das áreas de pastagem é bastante intenso, incluindo a diversificação de culturas, que reúne pastos de *Brachiaria brizantha* e *Brachiaria humidicola* e capins Mombaza e Tanzânia.

O manejo privilegia a fisiologia do capim e os períodos de descanso. Tudo segue um calendário bastante criterioso, que respeita as épocas de chuvas, quando são feitas as reservas de pasto para o período crítico (inverno). Outro manejo importante da Fazenda Jaó, na questão alimentar, refere-se às áreas de pasto mantidas sobre pivô central. O sistema atende prioritariamente a animais em terminação, acabando com o problema da sazonalidade dos abates, hoje realizados a cada dois ou três meses, passando para o ano inteiro.

Outro ponto também tratado com extrema seriedade é a suplementação mineral do gado, à base dos produtos do Programa Boi Verde, da Tortuga. Para o gerente da proprie-

dade, esse é o terceiro pilar do projeto, devido à importância estratégica que o suplemento mineral aplicado corretamente tem no ganho de peso da boiada. Como a opção da fazenda é pela recria intensiva, logo após a entrada dos animais no piquete eles já começam a ser suplementados com Foscromo, procedimento que tem auxiliado na redução do tempo de permanência dos animais no pasto.

Só para se ter uma idéia, do início da recria à terminação, que acontece entre 26 e 28 meses de idade, o período de pastejo raramente ultrapassa 18 ou 19 meses. Outro índice importante é o Ganho de Peso Diário (GPD) dos animais, que registra média de 750 a 800 gramas, no período das águas. Na seca, que dura até seis meses, esse índice fica entre 350/400 gramas/animal/dia, na média.

A qualidade dos animais levados ao abate pela Jaó Agropecuária garante remuneração diferenciada do preço pago na região, na base do índice Esalq/BM&F + 3% pela arroba. E não é só isso. A fazenda está entre as poucas no Estado convidadas pelo grupo Friboi para inclusão no seletor grupo que possui a certificação Eurepgap. Romes da Costa informa que a certificação ainda está em processo de implantação, mas que resulta do trabalho sério e focado da Jaó Agropecuária na pecuária do Mato Grosso. **NT**



GERALDO T. JUNQUEIRA NETO (BARRAPEC PROD. AGRO. LTDA); ROMES FARIA DA COSTA (GERENTE); GLEYSON DUARTE NOGUEIRA (SUPERVISOR TORTUGA)

FAZENDA JAÓ: PECUÁRIA PROFISSIONAL EM REGIME DE PASTO



A receita funcional da Pabreu

Manejo eficiente e profissional apura a seleção do projeto comandado por Paulo Abreu Júnior, em Barra do Garças (MT).

Adquirida na década de 1960, pelo então senador Paulo Abreu, a Fazenda Pabreulândia, de Barra do Garças (MT), desenvolve projeto pecuário com animais da raça Nelore, na região do Vale do Araguaia, e pode ser considerada modelo para outros produtores. Com localização privilegiada, próxima ao bico da Serra do Roncador, cartão postal do Estado, a Pabreu Agropecuária tem seu foco na produção de genética Nelore para venda na região Norte e engorda de boi em regime de pastagem semi-extensiva.

Na administração do projeto, desde 1990, está o empresário Paulo Abreu Júnior, que promoveu uma verdadeira revolução no projeto ao incorporar modernas tecnologias. O resultado é visto sob a forma de índices zootécnicos muito positivos, tanto no manejo reprodutivo como nos resultados de produção de carne. Marcos Aurélio Miranda de Carva-

lho, gerente da Pabreu, testemunhou grande parte do processo de transição da antiga para a atual administração.

Ocupando área de 7.400 hectares, a fazenda tem 100% da sua área mapeada e classificada em áreas de sequeiro, várzea e alagado, ocupadas com diferentes espécies forrageiras. Ao todo, são 60 pastos manejados de acordo com a necessidade do rebanho e a época do ano. A vedação de alguns pastos para servir ao rebanho nos períodos mais críticos é utilizada para armazenamento de alimentos para o gado. Hoje, a propriedade está 60% formada em módulos de rotacionado, trabalhados com lotação média de 30%/40%, manejo para garantir a rebrota do capim, explica o gerente da Pabreu Agropecuária.

No rebanho comercial, a fazenda mantém 4 mil matrizes Nelore, manejadas no sistema de estação de monta fixa de 90 dias. O manejo envolve o acompanhamento dos técnicos da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), que escolhem os melhores touros do mercado, direcionando os acasalamentos para as características de fertilidade,

precocidade e conformação frigorífica. Desse trabalho, todos os anos saem cerca de 70 touros, vendidos para pecuaristas da região.

Além disso, a fazenda compra animais de reposição para recria e engorda, o que representa cerca de 70% do giro total da propriedade. O manejo que envolve a fase da cria ocupa dois módulos de rotacionado de 700 hectares cada, subdivididos em piquetes de 100 hectares. O sistema de criação é tradicional com desmama aos 240 dias e peso de 210 quilos de média.

Na recria, são selecionados machos e fêmeas, classificados por peso. Os animais mais leves recebem pasto e suplemento mineral protéico Tortuga e os demais ficam no Fosbovi 20. O manejo de pastagem é feito no sistema de rotacionado de *Brachiaria brizantha*, *Brachiaria humidicola* e capins Mombaça e Tanzânia. No período da seca, é reduzida a lotação dos pastos, processo que conta com o abate da boiada mais antiga da fazenda durante o verão.

O giro de animais da Pabreulândia é de cerca de 4 mil cabeças, abatidas até os 36 meses de idade e classificadas nos padrões da Cota Hilton por peso e qualidade de carcaça. Um dado interessante da Pabreu Agropecuária é a pequena diferença registrada nos índices de ganho de peso da boiada na comparação entre águas e seca. Com o manejo das águas, os animais ganham entre 650 e 700 gramas; na seca, esse resultado é de 500 gramas/animal/dia, na média do rebanho. Isso com taxa de lotação de 1.5 UA/ha/ano.

O segredo da Pabreu para rendimentos tão altos, explica Marcos Aurélio, é basicamente pasto e suplementação mineral, tecnologia que para a região Centro-Oeste é fundamental para produção de boi em regime de pasto. Outro manejo auxiliar vem do pivô central, que funciona como a fábrica de comida dos animais para o período da seca. O resultado desse manejo é boiada pesada, com cerca de 17 arrobas de média, e rendimento de carcaça superior a 53%, com idade entre 30 e 36 meses. Para o gerente da Pabreu Agropecuária, a chegada dos grandes frigoríficos dará nova vida à pecuária na região do Vale do Araguaia. "E quando isso acontecer, o pecuarista precisa estar preparado", finaliza. NT



LUÍZ CARLOS MIGUEZ (CASA DO CRIADOR); MARCO AURÉLIO MIRANDA CARVALHO (GERENTE); GLEYSON DUARTE NOGUEIRA (SUPERVISOR TORTUGA). OS MÉDICOS VETERINÁRIOS REMI JOSÉ CARNIEL, ASSISTENTE TÉCNICO DA REGIÃO DO VALE DO ARAGUAIA E XINGU, E RUY FELIPE DE CAMARGO MORAES, ASSISTENTE DE CONFINAMENTO, TAMBÉM DÃO APOIO À PROPRIEDADE

PABREULÂNDIA: MANEJO EFICIENTE ELEVA PRODUTIVIDADE



Ciclo completo e gado pesado

As Fazendas Espinhaço, Bico da Serra e Beira Rio trabalham em conjunto para produzir gado precoce e com elevado ganho de peso.

Com localização privilegiada, naquela que já é apontada como a nova capital do boi gordo no Estado de Mato Grosso, a região de Barra do Garças, o empreendimento agropecuário formado pelas Fazendas Espinhaço, Bico da Serra e Beira Rio, do empresário Emiliano Abraão Sampaio Novaes, trabalha o presente de olho no futuro.

Com a proposta original de servir apenas à recria e à engorda de bovinos de corte, o projeto passou por alguns ajustes nos últimos anos a fim de contemplar também a cria. A alteração, explica o médico veterinário Cássio Fossem, responsável pela administração do projeto, deve-se às seguidas crises no mercado de reposição local, que praticamente leva o internista a iniciar sua produção de bezerras.

Outra dificuldade apontada pelo administrador como limitante à cria na região está relacionada à produção de volumoso. A saída para equacionar esse problema foi encontrada por ele a muitos quilômetros de distância da propriedade. Em visita à Fazenda Caçadinha, Unidade Demonstrativa da Tortuga, em Rio Brillante (MS), o administrador da Fazenda Espinhaço conheceu o Rotacionado Racional Tortuga (RRT), sistema de manejo que privilegia o uso da cana-de-açúcar como volumoso estratêgico no período da seca.

Cássio Fossem lembra que, durante a visita, viu lotes de vacas paridas, com bezerro ao pé, sendo alimentadas com cana-de-açúcar *in natura* nas áreas de seqüestro. Isso chamou sua atenção. Dessa forma, assim que retornou da viagem ele não teve mais dúvida sobre a necessidade de integrar as fazendas, formando um projeto único de cria, recria e engorda.

Hoje, a Fazenda Bico da Serra, que fica distante 50 km da sede, contempla todo o trabalho de cria do projeto, com 2.400 matrizes Nelore, e tem planos para ampliar para 4.500 fêmeas, já nos próximos anos. A propriedade de cinco mil hectares conta com tecnologia de última geração na parte de pastos, aguadas e cochos de *creep-feeding* para criar de maneira intensiva.

A fazenda faz sincronização de cio em toda a vacada, que é inseminada em uma estação reprodutiva de 90 dias. "Os planos incluem trazer esse período para 70 dias", explica Fossem, que espera padronizar todos os nascimentos da fazenda, aumentando a pres-

são de seleção sobre as mães, além de manter o intervalo de partos em 12 meses.

A base do sistema, ele adianta, será a alimentação. Colocando em prática o que viu na Caçadinha, Cássio Fossem já separou 250 hectares para o plantio da cana-de-açúcar, que será servida verde no seqüestro à vacada. A fazenda mantém outras áreas cultivadas com pastagens de *Brachiaria brizantha* e *Brachiaria MG-5*, que atualmente servem de base à alimentação do gado.

Um dado interessante sobre o manejo de pastagens é que todas as fazendas do grupo de Emiliano Abraão Sampaio Novaes trabalham no sistema integração lavoura x pecuária, já há vários anos, ocupando área de lavouras de soja, milho e milheto para renovação dos pastos.

Segundo Cássio Fossem, o objetivo na Bico da Serra será produzir parte da desmama para abastecer as invernações, que serão divididas entre as Fazendas Beira Rio, que já recebe estrutura para acomodar toda a recria comprada de terceiros (projeto para 4 mil bezerras por ano), e Espinhaço, que servirá também à recria, mas com foco principal na terminação do gado em regime de confinamento. Esse manejo é considerado estratêgico pelo administrador, que espera fechar 2 mil animais por ano.

Com a intensificação da cria e da recria, o objetivo é entrar com os animais no confinamento por volta dos 20 meses de idade, pesan-

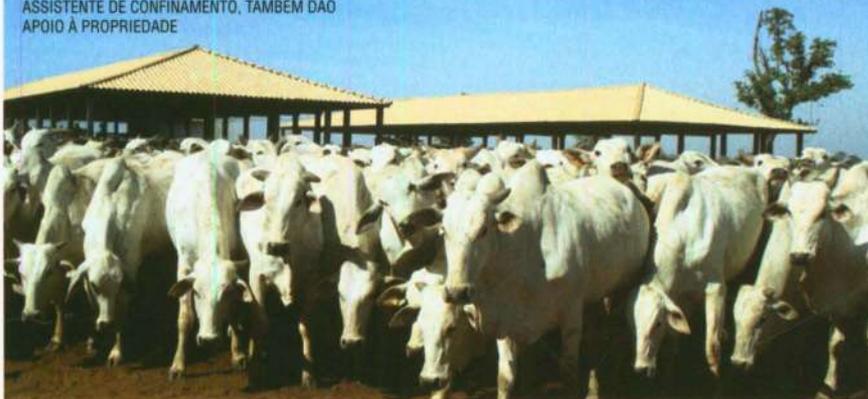
do 14 arrobas de peso. Isso será possível graças à desmama pesada tanto de machos quanto de fêmeas, sempre acima dos 200 quilos de peso vivo. No ano passado, foram fechados 1.680 animais, que receberam dieta de confinamento com inclusão de Fosbovi Confinamento Plus, que garantiu ao gado GPD (Ganho de Peso Diário) de 1.630 kg, ao longo dos 70 dias de confinamento.

Os animais saíram pesando 17 arrobas, em média, com 54% de rendimento de carcaça, destaca Fossem, que fala sobre a nova dieta que será usada no confinamento. A mistura terá como volumoso a silagem de milho e o milheto, mais concentrado, que deve ser de farelo de soja e/ou farelo algodão, e núcleo mineral Fosbovi Confinamento com Leveduras. Com isso, ele espera manter ou mesmo elevar o GPD da boiada, já nos animais que entrarão no confinamento em 2007. NT



GERALDO T. JUNQUEIRA NETO (BARRATEC PROD. AGRO. LTDA); CASSIO FOSSEM (ADM. ESPINHAÇO); GLEYSON DUARTE NOGUEIRA (SUPERVISOR TORTUGA). OS MÉDICOS VETERINÁRIOS REMI JOSÉ CARNIEL, ASSISTENTE TÉCNICO DA REGIÃO DO VALE DO ARAGUAIA E XINGU, E RUY FELIPE DE CAMARGO MORAES, ASSISTENTE DE CONFINAMENTO, TAMBÉM DÃO APOIO À PROPRIEDADE

FAZENDA ESPINHAÇO: CONFINAMENTO ESTRATÉGICO É A ARMA PARA ELEVAR DESFRUTE



A produção com lucro é o foco da LHS

Projeto pecuário está voltado para o máximo retorno econômico. Para isso, a suplementação mineral de qualidade é essencial.

Na busca pela melhoria constante do maior retorno econômico de suas terras, o grupo Floresteca, empresa que há mais de dez anos trabalha com o cultivo da madeira teca, na região de Cáceres (MT), resolveu diversificar sua atuação no Estado e investir também em pecuária de corte. O interesse pela pecuária ocorreu após estudos realizados em algumas das fazendas, que mostraram perfil de solo mais propício ao cultivo de pastagens. A partir daí, foi criada a LHS Participações, empresa que objetiva servir exclusivamente à atividade da criação, com foco na recria e na engorda de bovinos.

No total, o grupo Floresteca conta com 11 fazendas, todas nas proximidades de Cáceres, e outras três na vizinha Jangada. Em termos de volume, a pecuária ainda representa pequena parcela dos negócios do grupo no Estado. “Nosso planejamento é transformar

os quatro mil hectares destinados à produção animal em uma verdadeira fábrica de produção de carne”, ressalta José Maria Goldschmidt Filho, engenheiro agrônomo e diretor da Floresteca.

Assim, ele ressalta, a LHS Participações, que é uma empresa pecuária na essência da palavra, trabalha exclusivamente para trazer retorno financeiro aos seus investidores. “E isso significa ter o maior número possível de animais abatidos por ano”. A estratégia montada para tornar possível esse objetivo tem sido investir em pastagens e suplementação à base de concentrados e suplementação mineral, com produtos do Programa Boi Verde, da Tortuga, informa Carlos Wagner Catelan, gerente de pecuária do Grupo Floresteca. “O Mato Grosso oferece condições muito favoráveis à pecuária intensiva. Isso se deve à grande disponibilidade de resíduos vegetais oriundos das regiões agrícolas, todas muito próximas de onde se desenvolve a criação”, completa José Maria.

No começo dos trabalhos, os técnicos fizeram todo o mapeamento das áreas onde iriam ser formadas as pastagens. A partir daí, foi traçado um plano de ação para reforma de áreas e pastos degradados. Esse trabalho já está praticamente concluído e envolve até cuidados com a fisiologia das pastagens e o controle sobre a lotação. O manejo ainda comporta o modelo de integração agroflorestal, em áreas de cultivo de Teca.

Apenas para as fêmeas em recria, são disponibilizadas áreas próximas ao reflorestamento para cultivo de pastos. “Com isso, em determinadas épocas do ano, a fazenda consegue diminuir a pressão de pastejo e aumentar as reservas de pasto para o período do inverno”, informa José Maria.

A suplementação nutricional do gado inclui, além do pasto, dieta à base de subprodutos das lavouras de soja, algodão, arroz e milho, sempre com orientação técnica de análise para controle de impurezas e formulação. Esse trabalho é feito em conjunto pelos técnicos da fazenda e o corpo técnico da Tortuga, representado pelo médico veterinário Cristiano Pedro Alberton, supervisor técnico de vendas da empresa, em Cáceres.

Resultados registrados em lotes de novilhas com 300 a 345 quilos de peso vivo mostraram consumo médio nos produtos de seca entre 274 e 298 gramas/fêmea/dia e ganho de peso de 600 gramas/animal/dia.

Com giro médio de 6 mil animais por ano, a LHS tem conseguido altos índices de abate por ano. Na última safra, seguiram para o abate 4.011 animais (desfrute de 72%). De acordo com o administrador do projeto, o trabalho feito objetiva minimizar ao máximo os efeitos da sazonalidade no período de abate.

O alto desfrute da fazenda está atrelado ao abate de fêmeas, devido à menor exigência quanto à padronização das carcaças em comparação com os machos. No geral, os animais da LHS seguem para o abate com 24 a 32 meses de idade para fêmeas (novilhas). A fazenda também engorda vacas, com peso médio de 14 arrobas. Os machos vão para o frigorífico com 36 meses e 17 arrobas. “O aproveitamento de carcaça nas novilhas é de 51%, no boi gordo 54% e nas vacas 50%, tudo carcaça acabada, exigência do frigorífico”, ressalta o gerente da fazenda.

O futuro do projeto tem forte inclinação para a produção certificada, segundo as normas internacionais, já que a cultura do grupo foca produtos tipo exportação. Isso por enquanto não é possível pela condição da região de Cáceres, ainda não autorizada a exportar. De qualquer forma, a LHS está buscando a certificação Eurepgap, em fase de auditorias. NT



DA ESQ. PARA DIR: CRISTIANO PEDRO ALBERTONI (SUPERV. TORTUGA); FELIPE BLOEMER (J. BLOEMER REPR. LTDA); SILVIO DE ANDRADE COUTINHO (PROPRIETÁRIO); CARLOS WAGNER CATELAN (GERENTE); JOSÉ MARIA GOLDSCHMIDT FILHO (DIRETOR); SYLVIO DE ANDRADE COUTINHO NETO (PROPRIETÁRIO); HEITOR AZUAGA AIRES FILHO (VETERINÁRIO); RUY FELIPE DE CAMARGO MORAES (ASSIST. TÉC. TORTUGA)

ANIMAIS DE CRUZAMENTO INDUSTRIAL DA LHS PARTICIPAÇÕES



Pecuária com retorno econômico certo

Resultados da MAM motivam investimentos na produção de animais para abate e comprovam interesse dos invernistas por animais precoces e de qualidade.

A MAM Agropecuária está fazendo jus ao título que ilustra a matéria. Seu proprietário, Marco Antonio Marchesan Rodrigues, mantém um ritmo de produção exemplar na fazenda, que vem colhendo excelentes frutos do trabalho aplicado de sua equipe.

A fazenda iniciou atividades em 1993, adquirindo matrizes e touros de ótimas procedências e introduziu o programa de melhoramento genético com a contratação de assessoramento técnico, buscando maior eficiência no rebanho. Em 1998, iniciou-se a capacitação de equipes próprias de inseminadores, formando e reciclando anualmente todos os colaboradores locados nos retiros de cria.

A partir de dezembro de 2004, a fazenda passou a utilizar os produtos Tortuga em seu plantel. A consultoria está a cargo de Paulo Sérgio Andrade Moreira, médico veterinário com pós-doutorado em nutrição de ruminantes que, a partir de seleção rigorosa, promoveu melhoria significativa no desempenho zootécnico da propriedade.

Na gerência de pecuária, Afonso Henriques Campos responde por toda a equipe operacional. O processo de melhoramento ocorreu gradativamente e foi acompanhado por melhorias na infra-estrutura da propriedade, com reformas programadas de pastagens, divisões de pastos, construções de praças de alimentação e *creep-feeding*, o que melhorou a taxa de lotação e o estado corporal dos animais. Paralelamente a esse processo, ocorreu também a capacitação da mão-de-obra, que faz a reposição dos suplementos minerais corretamente, além do rodízio de pastagens, evitando o excesso de pastoreio, e o manejo correto dos lotes. O resultado dessa associação de fatores se reflete em mais animais abatidos por ano, eficiência na fertilidade e aumento da precocidade do plantel.

A desmama é feita aos sete meses de idade, em três fases, por motivo de adequação do manejo. A primeira desmama contempla os animais de inseminação artificial; na segunda fase são desmamados os animais de IA e monta natural; e a terceira desmama compreende os animais restantes de monta natural. Os lotes Nelore de inseminação artificial pesaram, em média, 247 kg (machos) e 235 kg (fêmeas), com as matrizes em ótima condição

corporal e 421 kg, em média. Os animais que vão para abate ficam prontos entre 24 e 28 meses.

Com o lançamento de Fosbovi Protéico 45, em 2006, a MAM Agropecuária vislumbrou a possibilidade do uso do produto na desmama com o objetivo da manutenção do desempenho na seca. Com isso, os animais mantiveram o ganho de peso, passando bem pelo estresse do manejo. Este ano, o proprietário está aproveitando a valorização dos bezerros e a grande procura por novilhos para engorda em confinamento.

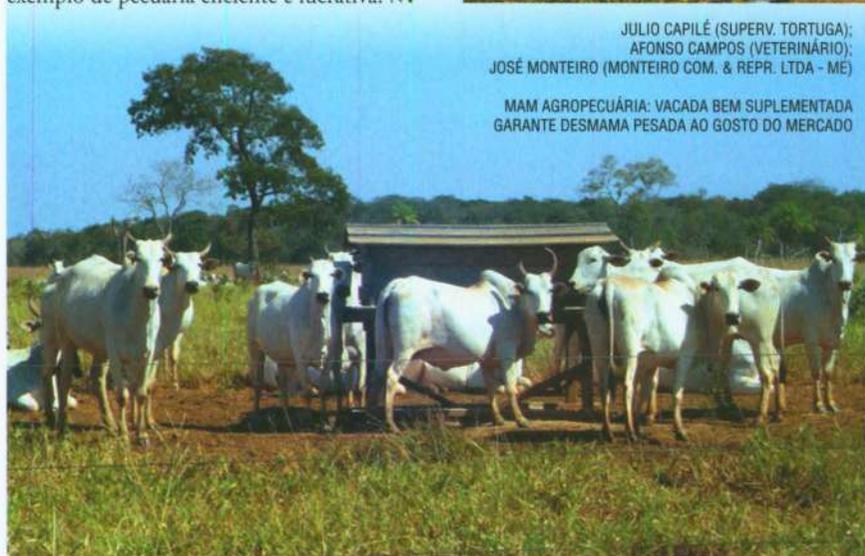
Essa qualidade tem gerado frutos interessantes. Nos últimos leilões ocorridos em Cuiabá, a fazenda enviou lotes de garrotes e bezerros, que acabaram sendo os mais valorizados. Afonso Campos avaliou positivamente a disputa pelos lotes e, principalmente, as opiniões dos compradores sobre o excelente desempenho dos animais, que rapidamente se adaptaram às condições de manejo em regime de campo. Tudo isso mostra que os invernistas estão dispostos a pagar mais por animais melhorados e mais funcionais. Essa alternativa de venda é vista com bons olhos pelo proprietário, pois os seus animais de desmama e recria fazem com que a pressão sobre a engorda aumente. A venda dos animais para terminação abre mais espaço para o acréscimo de matrizes. Com certeza, um excelente exemplo de pecuária eficiente e lucrativa. **NT**

**MAM AGROPECUÁRIA
CAPACITOU SUA
MÃO-DE-OBRA PARA
FAZER A CORRETA
REPOSIÇÃO DOS
SUPLEMENTOS
MINERAIS**



JULIO CAPILÉ (SUPERV. TORTUGA);
AFONSO CAMPOS (VETERINÁRIO);
JOSÉ MONTEIRO (MONTEIRO COM. & REPR. LTDA - ME)

MAM AGROPECUÁRIA: VACADA BEM SUPLEMENTADA
GARANTE DESMAMA PESADA AO GOSTO DO MERCADO



Sem reinventar a roda, mas com sucesso

O projeto pecuário do paranaense Natanael José de Oliveira, o Lula, segue o modelo tradicional de cria, recria e engorda. E se dá muito bem com isso.

Em 1980, quando chegou a Espigão do Oeste, no Estado de Rondônia, vindo de Maringá, no Paraná, Natanael José de Oliveira, o Lula, como é chamado entre amigos, talvez tivesse pouca ou nenhuma idéia do que faria com a área de 3,5 mil hectares que acabara de comprar. Seguindo o caminho percorrido por milhares de outros colonos, que povoaram a região na mesma época, a primeira decisão foi desfazer as malas e trabalhar na exploração da madeira.

O tempo passou e cresceu a necessidade de buscar outra atividade, além da serraria, que pudesse dar mais sustentação ao negócio. Assim, ele começou sua história como criador de gado, primeiro tocando rebanho leiteiro e, logo depois, no gado de corte, em que permanece até hoje.



SINÉSIO D. DE OLIVEIRA (SDO REPRESENTAÇÕES LTDA);
NATANAEL JOSÉ DE OLIVEIRA (PROPRIETÁRIO);
DANIEL MOREIRA LAMBERTUCCI (ASSIST. TÉCN. TORTUGA)

BOIADA EM REGÍME DE PASTO NA FAZENDA ACÁCIA



O projeto compreende cria, recria e engorda e se divide entre a Fazenda da Mata, voltada ao rebanho de matrizes para o trabalho de cria, e a Fazenda Acácia, para onde segue a bezerrada após a desmama, visando abastecer a recria e a engorda. O sistema de cria segue o modelo tradicional da região, com o uso de monta natural, em touros Nelore da linhagem OB. Lula fala de uma experiência que está conduzindo na fazenda com touros da raça Brahman. O objetivo é “dar uma refrescada no sangue do plantel de matrizes e ainda melhorar a habilidade materna das futuras gerações”.

Ao todo, são 3.600 matrizes que participam da monta entre os meses de setembro e dezembro. Cada touro serve 30 vacas, em média, o que garante índice de prenhez superior a 94% e que pode chegar a 98%, no rebanho de novilhas. O cuidado com a seleção das fêmeas é apontado pelo pecuarista como o ponto forte do trabalho na cria, já que 100% das vacas vazias e/ou que não desmamam bem seus bezerrinhos são abatidas. Nos 60 dias que antecedem a estação de monta, tanto as matrizes quanto os touros recebem suplementação mineral; o

rebanho solteiro recebe Fosbovi 30, diluído na proporção de 1 saco de 30 kg para dois sacos de 30 kg de sal branco.

Assim que nascem, os bezerrinhos passam pelo manejo neonatal e seguem para os pastos de braquiário, junto com as mães. Lá permanecem até completar 210 dias de vida. A desmama é feita de forma racional, o que permite minimizar o estresse, principal causa da perda de peso em bezerrinhos. A diferença é que, ao invés de fazer a separação total, o manejo permite a permanência dos bezerrinhos no pasto por mais alguns dias, junto com um lote de fêmeas.

Outra preocupação de Lula diz respeito à taxa de lotação dos pastos. Para evitar o superpastejo na fazenda, o pecuarista divide os bezerrinhos, por períodos de nascimento, separando lotes de, no máximo, 150 vacas com bezerrinho ao pé. Outra medida tomada é o controle do tempo de entrada e saída dos animais no piquete, com intervalos que variam de 9 a 12 dias, dependendo da condição do capim.

O mesmo cuidado com o pasto é dispensado na Fazenda Acácia, onde o direcionamento é para recria e engorda dos machos e, portanto, a exigência por capim é muito maior. O período que compreende a recria é de 16 meses, aproximadamente. Após a castração, os animais seguem para a engorda, que dura até os 36 meses de idade. Os resultados de abate têm sido muito bons, na avaliação do criador. Os últimos lotes atingiram peso médio de 18/19 arrobas e 52% de rendimento de carcaça. Nos últimos anos, o volume de abates da propriedade tem tido em torno de 2.500 animais/safra, volume que representa desfrute de 25%.

Segundo Lula, que se diz um pecuarista tradicionalista, a Tortuga é parte integrante do seu projeto de criação. “Há mais de dez anos, só entram nas fazendas produtos da Tortuga”, comenta o criador, que elogia o trabalho da equipe da empresa na região, representada pelo zootecnista e assistente técnico de vendas Daniel Moreira Lambertucci e pelo representante Sinézio D. de Oliveira, que dão atendimento às propriedades. NT

Ciclo completo, com boa genética e suplementação

Esse é o segredo da Estância Santo Antônio e Fazenda Serra Alta, dos irmãos Rosalino e Valcir Gallo, para produzir novilhos pesados em Rondônia.

De carona no programa de colonização promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), para o Estado de Rondônia, no começo da década de 1980, os irmãos Rosalino e Valcir Gallo deixaram o interior do Rio Grande do Sul rumo à região de Alta Floresta. Em área de 42 mil alqueires, fincaram acampamento para começar aquele que seria, por muitos anos, o principal negócio da família, na exploração e no beneficiamento da madeira.

Os anos se passaram e, junto com eles, ficaram para trás também as dificuldades, como se locomover pelas estradas esburacadas e cheias de atoleiros, que compunham o cenário da região à época. Hoje, a realidade é bem diferente. O negócio prosperou e a família detém, além da madeireira, duas fazendas que, juntas, somam 1.800 alqueires. Nessas terras, os irmãos Gallo mantêm projeto de pecuária de corte, investindo no ciclo completo, com cria, recria e engorda de animais Nelore para produção de boi gordo.

Dividido entre a Estância Santo Antônio e a Fazenda Serra Alta, o projeto pecuário integra a cria intensiva, com recria e engorda trabalhadas no sistema semi-intensivo, com modernas tecnologias em termos reprodutivos e nutricionais.

Segundo Valcir Gallo, a escolha pela pecuária de corte ocorreu pela própria necessidade do negócio da família, que não poderia sobreviver apenas com a exploração da madeira. O criador relembra que os primeiros animais chegaram à fazenda em meados de 1987. Era um lote de 32 fêmeas Nelore cara limpa. Algum tempo depois, aportou na fazenda outro lote de novilhas, que serviu de base para os primeiros acasalamentos.

Considerado ponto forte do projeto, o melhoramento genético é preocupação antiga dos irmãos, que sempre se valeram de modernas técnicas no campo da reprodução animal. A inseminação artificial, por exemplo, está presente no manejo há mais de dez anos, sempre com a utilização do que há mais atual em termos de genética Nelore. A evolução é

tamanha que, hoje, a vacada PO é manejada sob a técnica da Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF).

Outro manejo da fazenda, igualmente pioneiro na região, é a Transferência de Embriões (TE), trabalho iniciado há quatro anos e que conta com acompanhamento especializado, explica Rosalino Gallo. Ele destaca o time de doadoras e os cinco reprodutores, também crias da fazenda. O objetivo dos criadores, agora, é partir para a produção de reprodutores Nelore PO, para abastecer a fazenda e para venda do excedente na região. Os resultados em termos reprodutivos aparecem. O rebanho de 850 matrizes, manejado no sistema de estação de monta fixa de 120 dias, mostra índices acima de 75% na inseminação e de 95% na monta natural.

A cria recebe atenção especial dos criadores, feita em sistema intensivo, com suplementação mineral para bezerros (*creep-feeding*), do Programa Boi Verde, da Tortuga. De acordo com Rosalino, esse manejo já é bastante antigo na Estância Santo Antônio, que conta com toda a estrutura de cochos para suplementação mineral, já com as divisó-

rias especiais para bezerros. O resultado desse cuidado é desmama dos bezerros com peso de 220 quilos para machos (240 dias) e fêmeas com 190 quilos.

A suplementação mineral dos animais, também nas fases de recria e engorda, é feita segundo as especificações do Programa Boi Verde, trabalho acompanhado pelo assistente técnico de vendas da Tortuga, Daniel Moreira Lambertucci.

Após a desmama, o gado, em regime de pasto, recebe Foscromo como suplementação e fica nesse manejo até os 24 meses de idade ou 320 quilos de peso vivo. Após a castração, os animais entram no regime de engorda pelos próximos sete ou oito meses, com pasto e Fosbovi Engorda. Essa dieta permite ganho de peso diário de 600 gramas (período das águas) e de 480 gramas (seca). O peso de abate dos machos da fazenda é de 17,5 arrobas e o rendimento de carcaça, de 52%, aos 36 meses de idade. “Ser pecuarista em Rondônia ainda é um desafio, especialmente na remuneração da arroba em comparação com a região Centro-Sul”, comenta Rosalino. “Mas vamos em frente; está no sangue”. NT

ALESSANDRO ROSALEN (ROSALEN & ROSALEN LTDA);
DANIEL MOREIRA LAMBERTUCCI (ATC TORTUGA);
AILTON SOUZA COELHO (CAPATAZ); ROSALINO GALLO,
JEFERSON GALLO E VALCIR GALLO (PROPRIETÁRIOS).



Fazenda Liberdade, um sistema peculiar

Propriedade de João Américo de Assis, em São Francisco do Guaporé (RO), encontrou o seu manejo próprio para aumentar produção. Resultado: gado pronto aos 32 meses.

Sua chegada a Rondônia aconteceu há quase 20 anos. Já a experiência do pecuarista goiano João Américo de Assis na criação vem do berço. Natural de Goiânia, filho de pequenos agricultores, desde muito cedo João precisou deixar de lado as brincadeiras para ajudar o pai, na lida com a roça e um pequeno plantel de gado. Aos 24 anos, comprou um pedaço de terra, 32 alqueires, lá mesmo em Goiás, onde iniciou com 40 reses sua primeira criação.

Com o passar do tempo e com os filhos já grandes, veio a necessidade de aumento da receita, coisa que seria impossível de conseguir com tão pouca terra e plantel tão reduzido. O jeito foi vender o pequeno sítio em Goiás, lugar de terras mais valorizadas, e comprar uma propriedade maior, em outra região. Foi dessa forma que João Américo chegou a São Francisco do Guaporé (RO), em 1988, para adquirir a Fazenda Liberdade, propriedade de 1.440 alqueires.

Mal chegou e o criador tratou logo de investir em animais. Com rebanho de 600 matrizes Nelore, mais 200 novilhas Nelo-

re PO, fruto do trabalho de seleção de duas décadas, mantido em Goiás, começaram os primeiros acasalamentos na Fazenda Liberdade, que mantém essa base genética no plantel até hoje. No total, a propriedade conta com rebanho de quase duas mil matrizes mais os animais de engorda.

Apixonado por reprodução animal, João Américo sempre teve cuidado especial com suas matrizes. Além disso, os acasalamentos priorizam os melhores touros disponíveis para cruzar com a vacada. O foco do projeto é conseguir, a partir dos acasalamentos, melhorar o plantel em termos de precocidade, conformação frigorífica e habilidade materna. Nos últimos anos, o criador vem introduzindo sangue de touros Caracu, com a finalidade de potencializar a produção de leite nas futuras gerações de fêmeas.

Um fato curioso no manejo reprodutivo da Fazenda Liberdade é a segmentação da estação reprodutiva ou de monta, sem época definida. Ao longo do ano, o rebanho de matrizes é dividido em lotes de 100 a 120 fêmeas, que após 30 dias de paridas são colocadas junto com os touros durante quatro meses. A proporção é de 1 touro para cada 25 vacas. Após esse período, as vacas do lote são mantidas com touros por mais três meses, na proporção de 1 touro para 50 vacas, com a finalidade de diminuir o descarte de fêmeas, uma vez que o rebanho da fazenda está em formação, de acordo com o projeto pecuário.

Tal manejo é realizado em função das características edafoclimáticas favoráveis da região, com altas temperaturas e luminosidade, favorecendo a produção de massa forrageira e, com isso, permitindo que as matrizes estejam aptas à concepção durante todo o ano. João Américo diz não ter um motivo técnico para a escolha desse manejo. Apenas ressalta que, dessa forma, desmama bezerros constantemente, o que chama a atenção, já que o sistema de produção da fazenda usa apenas pasto e suplementação mineral com produtos do Programa Boi Verde, da Tortuga.

Para melhorar ainda mais o manejo reprodutivo, a fazenda está colocando em prática dois novos procedimentos de manejo. "O primeiro envolve o uso de Fosbovi Reprodução na vacada e nos touros na fase pré-estação de monta. Outro manejo será direcionado às fêmeas de primeira cria, que receberão trato diferenciado com pastagens especiais e suplementação mineral", explica o pecuarista. Ele também quer melhorar o manejo sanitário, passando de duas para três vermifugações por ano. "Tudo para diminuir ao máximo o estresse, fator limitante à concepção", diz.

Orientado pelo zootecnista Daniel Moreira Lambertucci, assistente técnico comercial da Tortuga, em Vilhena (RO), o projeto da Fazenda Liberdade tem como diferencial o fato de o criador seguir à risca as orientações nutricionais da Tortuga, tanto na parte de utilização dos produtos quanto na sua aplicação correta.

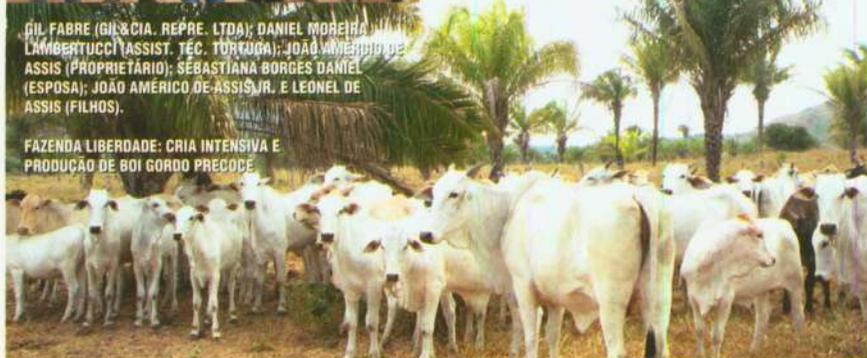
O manejo de cria inclui a suplementação mineral do *creep-feeding* (Fosbovinho), para bezerros nos primeiros dias de vida. Essa dieta é mantida até o oitavo mês, quando é feita a apartação dos lotes para a recria. As pesagens feitas na fazenda mostram desmama na faixa de 7,9 arrobas (machos) e 7,4 arrobas (fêmeas). A meta é atingir no próximo ano desmama com bezerros pesando 50% do peso das vacas.

A estrutura de pecuária da propriedade envolve 1.000 alqueires de pastagens, divididos em módulos de pastejo rotacionado. No total, são 40 pastos subdivididos em piquetes de *Brachiaria brizantha*, que acomodam ainda os animais de recria e de engorda. Na recria, aliás, os animais ficam à base de pasto e suplemento mineral Foscromo, ganhando 700 gramas/dia, em média, por 11 meses. Isso permite que na terminação o rebanho, apenas com Fosbovi Engorda, atinja condição de abate próximo dos 30 meses: peso de 17,5 a 18 arrobas. João Américo observa que o fato de o rebanho estar em formação faz com que o volume de abates ainda seja pequeno – em torno de 300 cabeças. O projeto, no entanto, prevê abates entre 1.200 e 1.500 animais, em dois anos. NT



GIL FABRE (GIL & CIA. REPRE. LTDA); DANIEL MOREIRA LAMBERTUCCI (ASSIST. TÉCN. TORTUGA); JOÃO AMÉRICO DE ASSIS (PROPRIETÁRIO); SEBASTIANA BORGES DANIEL (ESPOSA); JOÃO AMÉRICO DE ASSIS JR. E LEONEL DE ASSIS (FILHOS).

FAZENDA LIBERDADE: CRIA INTENSIVA E PRODUÇÃO DE BOI GORDO PRECOZE



Rondônia

Aprimoramento constante; objetivos renovados

Fazenda Estância Sinuelo, de José Leal de Araújo, investe em melhoramento genético e suplementação mineral e quer se destacar na produção de tourinhos Nelore PO.

Ex-funcionário da empreiteira Mendes Júnior, o produtor rural José Leal de Araújo chegou a Rondônia nos idos da década de 1980, quando o processo de colonização da região Norte estava apenas começando. Após alguns anos administrando um armazém de secos e molhados com outro irmão, ele comprou sua primeira propriedade rural. Foi o começo de uma história vencedora na pecuarista de corte do Estado.

Com a aquisição da Fazenda Estância Sinuelo, em Jaru (RO), há nove anos, Araújo resolveu investir no ciclo completo. Ele conta que a chegada de 1.100 fêmeas Nelore, adquiridas em um leilão, foi o ponto de partida para a formação do rebanho atual da propriedade, que engloba cria, recria e engorda e um projeto paralelo com gado PO.

O criador relembra que, na hora de fazer a aparação dos animais, no meio da vacada cara limpa, foram identificadas algumas fêmeas PO. Era o que precisava para estimular o pecuarista a iniciar seus acasalamentos, já pensando em formar seu rebanho de baixa. Hoje, esse trabalho envolve 200 matrizes Nelore PO e utiliza modernas tecnologias de reprodução animal, caso da Transferência de Embrião (TE) e da Fertilização *In Vitro* (FIV), usadas para acelerar o melhoramento genético do rebanho.

"Além disso, nos últimos dois anos, parte da vacada de campo está sendo inseminada com sêmen de touros provados, buscando encurtar o ciclo de produção e melhorar a produção de carne", explica o gerente da Fazenda Estância Sinuelo, que informa trabalhar com estação de monta fixa de 90 dias, manejo que intensifica a produção e aumenta a pressão de seleção sobre as fêmeas. Os resultados são muito positivos, com índices de concepção de até 75% na inseminação, que sobem para mais de 90% após o repasse.

A infra-estrutura de pastagens inclui o cultivo de *Brachiaria brizantha* e capim Mombaca, em 200 hectares de área total, divididos em 18 pastos de 10 a 12 hectares cada. Nessa área, é mantido o gado PO da fazenda, com taxa de lotação por hectare de não mais que 100 vacas, 140 novilhas e 30 touros.

Segundo Luiz Alberto de Freitas, supervisor técnico de vendas da Tortuga, responsável pelo manejo nutricional do rebanho PO da Sinuelo, a dieta envolve pastagem e suplementação mineral, com produtos do Programa Boi Verde. Cada categoria animal recebe um tipo de suplementação diferente. Por exemplo, o uso de Fosbovinho no *creep-feeding* na bezerrada de cria permite desmama de 210 quilos (machos) e 195 quilos (fêmeas).

Araújo fala da importância da Tortuga no trabalho da propriedade. Há cinco anos, ele é cliente fiel da marca e se diz extremamente satisfeito com a assistência técnica oferecida pelo pessoal de campo da empresa, que acompanha de perto o dia-a-dia da criação.

Na recria, fase que vai até os 18/20 meses, o rebanho recebe o suplemento mineral Foscromo direto no cocho, manejo que garante ganhos médios de peso de 500 gramas/dia. Para o período da seca, que na região dura cerca de 150 dias, o criador usa o mesmo suplemento mineral das águas. A partir deste ano, ele deve usar um novo produto da Tortuga, Fosbovi Protético 35, para maior ganho de peso de um lote de 600 bois, 90 dias antes do abate. A terminação, que ocorre entre 26 e

28 meses, é feita com Fosbovi Engorda, permitindo peso de 18,7 arrobas, de média, na boiada. Nessa fase, a fazenda compra animais de terceiros para suprir a demanda dos pastos, algo perto de 30% do volume de abates realizado por ano.

O projeto da Fazenda Estância Sinuelo tem como meta transformar todo o rebanho em PO até 2010 e começar a produzir tourinhos para venda em Rondônia. Já em relação ao trabalho com foco em pistas de julgamentos os planos são ambiciosos e incluem participação nas principais exposições da região Norte, o que já começou. Em 2007, o gado da Fazenda Estância Sinuelo marcou presença nas mostras de Porto Velho, Ariquemes e Jaru. NT



INALDO (ACRO VETERINÁRIA LTDA); FRANCISCO DE LIMA NEGO (GER. TORTUGA - RO); JOSÉ LEAL DE ARAÚJO (EST. SINUELO); FRANCISCA MARIA TORRES DE ARAÚJO (ESPOSA); DJANE TORRES DE ARRUDA E REJANE TORRES DE ARAÚJO (FILHAS)

REBANHO DE BAIXA DA ESTÂNCIA SINUELO



O leite ganha status em Rondônia

Geraldo Coletto investe pesado em indústria de soro de leite para a indústria alimentícia, aproveitando o potencial de produção do Estado.

De família de produtores rurais na região de Londrina, região Norte do Paraná, o empresário Geraldo Coletto chegou a Ji-Paraná (RO), na década de 1970, primeiro para criar um atacado de secos e molhados e, anos depois, para trabalhar no ramo de torrefação de café, cultura que por muitos anos teve grande importância na economia da região Norte. Enxergando uma mudança no rumo da produção agrícola da região, o empresário resolveu apostar suas fichas no fortalecimento da bacia leiteira no Estado de Rondônia.

De olho em mais essa oportunidade de negócio, ele investiu na construção da Leite PrimaLacte, fábrica de soro e leite em pó em Ji-Paraná. O negócio envolve investimentos

de R\$ 15 milhões apenas na planta industrial, que tem capacidade para processar 180 mil litros de soro e/ou leite por dia. O empreendimento cria 110 empregos diretos e cerca de 350 indiretos.

Além disso, dará direcionamento correto ao soro do leite, subproduto gerado pelos laticínios no processo de beneficiamento do leite *in natura*. Alimento rico em proteínas e minerais, o soro do leite transformado em pó tem mercado garantido na indústria alimentícia, sendo utilizado em bolos, doces, bolachas e uma série de outros produtos. Já quando tratado de forma errada pelos laticínios, se transforma em passivo ambiental, contaminando o leite de rios, córregos e lençóis freáticos.

Estudo sobre o potencial econômico de Rondônia mostrou que o Estado tem estrutura fundiária parecida com a de regiões muito sólidas na produção leiteira, como é o caso de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Cerca de 93% das propriedades rurais do Estado têm menos de 200 hectares. O volume de leite coletado durante a entressafra é de 1,8 milhões de litros/dia, volume que sobe para 2,2 milhões durante o pico de produção. Isso considerando produtividade muito aquém do potencial da região, de apenas 3 litros/vaca/dia. Mesmo assim, Rondônia já está entre os maiores produtores de leite do País.

O planejamento feito envolve a introdução de rebanho de base Girolando que, devido às características de clima e de pastagens do Estado, é considerada ideal. Hoje, a bacia leiteira tem crescido bastante, especialmente na região que reúne Ji-Paraná, Jaru, Rolim de Moura, Ouro Preto, Cacoal, Buriti, Cujubim e Machadinho. Os produtores estão se organizando para crescer de forma sustentável.

A industrialização do leite é feita por 10 laticínios, que fornecem o soro para o empreendimento de Geraldo Coletto. A unidade pagará R\$ 0,02 por litro de soro. Esse valor pode parecer pequeno, mas quando enquadrado na realidade dos principais laticínios da região, que têm produção de 50 mil litros de soro/dia, significa R\$ 1.000,00. Em outras palavras, em um mês, um subproduto que seria simplesmente jogado no ambiente pode reder R\$ 30.000,00 em receita líquida.

Outra iniciativa do empresário é a construção de uma unidade demonstrativa na Fazenda São José, de sua propriedade, que dispõe de alta tecnologia de pastagens e de suplementação alimentar, além da genética, para mostrar que é possível elevar a produção da fazenda sem grandes malabarismos.

O objetivo é colocar o projeto em prática já no próximo ano, depois que a fábrica estiver consolidada. Geraldo Coletto, cliente da Tortuga há 15 anos, já está arquitetando parceria com a equipe técnica da empresa em Rondônia para capacitação técnica dos produtores. A segunda fase do projeto focará parcerias para fazer o projeto ganhar corpo.**NT**

LUIZ ALBERTO DE FREITAS (SUPERV. TORTUGA);
FRANCISCO DE LIMA NECO (GER. TORTUGA-RO);
GERALDO COLETO E TIAGO COLETO
(PROPRIETÁRIOS DA PRIMALACTE);
DANIEL MOREIRA LAMBERTUCCI (ASSIST. TÉC. TORTUGA)



A proteção indispensável

Com boa estrutura, apoio oficial e investimentos, Defesa Sanitária cumpre o seu papel em Rondônia.

Com o oitavo maior rebanho bovino do País, perto de 11 milhões de cabeças, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), e vocação natural para a atividade pecuária, Rondônia desponta como a próxima grande potência nacional em produção de carne bovina.

Para manter essa posição conquistada com muito investimento, o governo estadual enxerga como prioridade a defesa sanitária, considerada ponto estratégico pelo governador Ivo Cassol, que destaca o fato de Rondônia estar entre as cinco regiões do País com reconhecimento internacional da OIE (Organização Mundial de Saúde Animal), como área livre da febre aftosa com vacinação.

Esse feito, atingido em maio de 2003, resulta de intenso trabalho iniciado quatro anos antes, com a criação do Instituto de Defesa Sanitária Agropastoril de Rondônia (Idaron), órgão responsável pelo controle e pela fiscalização da defesa sanitária e silvo-agropastoril no Estado. Lorival Ribeiro de Amorin é o presidente do Idaron, desde a sua fundação. Ele relembra a situação caótica da pecuária de Rondônia, após o reconhecimento da região Centro-Sul como área livre da febre aftosa com vacinação. "Foi preciso começar da estaca zero", explica o dirigente, que faz questão de ressaltar o fato de o Estado, em apenas em quatro anos, ter saído da condição de zona desconhecida para febre aftosa para área livre com vacinação.

De lá para cá, muita coisa mudou na estrutura de defesa sanitária do Estado. A partir da união de esforços entre pecuaristas, iniciativa privada e setor público, foi criado o maior programa de controle e fiscalização sobre o vírus da febre aftosa da história. Segundo o diretor técnico do Idaron, Leandro José Bezerra dos Santos, o mais importante nesse processo de erradicação da febre aftosa em Rondônia foi a educação sanitária dos pecuaristas.

O Idaron faz a sua parte. A instituição passa por reestruturação, que envolve contratação de técnicos, aumento da infra-estrutura e informatização de suas instalações em Porto Velho. Tudo com o objetivo de atender de forma eficiente os 52 municípios rondonienses, além da área de fronteira. A diretriz principal envol-

ve a vacinação do rebanho contra a febre aftosa duas vezes por ano: entre 15 de abril e 15 de maio e de 15 de setembro a 15 de outubro.

A fiscalização antes, durante e pós-campanha de vacinação é rigorosa por parte dos técnicos do Idaron. As punições são severas e não são aceitos casos de negligência dos pecuaristas. Santos comenta que a primeira etapa da campanha de vacinação contra a doença, neste ano, teve menos de 5% do rebanho não vacinado. "Todos os animais foram vacinados posteriormente, por meio de decisão compulsória", informa. Em tempo: os pecuaristas relapsos precisaram pagar multa de R\$ 85,00 por animal não vacinado.

Outra preocupação dos técnicos do Idaron refere-se aos 1.444 km da fronteira seca, entre Rondônia e Bolívia. Essa região recebe atenção especial em termos de controle e fiscalização do trânsito de animais. Segundo Marcio Alex Petró, gerente de defesa agrosilvopastoril animal, desde 1999, o MAPA faz auditorias nessas localidades a fim de identificar os pontos onde há maior população de bovinos. Esse mapeamento permite aos técnicos, por exemplo, traçar planos de ação preventiva nessas comunidades e punir eventuais infrações.

A estrutura física já está montada e deve ganhar reforço em breve. Com quatro unidades fluviais e 23 embarcações, dispostas de forma estratégica nos rios Guaporé e Mamoré, os técnicos aumentarão sua força de fiscalização nos trechos de mata mais adensada. Outra iniciativa visa minimizar os riscos de contaminação no rebanho, trabalho que está sendo arquitetado no campo da diplomacia entre Brasil e Bolívia – os dois países firmaram acordo de cooperação que possibilita a entrada de técnicos brasileiros no país vizinho para vacinar o rebanho em áreas consideradas de risco.

Ainda como parte do acordo, o Fundo Emergencial da Febre Aftosa (FEFA) doará 6 mil doses de vacina contra febre aftosa para o governo boliviano. "O fundo, criado no final da década de 90, por iniciativa dos próprios pecuaristas e de parte da cadeia de produção da carne de Rondônia, é mantido com recursos dos produtores rondonienses, que doam 0,2% do preço da arroba do boi gordo no momento do abate", observa José Vidal, presidente do FEFA, desde 1999. Com cerca de 2 milhões de animais abatidos nos frigoríficos do Estado, mais a doação de percentual por parte da indústria frigorífica, o fundo arrecada em torno de R\$ 6 milhões por ano.

É com esses recursos, que se junta ao orçamento da defesa sanitária estadual (em torno de R\$ 24 milhões, em 2006), que o Idaron combate as principais doenças que acometem o rebanho bovino, informa Lourival Amorin. Ele pede mais: "é necessário aumento na verba destinada à defesa sanitária, devido à prioridade que a questão tem na pauta do agronegócio do Estado", diz. NT

LEANDRO JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS (DIR. TÉCN. IDARON);
LORIVAL RIBEIRO DE AMORIN (PRES. IDARON);
MÁRCIO ALEX PETRÓ (GER. DE DEFESA IDARON) E
JOSÉ VIDAL HILGERT (PRES. FEFA);



Grupo Braz Pires é vitrine da pecuária acreana

Há mais de 30 anos no Acre, projeto conta com seis fazendas de cria, recria e engorda, com criação em regime de pasto e suplementação mineral.

De comerciantes no ramo de confecções a donos de loja de eletrodomésticos em Rio Branco, capital do Estado do Acre, ao longo dos últimos 35 anos, a família Braz Pires escreveu um capítulo vitorioso na história de desenvolvimento da região Norte. Natural de Marília, no interior de São Paulo, o pecuarista Gilberto de Oliveira Pires é remanescente dessa época, pois está na região desde 1972, quando chegou, em Porto Velho (RO), para montar a loja de confecções, junto com outros oito irmãos.

Dois anos depois, a família seguiu rumo ao ainda inexplorado Estado do Acre, onde permanece até hoje e mantém um empreen-



MARCELLO BADER (SUPERV. TORTUGA);
GILBERTO DE OLIVEIRA PIRES (PROPRIETÁRIO);
FLÁVIA PIRES MARZOLA (VETERINÁRIA)

FAZENDA BELA VISTA
TOUROS DE QUALIDADE
PRODUZIDOS A PASTO



dimento que atua em diferentes frentes de negócio. Um desses segmentos é a criação pecuária, projeto que começou por acaso, mas que na última década ganhou força e hoje engloba um complexo agropecuário com seis fazendas de cria, recria e engorda para produção de reprodutores Nelore e animais de abate.

A sede fica na Fazenda Boa Vista, propriedade de 2 mil hectares, localizada às margens da Avenida Getúlio Vargas, na zona rural de Rio Branco. A posição estratégica transformou a propriedade em vitrine para os touros Nelore, que são vendidos no leilão anual. Considerado ponto forte do projeto pelo criador, a cria é feita na Fazenda Santa Gertrudes, propriedade de 400 hectares, que fica em Capixaba, região do Baixo Acre. Além disso, integram o projeto as Fazendas São Luiz, Santa Eliza, BP e Antimari.

Na Santa Gertrudes, são mantidas cerca de 5 mil matrizes Nelore, que formam a base genética do projeto. A criação no sistema de pastagem semi-extensiva usa modernas tecnologias para reprodução animal. O manejo reprodutivo é feito com período de inseminação de 90 dias e monta natural de acordo com as exigências de cada categoria. Na prática, isso significa que o produtor não desperdiça tempo com manejos inadequados. Por exemplo: vacas primíparas e aquelas que apresentam cio na parte final do ciclo reprodutivo

são colocadas na monta. Sendo assim, apenas os rebanhos de novilhas e vacas múltiparas que mostram cio precocemente são postas na inseminação.

Para efeito de resultados, explica Gilberto Pires, as duas primeiras categorias não entram na contagem do índice reprodutivo da fazenda. “Os resultados dos últimos dois anos na estação reprodutiva mostraram aproveitamento de 79% e 84%, respectivamente”, argumenta o criador. As vacas após a parição passam a receber Fosbovi Reprodução, suplementação seguida até a inseminação. O reforço na mineralização da vacada começa logo após a parição, quando o criador entra com *creep-feeding* na bezerrada (Fosbovinho). Esse manejo, além de incrementar o desenvolvimento dos bezerras, tem reflexos positivos na condição corporal da vaca, o que permite maior número de fêmeas ciclando e, conseqüentemente, maior re-concepção. A desmama da fazenda, feita aos 240 dias, tem se mantido estável nos últimos anos, com animais em torno de 210 kg (machos) e 190 kg (fêmeas).

As fases de recria e engorda, divididas pelas outras fazendas do grupo, seguem o mesmo conceito de manejo na parte nutricional, privilegiando o regime de criação em regime de pasto e suplementação mineral com produtos do Programa Boi Verde, da Tortuga. O manejo das áreas envolve subdivisão dos pastos e pastejo rotacionado dos animais. Sempre priorizando o crescimento de cada espécie forrageira, explica o pecuarista, que destaca a formação da Fazenda Boa Vista onde existe, segundo ele, um coquetel de pasto, com Tanzânia, *Brachiaria decumbens* e *Brachiaria Ruziziense*, entre outras espécies.

Outra preocupação é com a taxa de ocupação dos pastos que, para lotes de vaca parida, mantém proporção de 2,5 UA/ha/ano. Já nas demais categorias, a taxa média das fazendas é de 1,8 UA/ha/ano. A suplementação na recria é feita com Fosbovi 15 à vontade no cocho. Alguns testes realizados com Foschromo, no início da recria, mostraram ganho de peso ainda superior. Assim, Gilberto Pires adianta que o próximo passo da fazenda será incorporar Foschromo ao manejo, fechando assim com o Programa Boi Verde.

O grupo Braz Pires abate cerca de 3.200 cabeças/ano, entre bois gordos, vacas de descarte, novilhas de descarte e compra de terceiros. Na balança, os resultados em termos de peso e rendimento de carcaça são os seguintes: novilhas de descarte, com 12 arrobas; vacas com 14 a 15 arrobas; e boi gordo, com 18 arrobas, em média. O rendimento de carcaça tem dado na média de 54% (machos) e 49/50% (fêmeas). NT

Pecuária à moda antiga com resultados

Dirceu Zamora, da Fazenda Brasil, aposta na pecuária de baixo custo para obter rentabilidade, segundo a realidade do extremo Norte.

Filho de comerciantes de Martinópolis, interior de São Paulo, o empresário e pecuarista Dirceu Sanchez Zamora é remanescente da segunda geração de pecuaristas pioneiros, que migraram para o Acre na década de 1970, em busca das oportunidades que a região, de terras férteis e clima quente, oferecia àqueles que se aventurassem em desbravá-la. Em 1976, quando chegou a Rio Branco para conhecer o lote de três mil hectares de terras que seu irmão havia comprado, Dirceu já vislumbrava um grande potencial para o avanço da pecuária.

Menos de dez anos depois, em 1984, ele comprou a Fazenda Brasil, propriedade de 7.800 hectares, localizada em Sena Madureira (AC), já com a proposta de investir na pecuária de corte. O projeto desde o início foca o ciclo completo de cria, recria e engorda, com objetivo de produzir animais para o abate.

O modelo usado na criação ainda guarda características da pecuária tradicional, feita em regime de pastagem semi-extensiva, realidade que começa a ser mudada, com o uso de práticas de manejo, como reforma de pastos e cultivo de novas variedades mais adaptadas ao clima local. Além disso, a Fazenda Brasil utiliza suplementação mineral para todo o rebanho comercial, seguindo as recomendações do Programa Boi Verde, da Tortuga.

A base genética do rebanho é formada por animais adquiridos no próprio Estado e outros trazidos do interior paulista, onde o criador mantinha projeto de criação de gado Nelore. O melhoramento genético do rebanho sempre esteve entre as prioridades do pecuarista, que tem o apoio do filho, Fernando Zamora, responsável pela administração do rebanho, dividido pelas Fazendas Brasil, Chocolate e Santa Maria.

Na opinião de Dirceu, dois fatores são muito importantes para se ter resultados na pecuária. O primeiro é a escolha dos reprodutores e disso ele não abre mão: só compra touros em criatórios idôneos. Depois, é o controle baseado na mensuração detalhada sobre o peso dos animais, usado, inclusive,

como critério de descarte de fêmeas. “Vaca que desmama bezerro abaixo do peso médio da fazenda é descartada”, afirma.

Hoje, o rebanho de matrizes da Fazenda Brasil possui 3 mil matrizes Nelore. O manejo reprodutivo privilegia os lotes de novilhas. Essas fêmeas passam pela inseminação com sêmen de touros Nelore consagrados no mercado. Já na categoria de vacas primíparas, o criador prefere colocá-las na monta natural com touros Nelore da fazenda. As vacas múltiparas são direcionadas para outro projeto de cruzamento industrial a partir de cruzamento com Red Angus. O índice de aproveitamento do rebanho na desmama tem sido superior a 85%, resultado que o pecuarista atribui à suplementação mineral feita por categoria.

O mesmo resultado obtido na reprodução também é motivo de satisfação na produção. À desmama, aos oito meses de idade, os animais têm mostrado peso entre 205 e 230

kg (machos) e 185 e 200 kg (fêmeas). Na fase da recria, que dura até os 20 meses, o peso da garrotada que recebe Foscromo chega aos 400 kg na castração. Isso permite à propriedade atingir a condição de terminação aos 36 meses do gado Nelore e aos 26/28 meses no gado cruzado, todos com peso médio de 18 arrobas. “O acabamento no frigorífico tem dado 55% no Nelore e 54% no cruzado, com carcaça padrão exportação”, declara o pecuarista. O volume de abate é de 4 mil animais por ano, entre bois gordos e vacas de descarte, com 35% de desfrute.

Outro trabalho de seleção do gado Nelore elite envolve cerca de 500 matrizes inseminadas. As melhores fêmeas tornam-se doadoras, fazendo parte de um plano de transferência de embriões e fertilização *in vitro*. Com esse trabalho, nascem por ano cerca de 480 bezerros: as fêmeas seguem para o plantel e os touros, para venda. **NT**

DIRCEU SANCHES ZAMORA E
FERNANDO ZAMORA (PROPRIETÁRIOS);
MARCELO BADER (SUPERV. TORTUGA)



A "CARA INCHADA" E O FÓSFORO

DR. JOÃO OSMAR DE OLIVEIRA
Médico Veterinário

A famosa "Cara Inchada" é doença de grande expressão econômica, constituindo, para muitos, um dos maiores problemas na cria e recria de bovinos.

Ocorre em vasta região do Estado de Mato Grosso, compreendendo, principalmente, os municípios de Rondonópolis, Dom Aquino, Jaciara, Barra de Garças e Ponte Branca.

Tem maior significado em bovinos, mas aparece também em cavalos e muaras criados nesta mesma área. A doença atinge animais de qualquer idade sendo os jovens os mais sensíveis.

CAUSA

A causa primária da "Cara Inchada" é bastante discutida pelos estudiosos do assunto. Após ano e meio de experiência no campo, estudando o problema, necropsiando animais doentes e ensaiando vários tratamentos e medidas de prevenção da

doença, chegamos à conclusão de que não se trata de mal infeccioso, porém, resultante de uma carência mineral. Existe infecção, também, mas esta de caráter secundário, isto é, que surge em consequência das lesões ósseas e da baixa resistência orgânica dos animais doentes.

a) HIPOFOSFOROSE ASSOCIADA À INTERFERÊNCIA DE OUTROS MINERAIS NA ASSIMILAÇÃO DO FÓSFORO

Para se ter idéia da influência da falta de Fósforo no aparecimento da doença, basta dizer que o teor deste mineral na matéria seca do capim, nas áreas onde ocorre a "Cara Inchada", está geralmente abaixo de 0,20%. Por outro lado, o teor de vários outros minerais está em desequilíbrio com o de fósforo, o que torna a carência ainda mais acentuada. O cálcio, por exemplo, é encontrado sempre acima de 0,30% na matéria seca do capim, chegando a

0,60% ou mais; sendo também encontrado com abundância nas águas paradas. O teor de magnésio nos açudes e lagoas é geralmente elevado. Estes dois minerais, quando muito fartos, aumentam os requisitos de fósforo pelos animais. Tudo indica, ainda, que a quantidade de ferro, nesta região também é alta, o que pode concorrer, acentuadamente, na insolubilização do fósforo. Outro fator, que merece destaque, é a elevada taxa de molibdeno nos capins destas áreas, impedindo aproveitamento normal do Cobre. Este fato pode agravar as lesões ósseas causadas pela deficiência de fósforo. A região é bocígena, comprometendo o metabolismo dos animais e consequentemente a assimilação dos alimentos.

b) VERMINOSE É FATOR PRE- DISPONENTE

Por seu turno as verminoses muito contribuem para o aparecimento da doença. Explica-se que tal ocorre porque, não encontrando no pasto alimentação equilibrada, capaz de atender às exigências de seu organismo, e tendo, ainda, de repartir o alimento com os vermes, os animais tornam-se mais sensíveis à doença, o que aumenta a frequência e a gravidade da mesma.

SINTOMAS:

Clinicamente a "Cara Inchada" se caracteriza por um aumento bilateral, simétrico e progressivo do maxilar e que se localiza ligeiramente abaixo dos olhos. Pelagem feia, longa, arrepiada, sem brilho e fugindo à cor normal; depressão gradativa do estado geral; apatia; diminuição do apetite; ruminação perturbada. Quase sempre ocorre diarreia fétida, formando um halo escuro ao redor do anus. O "bafo" (hálito) é fétido e, com a evolução da doença, os dentes ficam escuros, ponteagudos moles e chegam a cair.



A deficiência mineral é a causa de muitos males.

LESÕES

Pouco sabemos a este respeito, mas temos informações de que no fígado dos animais doentes, é encontrada grande quantidade de ferro. A olho nú notam-se ossos espessados, com aspecto poroso. Nos seios nasais, as lâminas ósseas ficam tão finas como folhas de papel e, ao redor dos orifícios de implantação dos dentes nos maxilares, o tecido ósseo mostra-se alterado.

TRATAMENTO

A profilaxia da doença é bem mais econômica e segura do que o seu tratamento. É importante salientar que, nos animais doentes instala-se, geralmente, uma infecção rebelde, que dificulta sobremaneira a cura e a normalização da preensão dos alimentos e da ruminação.

Entre os esquemas de tratamento e profilaxia, que temos usado com bastante êxito, podemos citar:

(a) ESQUEMA DE TRATAMENTO:

1.º — Glicerofosfato de Sódio a 20% — Injetável.

Aplicação de 20 cm³/100 kg de peso vivo, durante 10 dias consecutivos.

2.º — Tetramisol "Tortuga" — Injetável (com 11,75% de Cloridrato de Tetramisol).

Aplicação de 1 cm³/15 kg de peso vivo; fazendo 3 aplicações com intervalo de 30 dias.

3.º — Sulfamida — dimetil — pirimidina — Injetável.

Aplicação de 40 cm³/100 kg de peso vivo no 1.º dia, continuando com metade da dose por mais 3 dias consecutivos.

4.º — Vitagold ADE — Injetável. Duas aplicações de 5 cm³ intervaladas de 60 dias.

A "Cara Inchada" não é contagiosa, existindo casos de cura espontânea de animais doentes levados para regiões onde as pastagens lhes proporcionam melhor equilíbrio mineral. O mesmo acontece quando sem afastá-los da região onde ocorre a doença, lhes é proporcionado na alimentação, este equilíbrio mineral.

ESQUEMA PARA PREVENÇÃO

1.º — Fosbovi 30

Fornecer este mineral misturado ao sal branco, na proporção de 50%. Durante a época da seca, usar Fosbovi 30 vitaminado.

2.º — Tetramisol "Tortuga" Injetável

Fazer uma aplicação em todo o rebanho, continuar de quatro em quatro meses, em todos os animais com menos de dois anos, e nos adultos que mostrarem necessidade.

3.º — Vitagold ADE — Injetável. Quatro aplicações ao ano de 2 a 3 cm³, com intervalos de 3 a 4 meses.

ESTADO DE MATO GROSSO — Tecres de Fósforo e Cálcio encontrados em amostras de capins (% sôbre a matéria seca)

Procedência	n.º de amostras	FÓSFORO		CÁLCIO	
		máximo	mínimo	máximo	mínimo
Alto Araguaia	1	0,24	0,24	0,79	0,79
Amambaí	2	0,08	0,08	0,51	0,40
Baitaporã	1	0,18	0,18	0,30	0,30
Barra dos Bugres	2	0,16	0,05	0,43	0,12
Cáceres	3	0,07	0,06	0,70	0,55
Camapuã	1	0,08	0,08	0,30	0,30
Chap. Guimarães	1	0,04	0,04	0,15	0,15
Diamantino	7	0,14	0,05	0,34	0,09
Guaporé	1	0,23	0,23	0,73	0,73
Itaporã	1	0,16	0,16	0,37	0,37
Ivinhema	1	0,08	0,08	0,30	0,30
Pantanal	2	0,16	0,15	0,58	0,52
Ponta Porã	2	0,19	0,17	0,45	0,42
Rio Brilhante	1	0,08	0,08	0,22	0,22
Rio Verde	1	0,03	0,03	0,10	0,10
Rondonópolis	11	0,22	0,06	0,60	0,30
	38	0,24	0,04	0,79	0,09

FONTE: Dept.º Técnico da TORTUGA — 1971 (Dados parciais).



A mineralização do gado é uma necessidade.

**ENTRE AS 100 MELHORES
EMPRESAS PARA SE
TRABALHAR E EM MAIS
DE 800 CORAÇÕES.**



***Tortuga Companhia Zootécnica Agrária:
entre as melhores empresas para se trabalhar.***

Desde a sua criação, em 1954, a Tortuga incentiva o crescimento pessoal e profissional de seus funcionários. Esta filosofia sempre fez da empresa um ótimo lugar para se trabalhar. Hoje, mais que o reconhecimento na lista das 100 melhores, isto é motivo de orgulho para a Tortuga. Afinal são os nossos mais de 800 colaboradores que ajudam no desenvolvimento da pecuária nacional e, com isso, por um Brasil melhor.



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

www.tortuga.com.br